

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

BIANCA MARA GUEDES DE SOUZA

**DA FRASEOLOGIA À METÁFORA EM *CORPUS* DE JORNALISMO
ESPECIALIZADO: O CASO DA ALIMENTAÇÃO EM *O JOIO E O TRIGO***

UBERLÂNDIA
2026

BIANCA MARA GUEDES DE SOUZA

**DA FRASEOLOGIA À METÁFORA EM *CORPUS* DE JORNALISMO
ESPECIALIZADO: O CASO DA ALIMENTAÇÃO EM *O JOIO E O TRIGO***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ariel Novodvorski.

UBERLÂNDIA
2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S729 Souza, Bianca Mara Guedes de, 1996-
2026 Da Fraseologia à Metáfora em corpus de jornalismo
especializado [recurso eletrônico] : o caso da alimentação em O
Joio e o Trigo / Bianca Mara Guedes de Souza. - 2026.

Orientador: Ariel Novodvorski.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-
graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2026.94>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Novodvorski, Ariel, 1968-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese- PPGEL				
Data:	Vinte e sete de fevereiro de 2026	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	12213ELI001				
Nome do Discente:	Bianca Mara Guedes de Souza				
Título do Trabalho:	DA FRASEOLOGIA À METÁFORA EM <i>CORPUS</i> DE JORNALISMO ESPECIALIZADO: O CASO DA ALIMENTAÇÃO EM <i>O JOIO E O TRIGO</i>				
Área de concentração:	Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Pesquisas empírico-descritivas sob a ótica da Linguística de Corpus: do Léxico à Metáfora				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: professores doutores Rosemeire Monteiro-Plantin (UFC); Ana Cristina M. Spannenberg (FACED/UFU); Guilherme Fromm (UFU); Igor Antônio Lourenço da Silva (UFU); e Ariel Novodvorski- (UFU), orientador da candidata.

Iniciados os trabalhos, o presidente da mesa, Dr. Ariel Novodvorski, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

APROVADA

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ariel Novodvorski, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2026, às 17:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Igor Antonio Lourenço da Silva, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2026, às 17:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Fromm, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2026, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosemeire Selma Monteiro Plantin, Usuário Externo**, em 27/02/2026, às 17:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7093471** e o código CRC **37298888**.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à Universidade Federal de Uberlândia, parte tão importante da minha história. É por causa da UFU que acredito tão ferrenhamente na importância da ciência, da pesquisa colaborativa e do ensino público. Foram as pessoas e os espaços dessa universidade que me mostraram que a dedicação ao trabalho intelectual continua sendo uma fonte de valor, tanto individual quanto coletivo.

Ao contrário do que era esperado por minha família, o doutorado e esta tese não representam meu capítulo final na UFU, já que, no decorrer desse processo, me tornei, mais uma vez, aluna de graduação da instituição. Por isso, agradeço também às professoras, aos professores e aos colegas do curso de Letras – Português, que, muitas vezes sem saber, me ajudaram a reencontrar o encantamento pela pesquisa, pelo processo e pelo valor do estudo.

Este trabalho só foi possível graças ao apoio do meu orientador, Ariel Novodvorski, por quem tenho profunda admiração. Pela troca de ideias, pela confiança e por acreditar no meu trabalho, deixo aqui meu sincero muito obrigada.

Agradeço às professoras Ana Spannenberg, Elisa Teixeira e Rosemeire Monteiro-Plantin, bem como aos professores Igor Lourenço e Guilherme Fromm, por aceitarem compor as bancas de qualificação e defesa, pelo olhar crítico atento e pelas contribuições oferecidas ao longo do percurso.

À Layane Campos Soares e ao Joel Victor Reis Lisboa, não sei se devo agradecer. Foram eles que, enquanto ainda colegas do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, me ajudaram, em apenas três dias, a montar um projeto de pesquisa para o processo seletivo do doutorado. Hoje, já doutores e professores, certamente continuam incentivando e tornando possível que outras pessoas se enveredem pelos caminhos da pesquisa.

À minha família, amigos e namorado, esse trabalho é o resultado dos dias em que estive completamente indisponível para vocês. Ele também é o resultado da crença incondicional que todos vocês têm na minha capacidade intelectual.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço o financiamento da pesquisa.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo analisar e interpretar o funcionamento discursivo das unidades fraseológicas e metafóricas do campo da alimentação no jornal nativo-digital independente *O Joio e o Trigo*, investigando de que modo essas unidades participam da construção de enquadramentos críticos sobre o sistema alimentar contemporâneo. Para isso, empreendemos uma análise fundamentada teórico-metodologicamente na articulação entre a Linguística de Corpus, a Fraseologia e os Estudos da Metáfora, compreendendo a linguagem como prática social e a metáfora como recurso central na produção de sentidos e disputas simbólicas no discurso jornalístico. Do ponto de vista fraseológico, mobilizamos a tipologia de Corpas Pastor (1996); no campo da metáfora, recorremos sobretudo à perspectiva cognitiva proposta por Lakoff e Johnson (2002), bem como as contribuições de Pamies Bertrán (2002) para a análise de modelos icônicos e arquimetáforas, em diálogo com abordagens discursivas e *corpus-driven* da metáfora. A pesquisa é classificada como documental e de caráter qualitativo-interpretativista, articulando procedimentos quantitativos e qualitativos próprios da Linguística de Corpus. O *corpus* de estudo, denominado *CorJT*, é composto por textos jornalísticos publicados no site *O Joio e o Trigo*, totalizando mais de um 1.3 milhões de palavras. A análise foi conduzida a partir da extração e observação de padrões lexicais e fraseológicos recorrentes, com apoio de ferramentas do Sketch Engine, seguidas de interpretação contextual das unidades em seus cotextos e contextos discursivos de uso. Para compreender o funcionamento do jornalismo especializado em alimentação e seu papel na disputa de sentidos no espaço público, dialogamos com estudos sobre jornalismo independente, enquadramento e hegemonia discursiva, considerando o posicionamento editorial explícito do veículo analisado. A investigação revelou que as unidades fraseológicas do campo da alimentação constituem um repertório relativamente estável no discurso do *O Joio e o Trigo*, desempenhando papel central na construção de avaliações, hierarquizações e explicações sobre o sistema alimentar. Observamos que tais unidades frequentemente se articulam a processos de metaforização, sobretudo por meio dos modelos icônicos de [CONFLITO], [ALIMENTAÇÃO], [PAISAGEM] e [OBJETO], que se distribuem em diversas arquimetáforas. Essas, por sua vez, atribuem agência a atores sociais específicos e naturalizam diagnósticos críticos sobre temas como saúde pública, regulação estatal e injustiça alimentar. A análise evidenciou ainda que, mesmo quando não apresentam caráter metafórico explícito, as unidades fraseológicas contribuem para a estabilização de quadros interpretativos e para a legitimação de determinadas leituras sobre a alimentação contemporânea. Assim, a metáfora não atua como recurso isolado ou ornamental, mas em articulação com um léxico especializado que confere densidade técnica, científica e política ao discurso jornalístico. Considerando que textos produzem efeitos sociais e causais (Fairclough, 2003), os resultados desta pesquisa indicam que o discurso do *O Joio e o Trigo*, ao mobilizar combinações fraseológicas específicas e metáforas recorrentes, participa ativamente da disputa simbólica em torno da alimentação, tensionando discursos hegemônicos e contribuindo para a construção de enquadramentos críticos sobre o sistema alimentar no Brasil.

Palavras-chave: Linguística de Corpus. Fraseologia. Metáfora. O Joio e o Trigo. Jornalismo independente.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to analyze and interpret the discursive functioning of phraseological and metaphorical units related to the field of food in the independent digital-native news outlet *O Joio e o Trigo*, investigating how these units contribute to the construction of critical frames concerning the contemporary food system. With this objective in mind, the analysis is theoretically and methodologically grounded in the articulation between *Corpus* Linguistics, Phraseology, and Metaphor Theory, conceiving language as social practice and metaphor as a central resource in meaning-making processes and symbolic disputes within journalistic discourse. From a phraseological perspective, we adopt the typology proposed by Corpus Pastor (1996); with regard to metaphor, we primarily draw on the cognitive approach developed by Lakoff and Johnson (2002), as well as Pamies Bertrán's (2002) contributions to the analysis of iconic models and archimetaphors, in dialogue with discursive and *corpus*-based approaches to metaphor. The research is classified as documentary and qualitative-interpretive in nature, combining quantitative and qualitative procedures typical of *Corpus* Linguistics. The study *corpus*, named *CorJT*, consists of journalistic texts published on the *O Joio e o Trigo* website, totaling over 1.3 million words. The analysis was carried out through the extraction and observation of recurring lexical and phraseological patterns, using tools available in Sketch Engine, followed by contextual interpretation of the units in their cotexts and discursive contexts of use. In order to understand the functioning of specialized food journalism and its role in struggles over meaning in the public sphere, we engage with studies on independent journalism, framing, and discursive hegemony, considering the explicit editorial positioning of the analyzed outlet. The findings reveal that phraseological units related to the field of food constitute a relatively stable repertoire in the discourse of *O Joio e o Trigo*, playing a central role in the construction of evaluations, hierarchizations, and explanations of the food system. We observe that such units are often linked to processes of metaphorization, especially through the iconic models of [CONFLICT], [FOOD], [LANDSCAPE], and [OBJECT], which are distributed across various archimetaphors. These, in turn, attribute agency to specific social actors and naturalize critical diagnoses on issues such as public health, state regulation, and food injustice. The analysis further shows that, even when they do not display an explicit metaphorical character, phraseological units contribute to the stabilization of interpretive frames and to the legitimation of particular readings of contemporary food practices. Thus, metaphor does not function as an isolated or ornamental resource, but rather in articulation with a specialized lexicon that lends technical, scientific, and political density to journalistic discourse. Considering that texts produce social and causal effects (Fairclough, 2003), the results of this research indicate that the discourse of *O Joio e o Trigo*, by mobilizing specific phraseological combinations and recurring metaphors, actively participates in symbolic struggles around food, challenging hegemonic discourses and contributing to the construction of critical frames concerning the Brazilian food system.

Keywords: *Corpus* Linguistics. Phraseology. Metaphor. *O Joio e o Trigo*. Independent journalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Taxonomia das UFs em Corpas Pastor (1996)	27
FIGURA 2 - <i>Word Sketch</i> para agronegócio	39
FIGURA 3 - <i>Word Sketch</i> para agricultura	39
FIGURA 4 - Colagem de elementos do site <i>O Joio e o Trigo</i>	58
FIGURA 5 - <i>Corpus</i> de estudo organizado	64
FIGURA 6 - Tela inicial SE	65
FIGURA 7 - Configurações da <i>Wordlist</i>	66
FIGURA 8 - Opções de visualização da <i>Wordlist</i>	67
FIGURA 9 - Telas de funcionamento da <i>Keywords</i>	67
FIGURA 10 - Explicando o <i>Concordance</i>	68
FIGURA 11 - Página da <i>Word Sketch</i>	71
FIGURA 12 - Visualização imagética de resultados da <i>Word Sketch</i>	71
FIGURA 13 - Exemplo: expressões que indicam metáfora de guerra	73
FIGURA 14 - Exemplo: ALIMENTAÇÃO É JOGO.....	73
FIGURA 15 - Exemplos das tendências observadas na análise impressinística	74
FIGURA 16 - <i>Wordlist</i> do mini <i>corpus</i>	74
FIGURA 17 - Página <i>Keywords</i> multi-word terms mini <i>corpus</i>	75
FIGURA 18 - Página <i>Wordlist</i> busca avançada	76
FIGURA 19 - Resultados <i>Wordlist</i> busca avançada.....	76
FIGURA 20 - Linhas de concordância: advertência	76
FIGURA 21 - Linhas de concordância: conflito	77
FIGURA 22 - Linhas de concordância: defesa.....	77
FIGURA 23 - <i>Word Sketch</i> indústria no mini <i>corpus</i>	79
FIGURA 24 - <i>Word Sketch</i> indústria no <i>corpus</i> de referência	79
FIGURA 25 - Resultados <i>Concordance</i> com a palavra verbo + indústria	80
FIGURA 26 - Resultados <i>Concordance</i> com a palavra indústria + verbo	80
FIGURA 27 – Lista de palavras-chave simples do <i>CorJT</i>	84
FIGURA 28 – Lista de palavras-chave multipalavras do <i>CorJT</i>	86
FIGURA 29 - Resultados <i>Concordance</i> – aliment*	90
FIGURA 30 - Resultados colocações com aliment*	91
FIGURA 31 - Resultados <i>Word Sketch</i> substantivo + alimentar no <i>CorJT</i>	91
FIGURA 32 - Resultados <i>Word Sketch</i> substantivo + alimentar no <i>ptTenTen23</i>	92

FIGURA 33 - Resultados <i>Word Sketch</i> alimento no <i>CorJT</i>	93
FIGURA 34 - Resultados <i>Word Sketch</i> alimento no <i>ptTenTen23</i>	93
FIGURA 35 - Distribuição das fontes dos textos no <i>Portuguese Web 2023</i> para a busca <i>segurança alimentar</i>	97
FIGURA 36 - Distribuição das fontes dos textos no <i>Portuguese Web 2023</i> para a busca <i>sistema alimentar</i>	101
FIGURA 37 - Análise de unidades com a meta: acesso a alimentos	108
FIGURA 38 - Resultados da busca por <i>alimentar o</i> no <i>ptTenTen23</i>	109
FIGURA 39 - Resultado colocados para <i>alimentar o</i>	110
FIGURA 40 - Modelo icônico ALIMENTAÇÃO	112
FIGURA 41 - Resultado colocados para <i>alimento</i> no <i>CorJT</i>	117
FIGURA 42 - Resultado colocados para <i>alimento</i> no <i>ptTenTen23</i>	117
FIGURA 43 - <i>Word Sketch</i> para Fome no <i>CorJT</i>	121
FIGURA 44 - <i>Word Sketch</i> para Fome no <i>ptTenTen23</i>	121
FIGURA 45 - Análise metafórica de unidades com o item <i>fome</i>	124
FIGURA 46 - Modelos icônicos [PRODUÇÃO] e [JOGO]	128
FIGURA 47 - Resultados colocados com <i>comida</i> no <i>CorJT</i>	130
FIGURA 48 - Resultados colocados com <i>comida</i> no <i>ptTenTen23</i>	130
FIGURA 49 - <i>Word Sketch</i> para <i>adoecer</i> no <i>corpus</i> de referência	133

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tipos de colocação conforme Corpos Pastor (1996).....	27
QUADRO 2 - Tipos de locuções segundo Corpos Pastor (1996).....	28
QUADRO 3 - Tipos de parênteses	29
QUADRO 4 - Tipos de fórmulas.....	30
QUADRO 5 - Unidades fraseológicas no estudo exploratório.....	77
QUADRO 6 - Expressões metafóricas no estudo exploratório	81
QUADRO 7 – Domínio conceitual: proteção.....	96
QUADRO 8 – Domínio conceitual: sociedade.....	99
QUADRO 9 – Domínio conceitual: geografia	105
QUADRO 10 – Domínio conceitual: crescimento	111
QUADRO 11 – Resultados de colocações com <i>alimento</i>	117
QUADRO 12 - Domínio conceitual: inimigo.....	122
QUADRO 13 - Domínio conceitual: economia	127
QUADRO 14 - Resultados de colocações com <i>comida</i>	131
QUADRO 15 - A unidade metafórica <i>adoecer de comida</i>	132
QUADRO 16 - UFs com <i>prato</i> no <i>CorJT</i>	134
QUADRO 17 - UFs com utensílios.....	136

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Hipótese, questões guia e objetivos	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Compreendendo a Fraseologia	20
2.1.1 Conceitos importantes	21
2.1.2 Classificações das Unidades Fraseológicas.....	26
2.1.2.1 Unidades Fraseológicas Especializadas	30
2.2 Estudos da metáfora	31
2.2.1 Modelos icônicos e arquimetáforas na análise fraseológica	34
2.3 A função social e a prática discursiva do jornalismo	36
2.3.1 Como metáforas e fraseologismos contribuem para naturalização de perspectivas e construção de consenso	38
2.3.2 Fundamentos da prática jornalística	42
2.3.3 Tensões estruturais e contexto contemporâneo.....	46
2.3.3.1 Ética e prática profissional	48
2.4 Linguística de Corpus	51
3 METODOLOGIA.....	57
3.1 Seleção e características do corpus.....	57
3.1.1 Jornalismo especializado: conceituação e características	59
3.1.2 Jornalismo digital, investigativo e independente.....	60
3.1.3 O Joio e o Trigo: projeto editorial e posicionamento.....	60
3.1.4 Justificativa da seleção do corpus.....	62
3.2 Procedimentos metodológicos.....	62
3.3 Processamento de dados.....	64
3.4 Estudo exploratório	72
3.4.1 Explorando lemas relacionados à guerra.....	75
3.4.2 Explorando o lema indústria.....	78
3.5 Articulando objetivos, fundamentação teórica e procedimentos metodológicos	81
4 COMPREENDENDO FRASEOLOGISMOS E METÁFORAS DO CORJT	84
4.1 Do sistema alimentar ao maniqueísmo dos alimentos	89
4.1.1 O adjetivo “alimentar” no CorJT.....	95
4.1.2 O verbo “alimentar” no CorJT	109
4.1.2.1 O Brasil alimenta o mundo: apropriação crítica de um slogan hegemônico	113
4.1.3 O substantivo “alimento” no CorJT.....	116
4.1.3.1 A oposição ultraprocessado vs saudável.....	119

4.2 As múltiplas faces da fome.....	121
4.3 Comida e adoecimento	129
4.4 Prato, mesa e talheres.....	134
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICES	151
Apêndice A	151
Apêndice B.....	153

1 INTRODUÇÃO

Preciso apontar, logo de cara, que, muito embora, esta tese tenha sido conduzida e concluída dentro de um Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, o jornalismo, tal qual leite fervendo, transbordou e se derramou para além de seu papel original como objeto de estudo. Assim, ao longo do processo, este trabalho foi redesenhado – o que resultou em uma pesquisa que, além de descrever e analisar combinações de palavras e unidades metafóricas, tenta desvendar um pouco do processo de escrita jornalística e quais são os mecanismos que permitem um veículo de comunicação falar como fala, sobre o assunto que fala e, para além disso, disputar sentidos no espaço público por meio de enquadramentos discursivos e representações socialmente orientadas.

Nesta seção, como um cozinheiro que prepara seu *mise en place*, organizando cada passo e cada ingrediente para a execução de uma receita, apresento os assuntos de interesse desta tese: linguagem, jornalismo e alimentação. A seleção desses tópicos são fruto de meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo me dediquei, desde o primeiro período da graduação, a pesquisar e compreender a complexa e poderosa relação entre o que se diz sobre algum assunto nos jornais e o que se depreende sobre esses temas de forma geral em sociedade – assim, ao longo da última década, fui parte de várias pesquisas que buscaram analisar as representações criadas e reforçadas no jornalismo sobre determinados assuntos e atores sociais. Portanto, tenho trilhado um caminho na discussão de múltiplos temas, a partir de uma perspectiva que considera a língua em uso, e que busca entender os efeitos sociais dos textos.

A centralidade dos textos jornalísticos como objeto de pesquisa nesta e nas pesquisas já desenvolvidas é resultado das preocupações com o exercício da profissão e com o papel dos meios de comunicação na nossa sociedade. Principalmente, no que diz respeito à responsabilidade social do jornalismo e à relação desigual de poder estabelecida entre ele e a população. Fernandes (2002) argumenta que o jornalismo é uma esfera que organiza os acontecimentos, ordenando-lhes e dando coerência ao que acontece na sociedade contemporânea. Já Correia (2000, p. 195), argui que o jornalismo “desempenhou um papel decisivo de estruturação do próprio espaço público e do consenso social: sem o jornalismo não se formaria opinião pública ou, pelo menos, esta teria uma configuração decerto diversa daquela que conhecemos”. O espaço público, segundo esse autor, pode ser classificado como espaço público midiaticado (Correia, 2000), visto que não se pode mais desassociá-lo da mídia. Essa capacidade de organizar o espaço público e o consenso social aproxima o jornalismo das

disputas por hegemonia¹ discursiva, entendida como a estabilização de determinadas formas de ver e interpretar a realidade.

Pensando e discutindo a responsabilidade social do jornalismo (Ijuim, 2009), fiz parte de projetos de pesquisa e extensão relacionados à interseção jornalismo e políticas públicas, questionando o papel da mídia na fiscalização das políticas públicas já implementadas, de forma a apontar a necessidade de outras ações do Estado. Também já desenvolvi pesquisas com suporte teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica; primeiro sobre as representações do aborto e das mulheres que abortaram construídas pelo jornalismo tradicional e alternativo; como também, em grupo, pesquisei sobre as representações e avaliações do ensino remoto no jornalismo brasileiro, após a pandemia de Covid-19.

Nesse meio tempo, comecei a ter contato com os conceitos da Linguística de Corpus (doravante LC). Durante o mestrado, na disciplina *Estudos Descritivos e Linguística de Corpus* ministrada pelo Prof. Dr. Ariel Novodvorski, tive contato com a LC e, timidamente, a utilizei na dissertação. Durante o processo de aplicação e ingresso no doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, decidi que queria conhecer outras facetas da Linguística, e, por isso, ingressei na linha de pesquisa Teoria, Descrição e Análise Linguística sob a orientação do Professor Ariel. Passei o primeiro ano do doutorado tentando desenhar um projeto no qual eu gostaria de trabalhar. Nesse contexto, os encontros do Grupo de Pesquisa em Estudos Contrastivos (GECon) liderados por meu orientador, a disciplina *Tópicos em Estudos Linguísticos: Fraseologia, Metáfora e Corpus* ministrada por ele e seu atual projeto de pesquisa, nomeado *Pesquisas empírico-descritivas sob a ótica da Linguística de Corpus: do Léxico à Metáfora*, tornaram o ambiente inspirador para que eu comesse a pensar em pesquisar fraseologismos e metáforas. Tive certa resistência em seguir tal caminho, porque sinto uma dificuldade tremenda com a linguagem figurada e foi uma experiência esclarecedora passar a compreendê-la como mais do que uma figura de linguagem, mas sim como um recurso linguístico entremeado em nosso cotidiano e nossa cognição.

Ao passo em que me encantei por esse caminho, também voltei a um material que já tinha pensado em tornar objeto de pesquisa: o jornalismo desenvolvido pela equipe do site *O Joio e o Trigo*. O *Joio* trabalha com temas especializados em alimentação e saúde, sobretudo

¹ Ao longo desta tese, mobilizamos o conceito de hegemonia algumas vezes. Por isso é importante situar que o fazemos compartilhando da visão de Fairclough (2003, p. 218, tradução nossa), para quem hegemonia é: “Uma forma particular de conceituar o poder e a luta pelo poder nas sociedades capitalistas (associada a Gramsci), que enfatiza como o poder depende do consentimento ou da aquiescência, e não apenas da força, e a importância da ideologia. O discurso, incluindo o domínio e a naturalização de representações particulares é um aspecto significativo da hegemonia e da luta pelo discurso da luta hegemônica.”

no encontro dessas temáticas com as questões de poder, seja ele político, econômico ou social. É importante entender que para o jornalismo desenvolvido pelo *Joio*, as relações de poder perpassam todas as decisões que envolvem nossa alimentação em sociedade – da escolha do que se planta e como se planta, passando por quem colhe, quem seleciona o que vem para nossa mesa, quais políticas estão em vigência estimulando esse ou aquele alimento, até como montamos nosso prato. Assim, as escolhas linguísticos-discursivas realizadas pelos jornalistas, revisores e editores abocanham um punhado de representações sobre o mundo, construídas, reforçadas e retomadas por combinações específicas de palavras e metáforas estrategicamente selecionadas.

Quando conceituo a alimentação como temática central desta pesquisa, o faço a partir das considerações da comida como elemento cultural importante de todas as civilizações humanas – passadas, presentes e futuras. A relevância da alimentação nos processos de estruturação da sociedade começa em seu caráter polissêmico, perpassando por sua onipresença nas esferas da vida humana e sua importância para a sobrevivência. A comida é um elemento cultural central, até quando falamos em nos abstermos dela, como em períodos de jejuns religiosos.

O comer é cultural. Montanari (2004, p. 15-16, grifos do autor) defende que

Comida é cultura *quando produzida*, porque o homem não utiliza apenas o que encontra na natureza (como fazem todas as outras espécies animais), mas ambiciona também criar a própria comida, sobrepondo a atividade de produção à de preparação. Comida é cultura *quando preparada*, porque, uma vez adquiridos os produtos-base da sua alimentação, o homem os transforma mediante o uso do fogo e de uma elaborada tecnologia que se exprime nas práticas de cozinha. Comida é cultura *quando consumida*, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas *escolhe* a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos de que a própria comida se reveste. Por meio de tais recursos, a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la.

Pensando nisso, podemos dizer que são profundas as mudanças nos hábitos de alimentação que ocorreram e continuam a acontecer nos modos de produção e consumo da sociedade contemporânea capitalista. Em um período curtíssimo da história humana, saímos em massa dos campos para ocupar cidades com cada vez maior densidade populacional. Deixamos de plantar, colher, ordenhar, criar e preparar nossos alimentos, para abrir pacotes de comida pré-pronta, que requerem pouco ou nenhum tempo de preparo.

Tais transformações têm impacto direto na vida social, seja porque perdemos de vista a produção dos alimentos ou porque ao lermos rótulos de produtos alimentícios no mercado nos deparamos com palavras que definitivamente não se referem a comida, e ainda porque nas

primeiras décadas do século XXI temos cada vez menos tempo para os rituais que envolvem realizar uma refeição em grupo. Essas transformações também se observam na saúde pública com o aumento no consumo de ultraprocessados sendo continuamente ligado à maior prevalência de doenças crônicas como obesidade, doenças cardiovasculares, alterações de marcadores metabólicos entre outras questões (Cediel et al, 2023). Os alimentos ultraprocessados são definidos pelo Guia Alimentar para População Brasileira como

formulações industriais feitas inteiramente ou majoritariamente de substâncias extraídas de alimentos (óleos, gorduras, açúcar, amido, proteínas), derivadas de constituintes de alimentos (gorduras hidrogenadas, amido modificado) ou sintetizadas em laboratório com base em matérias orgânicas como petróleo e carvão (corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e vários tipos de aditivos usados para dotar os produtos de propriedades sensoriais atraentes). Técnicas de manufatura incluem extrusão, moldagem, e pré-processamento por fritura ou cozimento. (Brasil, 2014, p. 41).

Pesquisadores da área da saúde, responsáveis pela classificação dos ultraprocessados, chegam a identificá-los como uma categoria oposta à comida de verdade, para Monteiro *et al* (2019, p. 939)

Alimentos ultraprocessados não são ‘comida de verdade’. Como já colocado, eles são formulações de substâncias alimentares, frequentemente modificadas por processos químicos e, em seguida, transformadas em produtos alimentícios e bebidas hiperpalatáveis prontos para consumo, utilizando aromas, corantes, emulsificantes e uma infinidade de outros aditivos cosméticos. A maioria é produzida e promovida por corporações transnacionais e outras grandes empresas. Seu ultraprocessamento os torna altamente lucrativos, extremamente atraentes e intrinsecamente prejudiciais à saúde.²³

Levando em conta esse contexto, dizer que a dimensão cultural da comida se reflete na linguagem não deve ser surpresa para ninguém. No entanto, acredito que não discutimos nem de perto o suficiente sobre como essas relações entre alimentação e cultura se reverberam socialmente, em especial, como essas se desdobram na sociedade mediatizada digital e em nossa língua. Para compreender como acontecem esses desdobramentos, recorro aos estudos de Manuel Castells, sociólogo e pesquisador da comunicação em rede. Castells tem analisado nas últimas décadas como o processo de globalização decorrente da intensa popularização e ampliação de acesso à internet tem transformado as instâncias de poder social.

² Todas as citações originalmente em outros idiomas foram traduzidas pela autora.

³ No original: Ultra-processed foods are not ‘real food’. As stated, they are formulations of food substances often modified by chemical processes and then assembled into ready-to-consume hyper-palatable food and drink products using flavours, colours, emulsifiers and a myriad of other cosmetic additives. Most are made and promoted by transnational and other giant corporations. Their ultraprocessing makes them highly profitable, intensely appealing and intrinsically unhealthy.

Para Castells (2009), o compartilhamento de símbolos culturais não ocorre somente no meio social externo ao indivíduo, mas principalmente nas redes de conexões neurais que fixam enquadramentos de significados na mente e a eles recorrem quando necessário. O cérebro humano funciona a partir da interação – em especial, com a dimensão social da vida construída com base na linguagem e comunicação –, e são principalmente os estímulos provenientes da comunicação que são as principais fontes de sinais para a construção dos significados na mente. Dessa forma, “posto que o significado determina em grande medida a ação, a comunicação do significado se converte na fonte do poder social por sua capacidade de enquadrar a mente humana”⁴ (Castells, 2009, p. 189). Nesse sentido, os enquadramentos mentais descritos por Castells encontram no discurso⁵ jornalístico um espaço privilegiado de produção e circulação, uma vez que a linguagem, em especial por meio de metáforas recorrentes, atua como mediadora entre experiência social, cognição e poder.

Esses significados enquadrados na mente são acessados a partir da linguagem por meio de protocolos de comunicação e, para diversos autores, os mais importantes deles são metáforas (Lakoff; Johnson, 1980). Os campos semânticos da linguagem são como quadros conceituais, que operam como ponte entre a linguagem e as redes de neurônios produzindo narrativas sobre o mundo. Nesse contexto, o papel das metáforas é estruturar a comunicação selecionando associações específicas entre a linguagem e a experiência no mapa cerebral. Tais metáforas enquadradas na mente não são construídas arbitrariamente, mas na verdade “se baseiam na experiência e derivam da organização social que define os papéis sociais em uma cultura, que depois se incorporam aos circuitos cerebrais”⁶ (Castells, 2009, p. 197).

É nesse ponto que toda a discussão sobre a mente, poder e comunicação se encontra com a pesquisa desenvolvida, porque é partindo da descrição da língua em uso em um contexto de comunicação institucionalizado – o jornalismo – que pretendo analisar metáforas do campo lexical e semântico da alimentação.

Para as próximas seções e subseções deste texto deixarei de lado a primeira pessoa do singular; a utilizei até aqui, porque contava de uma história muito particular sobre minhas experiências na academia e como elas se conectaram para que esta tese fosse possível. A partir

⁴ No original: “Puesto que el significado determina en gran medida la acción, la comunicación del significado se convierte en la fuente del poder social por su capacidad de enmarcar la mente humana.”

⁵ Entendemos o termo discurso tal qual Fairclough (2003, p. 214-215), para quem ele carrega duas acepções: “‘Discurso’ é utilizado num sentido geral para designar a linguagem como um elemento da vida social dialeticamente relacionado com outros elementos. ‘Discurso’ também é utilizado de forma mais específica: diferentes discursos são diferentes formas de representar aspetos do mundo.”

⁶ No original: “Se basan en la experiencia, y gen de la organización social que define los roles sociales en una cultura y después queda incorporada a los circuitos cerebrales.”

da próxima subseção, assumo a escrita na primeira pessoa do plural, porque ao escrever esse texto fui atravessada por discursos de outros, seja por meio de seus escritos ou por sua colaboração trocando ideias e discutindo pontos específicos que figuram nos resultados encontrados.

1.1 Hipótese, questões guia e objetivos

Levando em consideração as relações de poder mediatizadas, a relevância da alimentação e da comida como cultura, o tipo de jornalismo praticado pelo *Joio* e o poder da comunicação no estabelecimento de enquadramentos mentais acionados por metáforas, esta tese parte da seguinte hipótese: O jornalismo especializado praticado pelo *O Joio e o Trigo* mobiliza o léxico do campo alimentar para construir um enquadramento crítico da alimentação contemporânea, operando em duas dimensões que se complementam: a primeira, mediante uso de unidades fraseológicas, enquadra a alimentação como problema estrutural de justiça social e territorial, conectada a campos especializados de linguagem; a segunda, metafórico-ideológica, projeta o domínio concreto da alimentação sobre processos abstratos de poder, personificando atores econômicos e explicitando assimetrias. Esse movimento discursivo permite ao veículo contestar narrativas hegemônicas, ao mesmo tempo em que contribui para a estabilização de um vocabulário crítico alternativo.

Buscando confirmar a hipótese apresentada, partimos de três questões guia para o desenvolver a tese:

1. Que fraseologismos revela o *corpus* de um jornalismo contra-hegemônico, especializado em alimentação?
2. Quais as relações estabelecidas entre as unidades fraseológicas, na temática da alimentação no *Joio e o Trigo*, e as metáforas presentes no *corpus*?
3. Que representações da alimentação, enquanto problema de justiça social e territorial, podem ser apreendidas através do mapeamento das unidades metafóricas do *corpus*?

A partir de nossa hipótese e das questões guia delineamos os objetivos da pesquisa. Primeiro, o objetivo geral é: analisar e interpretar o funcionamento discursivo das unidades fraseológicas e metafóricas do campo da alimentação no jornal nativo-digital independente *O Joio e o Trigo*, investigando de que modo essas unidades participam da construção de enquadramentos críticos sobre o sistema alimentar contemporâneo.

Considerando o objetivo geral, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- a. Identificar e descrever os fraseologismos presentes em um *corpus* de jornalismo especializado em alimentação com viés crítico;

- b. Problematicar as relações entre as unidades fraseológicas e o campo metafórico implícito no *corpus*;
- c. Analisar como as expressões metafóricas compiladas, descritas e exploradas contribuem na construção de representações da alimentação como problema de justiça social e territorial.

Os procedimentos necessários para realizar a pesquisa incluem o desenho teórico, que traz as teorias acionadas e como elas compreendem os fenômenos de língua que nos interessam na pesquisa. Para alcançar os objetivos traçados e buscar confirmar a hipótese, seguimos um conjunto de passos metodológicos que incluíram o planejamento, a seleção e caracterização do *corpus* de estudo, a compilação de textos para constituição do *corpus*, o processamento desse por um software de análise lexical e a descrição do passo a passo adotado, nas ferramentas de análise, para geração dos resultados.

Para além disso, há também os procedimentos analíticos, que começaram com um caráter exploratório e nos levaram a escrever o projeto para, então, chegarmos ao caminho da descrição de realizações lexicogramaticais, leituras de listas (de palavras, de palavras-chave, de concordância), realização de agrupamentos de ocorrências, identificação de unidades fraseológicas, mapeamentos entre domínios fonte e alvo, até chegar às metáforas conceptuais apreendidas do *corpus* de estudo. Após todas essas ações, refletimos sobre os resultados, os interpretamos e verificamos como esses confirmam, negam ou modificam a hipótese proposta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de embarcar na jornada teórica que dá substância ao nosso trabalho, consideramos necessário relembrar alguns pressupostos basilares no fazer pesquisa adotado. O primeiro, e mais importante, desses pressupostos diz respeito à filiação, por isso destacamos que nos vinculamos à linha de pesquisa Teoria, Descrição e Análise Linguística do PPGEL/UFU. Sobre como se estabelece a relação entre teoria, descrição e análise, Halliday e Matthiessen (2014) argumentam que essas se diferenciam, em pesquisas empíricas, no grau de abstração a partir dos dados. Na perspectiva dos autores, quando já existe uma descrição disponível, a análise parte dela para identificar, nos textos, os termos e estruturas que neles se instanciam. Quando não há descrição prévia, é a própria análise acumulada de textos que a constrói gradualmente.

Ao mesmo tempo, a análise possibilita que se averigue e valide a descrição: “a análise textual é uma forma muito rigorosa de testar e, portanto, de melhorar as descrições existentes, porque tudo num determinado texto tem de ser considerado na descrição” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 54)⁷. Além dessa relação de retroalimentação que é estabelecida entre descrição e análise, Halliday e Matthiessen (2014), ressaltam que: enquanto a descrição de uma língua é um processo de generalização a partir da análise de dados textuais, ou seja, de particularidades da língua, a teoria é uma explicação do funcionamento da linguagem em geral.

A partir do entendimento de que desenvolvemos um trabalho de análise linguística com base empírica, discutimos nesta seção de fundamentação teórica alguns pontos essenciais para a compreensão do processo de análise executados na pesquisa. Entre esses, estão os pressupostos oferecidos pelos estudos da Fraseologia, da Metáfora e da Linguística de Corpus. Além disso, a fundamentação teórica sobre o Jornalismo dá suporte à análise interpretativa das unidades fraseológicas e metafóricas encontradas no material analisado.

2.1 Compreendendo a Fraseologia

A Fraseologia é uma disciplina que se desenvolveu primeiro dentro dos estudos em Lexicologia, para depois se firmar como campo próprio. Nesse sentido, é uma disciplina que se concentra no estudo de combinações de palavras que têm um significado específico e uma estrutura gramatical própria. Tais unidades podem variar desde expressões idiomáticas até provérbios, colocações, clichês e outras formas de expressão lexicalizada. É de interesse dos estudos fraseológicos investigar como essas unidades fraseológicas são formadas, caracterizadas, como são usadas na comunicação, como são interpretadas e como evoluem ao

⁷ No original: “Text analysis is a very rigorous way of testing, and thus improving, existing descriptions because everything in a given text has to be accounted for in the description”.

longo do tempo. Na pesquisa que realizamos o foco dado às unidades fraseológicas foi justamente para a compreensão de como elas são usadas na comunicação. Por princípio, assim como Saussure (1916, p. 148), reconhecemos que as palavras não são usadas isoladamente, ou seja, “não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas que são elas próprias signos”. Em resumo, a Fraseologia entende que as palavras podem assumir combinações preestabelecidas com significados que vão além da soma de suas partes individuais.

Corpas Pastor (2003) retrata a história dessa disciplina, de acordo com a autora, esses estudos tomaram volume a partir de uma série de eventos acadêmicos internacionais na década de 1980. Iniciada em 1981, com o primeiro encontro internacional em Mannheim, impulsionada principalmente pela escola eslava e alemã, a Fraseologia consolidou-se com a realização de múltiplos congressos na Europa. A partir de 1988, esses eventos adotaram o nome Europhras, marcando assim o caminho para a criação da *European Society of Phraseology* (EUROPHRAS) em 1999, sediada em Zurique. A EUROPHRAS⁸ promove o intercâmbio científico e a cooperação internacional no campo da fraseologia, organizando congressos desde o ano 2000. Além de pesquisadores alemães e eslavos, uma variedade de delegações foi integrada, incluindo espanhola, britânica, francesa e italiana. Os estudos sobre fraseologia espanhola se estabelecem a partir da década de 1990, com diversos trabalhos e eventos relacionados à área. Em 1996, Corpas Pastor publicou o *Manual de Fraseología Española*, resultante de suas investigações de doutorado.

Corpas Pastor (1996, 2003), Timofeeva (2008), Monteiro-Plantin (2014), entre outros autores, ressaltam que quando tratamos do que é Fraseologia e qual seria o objeto desse campo de estudo há divergências em classificações, recortes e nomeações. Dada a importância da questão, ao longo da próxima subseção, nos atentaremos a explicitar com quais autores nos filiamos e a partir de quais compreensões sobre o funcionamento da língua apoiamo-nos para desenvolver nosso trabalho.

2.1.1 Conceitos importantes

O objeto de estudo da Fraseologia é primordialmente a combinação de palavras. Um dos principais conceitos da disciplina é o de Unidade Fraseológica (UF), que pode ser definida como uma combinação estável de, ao menos, duas palavras; que vão desde sintagmas formados por duas palavras gráficas até a oração composta, apresentando como traços essenciais a fixação

⁸ Site da instituição: <https://europhras.org/>

ou a idiomaticidade por si mesmas, ou uma combinação de ambos os critérios (Corpas Pastor, 2003). De modo mais detalhado, tais unidades se caracterizam pela polilexicalidade, alta frequência de uso e coocorrência de seus elementos integrantes, assim como por sua convencionalidade, que compreende fixação e especialização semântica, potencial de variação e gradação dessas características (Corpas Pastor, 1996).

Das características das UFs, primeiro trataremos da polilexicalidade, que para Copas Pastor (1996) já é presumida como parte integrante de tais unidades. Segundo Monteiro-Plantin (2014), a polilexicalidade diz respeito a uma característica quantitativa e qualitativa das UFs, relacionada ao número de elementos parte dessas unidades e à significação delas. Assim,

se toda UF é formada por pelo menos duas unidades lexicais, armazenadas na memória como se fossem uma só, tal qual em *rodar a baiana*, *chutar o pau da barraca*, *soltar os cachorros*, *água que passarinho não bebe*, *descascar o abacaxi*, *chorar o leite derramado*, *comer mingau pelas beiradas*, *comer capim pela raiz*, *pernas pra que te quero*, *sebo nas canelas...*, é porque, independentemente do número de elementos que a constituem, elas representam uma unidade. Trata-se, pois, de lexia composta. (Monteiro-Plantin, 2014, p. 85, destaques da autora).

Quanto à frequência, Copas Pastor (1996) a divide em duas questões essenciais, primeiro em relação à frequência de coocorrência de seus elementos constituidores e depois à frequência de uso das UFs. A frequência de coocorrência diz respeito à presença dos elementos constituintes das UFs combinados em um *corpus* representativo da língua, em quantidade superior ao que se espera da frequência de presença desses elementos quando separados. Já a segunda, é relativa à observação de frequência de expressões fixas em um *corpus*, ou seja, “essas combinações também se caracterizam por serem frequentes como um todo, isto é, como unidades. Esta é a base da corrente estatística, e este também é o princípio subjacente aos programas atuais de gestão de *corpus* e de extração automática de colocação”⁹ (Copas Pastor, 2003, p. 64). O conceito de frequência está relacionado intimamente ao conceito de convencionalidade (*institucionalización* no espanhol).

A convencionalidade refere-se ao processo pelo qual as UFs se tornam estabelecidas e reconhecidas dentro de uma língua ou comunidade linguística. Esse processo acontece com base em sua repetição frequente e reprodução no discurso, o que leva os falantes a reconhecê-las como parte integrante e familiar da linguagem. Para Copas Pastor (1996, p. 22) e outros autores, há uma dimensão psicolinguística da colocação, “as combinações repetidas funcionam como unidades do léxico mental, ou seja, se armazenam e são usadas como entidades completas

⁹ No original: “dichas combinaciones se caracterizan por ser también frecuentes en su conjunto, esto es, como unidades. Ésta es la base de la corriente estadística, y éste es también el principio que subyace a los programas actuales de gestión de corpus y de extracción automática de colocaciones.”

em maior ou menor grau”¹⁰. A convencionalidade apresenta dois traços essenciais: a fixação e a especialização semântica.

A fixação refere-se à estabilidade e recorrência das unidades fraseológicas, ou seja, a tendência de certas combinações de palavras permanecerem inalteradas ao longo do tempo e serem usadas repetidamente pelos falantes nativos de uma língua. Essas combinações que se fixam na língua são arbitrárias e não são homogêneas para todos os falantes (Corpas Pastor, 1996). Dessa maneira, a fixação é uma característica importante das unidades fraseológicas e contribui para sua identificação e reconhecimento. Esse fenômeno se subdivide em fixação interna e externa, sendo a primeira relacionada à fixação material (referente à impossibilidade de inserção, alteração ou supressão de componentes da UF) e a fixação de conteúdo.

Assim, a fixação material se desdobra em uma fixação léxica e sintática, a primeira está atrelada à estabilidade das palavras que compõem uma unidade fraseológica, portanto, essas palavras tendem a ocorrer juntas em uma sequência específica e não podem ser substituídas sem alterar o significado da expressão. Por exemplo, na expressão idiomática *chá de cadeira*, as palavras *chá* e *cadeira* estão fixadas e não podem ser modificadas sem prejudicar o sentido da expressão. Já a fixação sintática tem relação com ordem e estrutura das palavras dentro de uma unidade fraseológica, essa estrutura gramatical específica não pode ser alterada sem afetar o significado da unidade. Por exemplo, na locução *prato cheio*, a ordem das palavras *prato* e *cheio* é fixada e não pode ser invertida sem alterar o significado da locução. Em continuidade, a fixação de conteúdo ou fixação semântica diz respeito à estabilidade do significado de uma unidade fraseológica ao longo do tempo e em diferentes contextos de uso. Por exemplo, a UF *separar o joio do trigo* tem um significado figurado que é compreendido pelos falantes da língua, independentemente do contexto específico em que é usado.

Por sua vez, a fixação externa subdivide-se em situacional (relacionada à situação de conversação), analítica (uso de certas unidades linguísticas para análises), pasemática (uso de algumas combinações relacionadas ao papel do falante no ato comunicativo), posicional (uso de determinadas unidades em posições convencionais em textos). De forma sucinta, para Pamies Bertrán (2007, p. 1) a fixação “se define a partir de três ângulos: restrição formal entre os eixos sintagmático e paradigmático (restrições morfossintáticas, impossibilidade de inserção

¹⁰ No original: “Las combinaciones repetidas funcionan como unidades del lexicón mental, es decir, se almacenan y se usan como entidades completas en mayor o menor grado”.

de complementos, etc.), maior frequência estatística de coocorrência e de mudanças de valências”¹¹.

O segundo traço essencial da convencionalidade é a especialização semântica, também chamada de lexicalização, esse fenômeno diz respeito ao processo pelo qual uma expressão ou construção gramatical se torna parte do léxico de uma língua. Isso implica que uma palavra ou conjunto de palavras que originalmente poderia ter sido usada apenas de maneira sintática ou gramatical, adquire um significado específico e se torna um item lexicalizado, ou seja, é tratada como uma unidade semântica única dentro da língua. Corpas Pastor (1996) explica que esse processo pode acontecer tanto por acréscimo de significado quanto por supressão. A autora ressalta que “toda expressão que apresente especialização semântica é fixa, mas não necessariamente ocorre o inverso”¹² (Corpas Pastor, 1996, p. 26).

Como exemplo de lexicalização por acréscimo, podemos citar a expressão *fazer o arroz e feijão*, que originalmente referia-se ao ato de preparar esses dois alimentos básicos da culinária brasileira, que são consumidos diariamente por muitas pessoas no país. No entanto, a expressão foi lexicalizada por acréscimo de significado e é usada para descrever qualquer atividade habitual ou simples. Há, também, o caso da UF *virar a mesa*, que originalmente era *virar a mesa durante uma refeição*, indicando literalmente o ato de virar uma mesa de jantar, geralmente em um contexto de raiva ou indignação. Com o tempo, a parte *durante uma refeição* foi suprimida e a UF passou a ser utilizada de forma mais figurada para indicar uma mudança radical em uma situação ou a reversão das expectativas, muitas vezes em um contexto de conflito ou competição.

Retomando os principais traços essenciais das UFs, a idiomaticidade diz respeito à especialização semântica em seu grau mais elevado. Para Corpas Pastor (1996, p. 26-27),

esta característica se refere àquela propriedade semântica que apresentam certas unidades fraseológicas, para qual o significado global de dita unidade não é deduzível do significado isolado de cada um de seus elementos constitutivos [...]. As unidades fraseológicas podem apresentar dois tipos de significado denotativo: significado denotativo literal e significado denotativo figurado ou translaticio, ou seja, idiomático. É precisamente o segundo o responsável da idiomaticidade que apresentam a maior parte destas unidades. Nesse sentido, convém recordar que nem todas UFs são idiomáticas, pois trata-se de uma característica potencial, não essencial, deste tipo de unidades.¹³

¹¹ No original: “La fijación se define desde tres ángulos: restricción formal en los ejes sintagmático y paradigmático (restricciones morfosintácticas, imposibilidad de inserción de complementos, etc.), mayor frecuencia estadística de coocurrencia y de alteración valencial”.

¹² No original: “toda expresión que presente especialización semántica es fija, pero no ocurre necesariamente lo mismo a la inversa”.

¹³ No original: “Esta característica se refiere a aquella propiedad semántica que presentan ciertas unidades fraseológicas, por la cual el significado global de dicha unidad no es deducible del significado aislado de cada uno

Em outras palavras, a idiomaticidade está relacionada com o caráter idiomático de determinadas unidades fraseológicas. Podemos dizer que a compreensão da idiomaticidade perpassa pela compressão da gradação de opacidade das UFs.

A questão de gradação entre opacidade e transparência dessas unidades diz respeito a sua capacidade de serem compreendidas a partir do sentido de seus componentes até a idiomaticidade. Por exemplo, as UFs *prato principal* > *prato feito* > *prato cheio* demonstram como a opacidade e transparência funcionam em graus. No primeiro caso, *prato principal* é completamente transparente, pois corresponde à comida principal de uma refeição, podendo ser antecedido de uma entrada e seguido de sobremesa. Na segunda, a opacidade começa a acontecer, mas ainda nos referimos à comida. Nesse caso, é uma “refeição de preço bem acessível, já servida no prato, composta geralmente de arroz, feijão, carne e, às vezes, algum tipo de legume, podendo incluir ou não sobremesa; pê-efe, prato comercial, sortido” (Michaelis On-line, 2024). Por fim, a unidade *ser um prato cheio* significa oportunidade, sendo seu sentido não acessado pela soma de suas partes e sim pelo contexto de cultura.

Dessa forma, a idiomaticidade é uma característica intrínseca de UFs com maior grau de lexicalização e opacidade, por exemplo, nas expressões idiomáticas *estar com a faca e o queijo na mão* ou *colocar a mão no fogo*. A primeira diz respeito a possuir oportunidade e a segunda ao comprometimento sobre algo; portanto, possuem significados figurados que vão além do sentido literal de seus componentes. A compreensão dessas expressões requer do falante não apenas o conhecimento das palavras envolvidas, mas também uma compreensão cultural e contextual das situações em que são utilizadas. A idiomaticidade também está presente em outras formas de unidades fraseológicas, como colocações e locuções, que possuem um significado particular que não pode ser inteiramente compreendido pela simples combinação de suas partes constituintes. Por exemplo, a colação *tomar uma decisão* ou a locução *de vez em quando* têm significados específicos que não podem ser deduzidos apenas pelas palavras individuais que as compõem.

Para Corpas Pastor (1996), a variação fraseológica é fenômeno universal e quanto maior a regularidade das variações em uma língua, mais estruturado é seu sistema fraseológico. A autora divide a variação em duas possibilidades: as variantes e as variações/modificações.

de sus elementos constitutivos [...] Las unidades fraseológicas pueden presentar dos tipos de significado denotativo: significado denotativo literal y significado denotativo figurativo o traslaticio, es decir, idiomático. Es precisamente el segundo el responsable de la idiomaticidad que presentan la mayor parte de estas unidades. En este sentido, conviene recordar que no todas las UFS son idiomáticas, pues se trata de una característica potencial, no esencial, de este tipo de unidades”.

Enquanto as primeiras são expressões que apresentam pequenas mudanças estruturais sem alteração de significado, além de “serem livres e independentes dos contextos em que aparecem, serem parcialmente idênticas em sua estrutura e componentes, e serem fixas” (Corpas Pastor, 1996, p. 28)¹⁴, como *dar sopa* e *dar mole*. As segundas são alterações criativas em que o grau de fixidez de uma unidade afeta sua capacidade de ser modificada no discurso. Assim, unidades mais convencionalizadas tendem a sofrer mais modificações, o que, por sua vez, influencia a expressão e os significados que os falantes reconhecem.

Corpas Pastor (1996) explica que as características das unidades fraseológicas, como idiomaticidade e fixação, podem ser organizadas em uma escala, variando conforme o grau em que as apresentam. A gradação tem sido usada para classificar essas unidades com base em fatores como restrições sintáticas e grau de idiomaticidade, permitindo compreender melhor a transferência de significado. Além disso, sugere que as UFs não são estáticas, mas podem ser usadas com flexibilidade dependendo do contexto. Para a autora, quanto menor a restrição semântica, maior a liberdade de uso, o que influencia a percepção e produção do discurso.

No próximo tópico apresentamos a classificação das UFs adotadas neste trabalho.

2.1.2 Classificações das Unidades Fraseológicas

Diversos trabalhos propõem e revisitam divisões sobre as UFs, como Tagnin (2005), Monteiro-Plantin (2014), Casares (1950 *apud* Corpas Pastor, 1996), Coseriu (1966 *apud* Corpas Pastor, 1996), Thun (1978 *apud* Corpas Pastor, 1996), Zuluaga (1980 *apud* Corpas Pastor, 1996), entre outros. É revisitando diversas propostas e analisando suas lacunas que Corpas Pastor (1996) desenha sua classificação para as UFs. Para a autora, é mais produtivo separar as unidades combinando os critérios *enunciado* e *fixação*. Ela explica que

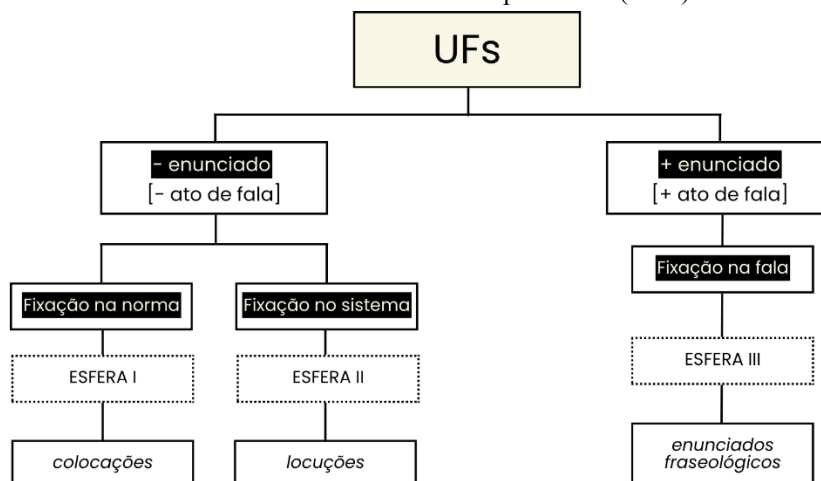
Um enunciado é entendido como uma unidade mínima de comunicação, o produto de um ato de fala, que geralmente corresponde a uma oração simples ou composta, mas que também pode consistir em um sintagma ou uma palavra (cf. Zuluaga, 1980; 191). De acordo com esse critério, são estabelecidos dois grupos de unidades fraseológicas: as UFs que não constituem enunciados completos e as que constituem (cf. Gramley e Patzold, 1992: 54)¹⁵. (Corpas Pastor, 1996, p. 51).

¹⁴ No original: “ser libres e independientes de los contextos en que aparecen, ser parcialmente idénticas en su estructura y en sus componentes, y ser fijas”.

¹⁵ No original: Entendemos por enunciado una unidad de comunicación mínima, producto de un acto de habla, que corresponde generalmente a una oración simple o compuesta, pero que también puede constar de un sintagma o una palabra (cf. Zuluaga, 1980; 191). De acuerdo con este criterio, se establecen dos grupos de unidades fraseológicas: aquellas UFS que no constituyen enunciados completos, y aquellas que sí lo son (cf Gramley y Patzold, 1992: 54).

Levando em consideração esses critérios, a autora propõe sua taxonomia para as UFs, como podemos ver na Figura 1, a seguir. Ela ressalta que cada uma das categorias propostas pode ser subdividida em uma taxonomia própria.

FIGURA 1 - Taxonomia das UFs em Corpos Pastor (1996)



Fonte: Corpos Pastor (1996, p. 52).

É adotando a classificação de Corpos Pastor, que falamos sobre as colocações, as locuções e os enunciados fraseológicos (parêntias e fórmulas, conforme a divisão da autora).

As colocações são combinações de palavras que, embora sigam as regras do sistema da língua, apresentam restrições de uso e uma certa fixação interna. Elas não são expressões completamente fixas como os idiomatismos, mas também não são combinações livres. As colocações são combinações estáveis e recorrentes, formadas por palavras que tendem a coocorrer com maior frequência devido a convenções linguísticas e preferências de uso. Assim, podem envolver diferentes classes gramaticais, como verbos e substantivos, adjetivos e substantivos, entre outras combinações. Essas combinações são apresentadas no Quadro¹⁶ 1, a seguir, que trata dos seis tipos de colocações classificadas por Corpos Pastor (1996). Em geral, uma das palavras na colocação (a base) determina a escolha da outra (o colocativo), que pode adquirir um significado figurado ou abstrato. Além disso, as colocações variam de acordo com a frequência e contexto de uso, sendo influenciadas por fatores semânticos e pragmáticos.

QUADRO 1 – Tipos de colocação conforme Corpos Pastor (1996)

TIPO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Substantivo (base) + Verbo (colocado)	O verbo expressa uma ação característica do substantivo.	<i>Mas o presidente do Brasil e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro (PL), não se importa. "Passar fome no Brasil é uma grande mentira, é um discurso populista", disse, em 2019.</i>

¹⁶ Todos os exemplos apresentados nos quadros desta seção foram retirados do corpus da pesquisa.

Verbo (base) + Substantivo (colocado)	O verbo, muitas vezes de uso frequente, combina-se com um substantivo específico.	<i>O órgão alimenta a visão de que mais concentração é algo positivo para a sociedade porque, em tese, é uma maneira de garantir preços mais baixos [...]</i>
Adjetivo + Substantivo	O adjetivo especifica uma característica usual do substantivo.	<i>E péssimo ao bolso dos cidadãos, do qual sai dinheiro para comprar comida porcária e, depois, remédios.</i>
Substantivo + Preposição + Substantivo	A preposição estabelece uma relação entre os substantivos.	<i>Aliás, já que estamos falando de comida de verdade, você deve se lembrar que muitas pessoas de jaleco passaram a aparecer na TV dizendo que deveríamos comer no máximo duas conchas de arroz com uma de feijão.</i>
Verbo + Advérbio	O advérbio modifica a intensidade ou o modo da ação expressa pelo verbo.	<i>Se hoje plantamos menos e colhemos mais, é porque a produtividade por hectare aumentou drasticamente.</i>
Adjetivo + Advérbio	O advérbio modifica a intensidade do adjetivo.	<i>Ali fica mais fácil encontrar alimentos minimamente processados e processados de boa qualidade.</i>

Fonte: Adaptado de Corpas Pastor (1996, p. 66-76).

Por sua vez, as locuções são combinações fixas de palavras que funcionam como uma única unidade linguística, desempenhando papéis sintáticos equivalentes aos de palavras simples. Elas se diferenciam das combinações livres de palavras por sua fixação interna, unidade de significado e falta de segmentabilidade. Além disso, não podem ser modificadas livremente ou analisadas apenas pela soma dos significados de seus componentes.

As locuções são tradicionalmente classificadas de acordo com a função que desempenham na oração. De acordo com Corpas Pastor (1996), são identificados seis tipos principais de locuções: nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas e conjuntivas. Cada uma delas assume um papel sintático específico e pode apresentar variações em sua estrutura.

QUADRO 2 - Tipos de locuções segundo Corpas Pastor (1996)

TIPO DE LOCUÇÃO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Nominal	UF que funciona como um sintagma nominal.	<i>Se você não tem clareza do que quer fazer como governo, é um prato cheio para eles.</i>
Adjetiva	UF que modifica substantivos, desempenhando função de adjetivo.	<i>É, nestas últimas, que o pó das fórmulas infantis é despejado, compondo uma dupla ruim de bola com o bico de silicone.</i>
Adverbial	UF que desempenha a função de advérbio, modificando verbos, adjetivos ou a outros advérbios.	<i>Nesse caso, recomendamos seguir viagem neste texto, que não pretende explicar conceitos, mas, sim, desvendar os perigos por trás dessa suplementação às cegas.</i>
Verbal	UF que funciona como um verbo, geralmente com sentido idiomático.	<i>Em outros casos, os anúncios na barra de rolagem de uma rede social podem induzir as escolhas para matar a fome.</i>
Prepositiva	UF que introduz complementos preposicionados.	<i>Existem dúvidas se os adoçantes podem, em vez de prevenir, estimular o diabetes.</i>

Conjuntiva	UF que liga orações, funcionando como conjunção.	<i>No geral, o estudo apresentado pelo Idec à Anvisa revelou que pouquíssimos produtos teriam semáforo vermelho, ao passo que a maioria desses mesmos produtos receberia ao menos um sinal de advertência se adotado o sistema defendido pela sociedade civil.</i>
------------	--	---

Fonte: Adaptado de Corpas Pastor (1996, p. 93-111).

As parêmiias são enunciados fraseológicos completos, caracterizados por sua autonomia textual e por apresentarem um significado referencial fixo. Diferenciam-se das fórmulas rotineiras, pois estas últimas possuem um significado predominantemente social, expressivo ou discursivo. As parêmiias são, essencialmente, unidades culturais da língua, transmitindo valores e conhecimentos coletivos.

Elas apresentam estrutura fixa e pouca variação sintática, sendo comumente introduzidas no discurso por elementos chamados apresentadores, como *como diz o ditado* ou *já dizia o poeta*. Além disso, as parêmiias frequentemente utilizam recursos como rima, aliteração e paralelismo, facilitando sua memorização e propagação oral.

Dentro das parêmiias, podemos identificar diferentes categorias, como refrões, provérbios, aforismos, sentenças, slogans, citações e lugares-comuns. Essas subdivisões variam conforme seu grau de generalização, origem e contexto de uso.

QUADRO 3 - Tipos de parêmiias

Tipo de Parêmia	Definição	Exemplo
Provérbio	Expressão popular de origem anônima que transmite sabedoria tradicional.	<i>Separar o joio do trigo</i>
Refrão	Ditado popular amplamente difundido, muitas vezes usado para reforçar uma ideia.	<i>A fome é o melhor tempero</i>
Aforismo	Enunciado breve e conciso que contém um ensinamento ou princípio.	<i>Descasque mais e desembale menos</i>
Sentença	Declaração de valor moral ou filosófico, usada como norma de conduta.	<i>Não existe almoço grátis</i>
Citação	Frase de autoria conhecida, retirada de textos escritos ou falas famosas.	<i>Quem tem fome tem pressa</i>
Slogan	Frase curta, de forte impacto, usada para fins persuasivos.	<i>O Brasil alimenta o mundo</i>
Lugar-Comum	Expressão de uso frequente, muitas vezes previsível ou redundante.	<i>O café da manhã é a refeição mais importante do dia</i>

Fonte: Adaptado de Corpas Pastor (1996, p. 132-169).

As fórmulas rotineiras são enunciados fraseológicos que ocorrem de maneira previsível em contextos sociais específicos. Diferentemente das parêmiias, as fórmulas não possuem autonomia textual, pois sua presença depende do contexto comunicativo e das interações sociais. Elas são caracterizadas por sua fixação formal e semântica, pelo uso convencional e pela previsibilidade em situações discursivas. Além disso, cumprem funções essenciais na

organização da comunicação, na manutenção da harmonia social e na regulação de emoções e atitudes dos falantes. As fórmulas são usadas para expressar cortesia, regular turnos de fala, estruturar discursos e expressar sentimentos ou estados mentais. Elas podem ser classificadas de acordo com sua função, incluindo fórmulas discursivas, psicossociais e expressivas.

QUADRO 4 - Tipos de fórmulas

Tipo de Fórmula	Definição	Exemplo
Discursiva	UFs usadas para organizar e estruturar a conversação.	<i>Em entrevista ao Joio</i>
Social	Fórmulas de interação social, como saudações, desculpas e agradecimentos.	<i>E bom apetite</i>
Expressiva	UFs utilizadas para manifestar emoções ou reações.	<i>Que delícia</i>
De abertura e fechamento	Usadas para iniciar ou encerrar conversações.	<i>Resta esperar as cenas dos próximos capítulos</i>
De transição	Expressões que auxiliam na fluidez da conversa e na mudança de tópicos.	<i>Em primeiro lugar</i>
De agradecimento	Usadas para expressar gratidão.	<i>Muito obrigado</i>
De recusa ou negação	Expressões utilizadas para negar ou rejeitar algo.	<i>ao contrário do sugerido</i>

Fonte: Adaptado de Corpas Pastor (1996, p. 170-213).

Além das classificações de Corpas Pastor (1996) para as UFs, neste trabalho também nos referimos diversas vezes as Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE) que tratamos no próximo tópico.

2.1.2.1 Unidades Fraseológicas Especializadas

Ao tratar de unidades fraseológicas no campo da alimentação, consideramos importante para a pesquisa tratar do conceito de Unidade Fraseológica Especializada (UFE) de Bevilacqua (2004-2005). A autora define as UFEs como

unidades formadas por um núcleo eventivo, considerado como tal por ser de base verbal ou derivada de verbo (nominalização ou particípio), e por um núcleo terminológico (termo). Entre estes dois núcleos se estabelecem relações sintáticas, mas principalmente semânticas, determinadas pelas propriedades do texto em que são utilizadas. Portanto, são unidades que se conformam no e pelo texto em que são utilizadas. Cumprem, tal como os termos, a função de representar e transmitir conhecimento especializado. (Bevilacqua, 2004-2005, p. 83).

Essas unidades são formadas por um núcleo terminológico, geralmente um substantivo pertencente ao léxico de especialidade, e um modificador ou elemento relacional (como adjetivos ou preposições), estabelecendo entre si uma relação semântica sistemática. Embora muitas UFEs tenham origem em expressões da língua comum, seu uso em discursos institucionais e científicos lhes confere valor conceitual técnico — o que as diferencia de outras expressões idiomáticas ou metafóricas.

No campo da fraseologia especializada, destacamos as contribuições de Novodvorski (2017, 2022a, 2022b), cujos estudos sobre UFEs em *corpus* jornalístico rio-platense demonstram como domínios concretos, como o futebol, servem como domínios-fonte em processos de metaforização de domínios mais abstratos, como a política. Novodvorski (2022b) observa que as UFEs se caracterizam por apresentarem unidades terminológicas que adquirem valor especializado em contextos comunicativos específicos, sendo que aspectos pragmáticos — usuários, situações de uso, temática e tipo de discurso — permitem distinguir termos de vocábulos gerais.

No *corpus* de estudo dessa pesquisa, encontramos diversas expressões que se encaixam nessa categoria, como *sistema alimentar* e *deserto alimentar*. Essas UFEs apresentam estrutura do tipo locução nominal especializada e circulam em contextos de políticas públicas, segurança alimentar, sociologia da alimentação e saúde coletiva. O termo *sistema alimentar*, por exemplo, refere-se à rede de relações que envolve produção, distribuição, consumo e descarte de alimentos, sendo uma unidade conceitual amplamente utilizada em textos científicos e técnicos.

No caso de *deserto alimentar*, temos um exemplo já plenamente cristalizado como UFE, pois é um termo técnico amplamente utilizado em estudos sobre desigualdade alimentar e geografia urbana, para designar áreas com escassa oferta de alimentos saudáveis. Assim, consideramos produtiva para esta pesquisa adotar também a categorização de UFEs, porque essa nos permite compreender que a fraseologia não se restringe à língua geral, mas também ocupa um lugar central na organização do discurso técnico e institucional; no caso do nosso *corpus*, popularizado pelo jornalismo especializado, contribuindo para a fixação e a circulação de conceitos-chave do campo da alimentação.

2.2 Estudos da metáfora

A metáfora, por muitos séculos, foi compreendida como algo exclusivo do campo da literatura, um recurso retórico ou um ornamento da linguagem. No entanto, a partir do final do século XX, essa concepção foi profundamente transformada pela Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980), que desafiou a visão tradicional ao propor que a metáfora não se limita a ser um artifício linguístico, mas desempenha um papel central na organização do pensamento humano e na estruturação do conhecimento. Neste trabalho, aderimos à perspectiva dos autores sobre a função estruturante da metáfora na compreensão de conceitos abstratos da vida cotidiana e compreendemos que essa é melhor investigada a partir da materialidade linguística.

Nessa esteira, Berber Sardinha (2007) explica que apesar da compreensão popular da metáfora como uma figura de linguagem, ela, em realidade, atua na conceptualização de mundo em um processo que perpassa o uso da linguagem cotidianamente. Para Lakoff e Johnson (2002) o nosso sistema conceptual é metafórico por natureza, o que significa que a forma como nos relacionamos e agirmos no mundo é processado mentalmente a partir de conceptualizações inerentemente metafóricas, que se ligam às nossas experiências *corporais*, capacidades psicomotoras e percepção (Pamies Bertrán, 2002).

O processamento de metáforas não ocorre isoladamente do mundo da linguagem, mas está profundamente ligado aos fatos da língua, permitindo que estudemos tanto sua estrutura quanto seu impacto nos discursos. É no real uso da linguagem que as metáforas emergem como fenômenos dinâmicos, conectando os domínios linguístico, cognitivo e social (Cameron; Deignan, 2006). Essa abordagem não apenas evidencia o papel das metáforas na cognição humana, mas também como elas são moldadas pelas interações discursivas e pelo contexto social. Assim, o valor de estudar metáforas não está somente na descrição e análise sistemática desse fenômeno da linguagem, mas também da possibilidade de compreender como conceptualizamos o mundo.

Nesta pesquisa, alinhamos nossa abordagem à perspectiva de Berber Sardinha (2007, 2012), que defende que os estudos do léxico, aliados às ferramentas computacionais, fornecem uma metodologia para investigações de fenômenos linguísticos em *corpora*. Essa perspectiva é especialmente relevante no contexto das metáforas, já que a análise de *corpora* possibilita mapear ou verificar padrões de uso metafórico. Desse modo, a aplicação de métodos computacionais é produtiva para superar as limitações do processamento manual e ampliar a compreensão sobre a frequência e a variação das metáforas nos discursos contemporâneos. No entanto, neste trabalho, não utilizamos o identificador de metáforas, programa de análise de metáforas antes disponível no site do Programa de Pós-graduação de Linguística Aplicada da PUC-SP, de Berber Sardinha, já que tal software foi descontinuado e não é mais possível acessá-lo. Portanto, tal qual Deignan (2005) e Novodvorski (2017, 2022a, 2022b), nesta pesquisa, as análises de metáforas guiadas por *corpus* são realizadas a partir de análises de palavras-chave e buscas em concordanciadores.

Lakoff e Johnson (2002) apontam que grande parte do nosso pensamento cotidiano é metaforicamente estruturado, o que significa que não apenas descrevemos o mundo por meio de metáforas, mas também o entendemos e agimos com base nos mapeamentos conceituais por elas criados. Por isso, um dos conceitos centrais da teoria é o de mapeamento metafórico, que envolve a projeção de estruturas de conhecimento de um domínio, chamado domínio fonte, para

outro domínio, chamado domínio alvo. O domínio fonte geralmente refere-se a experiências concretas, físicas ou familiares, enquanto o domínio alvo é frequentemente abstrato ou complexo. Por exemplo, na metáfora conceptual *TEMPO É DINHEIRO*, conceitos relacionados ao dinheiro (domínio fonte) – como gasto, economia e investimento – são utilizados para compreender o tempo (domínio alvo). Esse processo de mapeamento não ocorre de forma aleatória, mas de maneira sistemática e estruturada, permitindo que as metáforas organizem categorias do pensamento humano.

Além disso, metáforas conceptuais não são isoladas, mas formam sistemas coerentes que abrangem múltiplos aspectos da experiência humana. Por exemplo, a metáfora conceptual *DISCUSSÃO É GUERRA* não apenas aparece em expressões como “Jobim *passou a defender* o entendimento de que o produto final é o que importa” (Peres, 2017) ou “Uma *batalha contra* o aleitamento materno está se formando esta semana na sede da OMS” (Moriti Neto, 2018), mas também reflete uma estrutura mais ampla em que a argumentação é conceptualizada como um confronto, com vencedores, perdedores e estratégias. Para os autores, essa coerência sistêmica demonstra como a metáfora organiza a cognição, permitindo que a linguagem reflita padrões subjacentes de pensamento.

De acordo Lakoff e Johnson (2002), nossas experiências físicas básicas frequentemente dão origem às metáforas que utilizamos para pensar. Por exemplo, metáforas orientacionais, como *FELICIDADE É PARA CIMA*¹⁷ e *TRISTEZA É PARA BAIXO*, exemplificam como a percepção física do espaço influencia como os estados emocionais estão organizados em conceitos em nossos pensamentos. Quando tomamos esse conceito como ponto de partida para a compreensão das metáforas, precisamos entender que essas não apenas refletem uma abstração, mas estão profundamente enraizadas na interação entre corpo, mente e ambiente. Cameron e Deignan (2006) argumentam que essa ligação entre a corporeidade e a linguagem estruturam nossas metáforas e moldam nossas visões de mundo, ligando sentidos ao pensamento abstrato de forma dinâmica e recursiva.

Embora a experiência *corporal* seja universal, a forma como cada cultura constrói e utiliza metáforas reflete sua história, valores e contexto social. Sobre esse assunto, estudos como os de Kövecses (2005) mostram que metáforas culturalmente coerentes, como as relacionadas ao calor e ao fogo, muitas vezes diferem em uso e significado de uma cultura para outra. Metáforas de fogo, por exemplo, podem descrever tanto emoções positivas quanto negativas, dependendo do contexto e da cultura. Enquanto em alguns lugares “fogo” pode

¹⁷ Escrita em versalete ou caixa alta conforme convenção da área.

evocar paixão e energia criativa, em outros pode simbolizar raiva e destruição (Kövecses, 2005). A relação entre metáfora e cultura reforça a ideia de que as metáforas não são universais.

Além da metáfora, outro mecanismo essencial para a cognição é a metonímia (Lakoff; Johnson, 2002), que opera de maneira diferente, mas complementar. Segundo os autores, enquanto a metáfora cria associações entre domínios conceituais distintos, a metonímia se concentra em relações internas a um mesmo domínio. Expressões como “o volante” para designar “o motorista” ou “uma taça” para se referir ao vinho nela contido são exemplos de como usamos a proximidade entre conceitos para representar outros e criar conexões. Em nosso *corpus* de estudo encontramos vários processos de metonímia, mas abordamos poucos casos na análise realizada já que este não foi o foco do trabalho realizado.

2.2.1 Modelos icônicos e arquimetáforas na análise fraseológica

Ao investigarmos as metáforas presentes nas unidades fraseológicas do *corpus* de estudo, seguimos a proposta teórico-metodológica de Pamies Bertrán (2002), que oferece uma alternativa operacional à nomenclatura estabelecida por Lakoff e Johnson (1980). Embora a semântica cognitiva tenha desempenhado um papel crucial na ampliação do campo metafórico, sua classificação das metáforas em estruturais, ontológicas e orientacionais apresenta limitações quando aplicada ao estudo sistemático de *corpora* reais, conforme argumenta Pamies Bertrán (2002, p. 11)

Ao examinar as metáforas fraseológicas na direção oposta à sua projeção, deve-se chegar a esses conceitos “básicos”, de ordem psicossensorial ou psicomotora, que são amplamente compartilhados por diferentes idiomas, se não universais. No entanto, quando se trata de analisar material fraseológico, a nomenclatura descritiva usada por Lakoff e Johnson (1980) - O CORPO É UM CONTÊINER, O AMOR É UMA VIAGEM, PARA CIMA É BOM E PARA BAIXO É RUIM - é muito particular (contêineres e viagens não são formas de localização?) e, em seu nível mais alto, é muito geral para que essa taxonomia seja operacional ao estudar um *corpus* real (metáforas conceituais, orientacionais e ontológicas). Ela também tem o defeito de lidar com descritores que parecem ser criados ad hoc, em uma lista aberta e não hierárquica de categorias que são moldadas a exemplos especificamente escolhidos e cujo inventário logo se tornaria incontrolável se fosse aplicado a um *corpus* real como um todo. Mesmo que aceitemos o princípio geral que deu origem a esse tipo de nomenclatura, pareceu-nos necessário estruturar melhor essa metalinguagem para torná-la aplicável, justificando a escolha de grupos de metáforas que possam ser representativas de mecanismos produtivos generalizáveis.¹⁸

¹⁸ No original: Examinando las metáforas fraseológicas en un sentido inverso al de su proyección, se debería llegar a esos conceptos "básicos", de orden psicossensorial o psicomotor, ampliamente compartidos por distintas lenguas, cuando no universales. Pero, a la hora de analizar el material fraseológico, la nomenclatura descriptiva empleada por Lakoff y Johnson (1980) -EL CUERPO ES UN RECIPIENTE, EL AMOR ES UN VIAJE, ARRIBA ES BUENO Y ABAJO ES MALO- es demasiado particular (¿caso los recipientes y los viajes no son formas de localización?), y en su nivel superior es demasiado general como para que dicha taxonomía sea operativa a la hora de estudiar un corpus real (metáforas conceptuales, orientacionales, ontológicas). También tiene el defecto de manejar unos descriptores que parecen creados ad hoc, en una lista abierta y no jerarquizada de categorías que se van amoldando a unos ejemplos

Para contornar esse problema, o autor propõe uma hierarquia de análise: os modelos icônicos, as arquimetáforas e as metáforas particulares. Essa nomenclatura tem por objetivo tornar a análise mais coerente, replicável e comparável, permitindo que metáforas em diferentes línguas sejam agrupadas segundo critérios ontogenéticos comuns. Dessa maneira, os modelos icônicos são formados por combinações de domínios fonte amplamente compartilháveis — como CORPO, MOVIMENTO, ESPAÇO ou CONFLITO — e constituem a base conceitual das projeções metafóricas. A partir desses modelos, derivam-se as arquimetáforas, que funcionam como subgrupos intermediários mais específicos (por exemplo, “a fome é um inimigo”). Finalmente, temos as metáforas particulares, que correspondem às expressões concretas presentes no *corpus*, como *combater a fome* ou *matar a fome*.

Outro aspecto relevante da proposta de Pamies Bertrán é a valorização da motivação sincrônica das expressões metafóricas. Ele explica que, ao contrário da visão tradicional, que tende a considerar os fraseologismos como metáforas mortas ou opacas, o autor argumenta que a projeção metafórica permanece ativa mesmo em expressões fossilizadas (Pamies Bertrán, 2002). Isso se confirma por meio de estudos interlinguísticos que demonstram a compreensão espontânea de metáforas idiomáticas por falantes de outras línguas, mesmo na ausência de equivalentes formais. É importante notar que a proposta do autor ainda considera o domínio alvo como explicado por Lakoff e Johnson (1980), sendo o domínio fonte a parte da teoria revisada para qual consta o modelo icônico enquanto as arquimetáforas fazem a conexão com as metáforas particulares.

O autor enfatiza ainda a necessidade de uma base semântica minimamente universal para os domínios fonte, apoiando-se na tipologia de Wierzbicka para justificar a inclusão de noções como ANIMAL, OBJETO, CLIMA, COMER ou CORPO como elementos estruturadores da metáfora. Com isso, a metáfora deixa de ser apenas uma construção linguística isolada e passa a ser tratada como um fenômeno cognitivo, experiencial e culturalmente compartilhado. A adoção dessa perspectiva nos permite, portanto, sistematizar a análise metafórica das unidades fraseológicas no campo da alimentação, destacando a recorrência de certos modelos como [FISIOLOGIA], [CONFLITO] ou [SISTEMA]; e observando como diferentes expressões concretas podem derivar de esquemas *corporais* e cognitivos semelhantes.

elegidos expresamente, y cuyo inventario sería pronto incontrolable si se aplicase a un corpus real abarcado en su totalidad. Aunque aceptemos el principio general que dio lugar a este tipo de nomenclaturas, nos pareció necesario estructurar mejor este metalenguaje para que resulte aplicable, justificando la elección de los grupos de metáforas susceptibles de ser representativos de unos mecanismos productivos generalizables.

2.3 A função social e a prática discursiva do jornalismo

O jornalismo costuma ocupar uma posição de objeto privilegiado na análise linguística, seja para investigar discursos, auxiliar na criação de material didático, perceber linguagem avaliativa ou buscar padrões de linguagem. Neste caso, ele é objeto para investigação de metáforas e construções fraseológicas e como essas operam em sua dimensão social e discursiva. Tal centralidade se justifica por múltiplas razões que convergem para a compreensão do jornalismo não apenas como prática profissional, mas como espaço de construção e circulação de sentidos que moldam nossa percepção da realidade (Miguel; Flôres; Mazzarino, 2015; Pires; Nascimento, 2025).

Em primeiro lugar, os textos jornalísticos constituem material privilegiado de investigação porque representam uma das principais formas de comunicação socializada na contemporaneidade, isto é, a comunicação com potencial de alcançar a sociedade em geral (Castells, 2009). Diferentemente de outras modalidades discursivas mais restritas a comunidades específicas, o jornalismo opera em ampla escala, dirigindo-se a públicos heterogêneos e desempenhando papel fundamental na formação da opinião pública e na organização simbólica da vida coletiva. Miguel, Flôres e Mazzarino (2015, p. 220) afirmam que

[...] os jornais operam como chanceladores de sentidos ao realçarem determinadas marcas discursivas em detrimento de outras. Embora não necessariamente ressoem em sociedade, os discursos jornalísticos se apresentam como uma referência legitimada das pautas as quais julgam relevantes, assumindo papel importante na construção da realidade social.

Retomando o argumento de Fernandes (2002), que apresentamos na introdução, o jornalismo organiza a esfera de comunicação contemporânea, conferindo a ela alguma coerência. Essa função organizadora não é meramente informativa; ela envolve processos complexos de seleção, hierarquização e enquadramento que determinam não apenas sobre o que pensamos, mas também como pensamos sobre determinados temas (Castells, 2009).

Em segundo lugar, a linguagem jornalística apresenta características que a tornam especialmente produtiva para estudos fraseológicos e metafóricos. Por um lado, o jornalismo opera sob convenções linguísticas relativamente estáveis, que incluem gêneros textuais codificados, rotinas de produção e padrões estilísticos reconhecíveis. Essas convenções são espaço para UFs, como mostramos nos quadros da subseção 2.1.2, que podem ser sistematicamente identificadas e analisadas por meio de ferramentas da Linguística de Corpus. Por outro lado, o jornalismo também é espaço de criatividade linguística, especialmente quando

busca tornar acessíveis temas complexos ou abstratos ao público geral. Nesse processo, inevitavelmente os veículos jornalísticos realizam linguisticamente inúmeras metáforas, que fazem parte de redes cognitivas para a compreensão de fenômenos sociais, políticos e econômicos.

Para teóricos da metáfora “nosso cérebro pensa em metáforas, que podem ser acessadas pela linguagem, mas são estruturas físicas no cérebro” (Lakoff; Jonhson, 1980 *apud* Castells, 2009, p. 197)¹⁹, elas são críticas para conectar linguagem e circuitos cerebrais, e, por meio delas, narrativas são construídas. No jornalismo, as narrativas não são neutras: há sempre uma escolha por guiar nossa percepção de eventos de maneira *x*, *y* ou *z* (simplificando muito). Como, muito bem, escreve Rossi (2012, p. 7):

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens.

Entendemos, também, que essa batalha se transpôs para um terreno que Rossi (2012) não tratou – a internet e suas redes sociais.

As narrativas tecidas pelo jornalismo influenciam processos de tomada de decisão em níveis individuais e coletivos. Assim, investigar as metáforas presentes no discurso jornalístico é, em algum sentido, investigar os mecanismos pelos quais significados são negociados, poder é exercido e realidades sociais são construídas.

O jornalismo contemporâneo encontra-se em profunda transformação estrutural, o que torna sua análise ainda mais relevante. As mudanças nos modelos de negócio, a emergência de plataformas digitais, a crise de credibilidade e as novas formas de financiamento têm impacto direto nas práticas discursivas e nas escolhas linguísticas dos veículos de comunicação. Compreender como diferentes modalidades jornalísticas constroem seus discursos é fundamental para mapear não apenas a diversidade de vozes no espaço público, mas também as disputas simbólicas e ideológicas que atravessam o campo jornalístico.

Nessa perspectiva, os textos jornalísticos não apenas descrevem acontecimentos, mas constroem “formas particulares de representar o mundo, de agir socialmente e de se identificar”, que se relacionam a projetos sociais e ideológicos mais amplos (Fairclough, 2003, p. 26). Ao selecionar e reiterar determinadas combinações de palavras e esquemas metafóricos, o jornalista

¹⁹ No original: “Nuestro cerebro piensa con metáforas, a las que se puede acceder por el lenguaje, pero que son estructuras físicas del cerebro”.

produz enquadramentos que organizam o sentido da alimentação no espaço público, favorecendo certas leituras em detrimento de outras.

A noção de hegemonia que orienta esta pesquisa fundamenta-se na concepção gramsciana de poder, segundo a qual a dominação social se sustenta menos pela coerção direta e mais pela produção de consenso em torno de determinadas visões de mundo. Para Gramsci, a hegemonia implica a difusão de concepções que se tornam parte do senso comum, naturalizando relações históricas e sociais específicas (Gramsci, 1978, p. 95). Nesse processo, a imprensa desempenha papel central enquanto instância de mediação simbólica, atuando como “organização material” voltada à construção e manutenção de uma determinada direção moral e intelectual da sociedade (Gramsci, 1978, p. 98). No contexto das sociedades midiáticas, essa dinâmica se intensifica, uma vez que, como argumenta Castells, o poder se exerce fundamentalmente pela capacidade de moldar significados e enquadrar a mente humana por meio da comunicação (Castells, 2009, p. 189). A partir dessa perspectiva, compreendemos o jornalismo contra-hegemônico não como uma ruptura total com a ordem discursiva dominante, mas como uma prática de disputa simbólica que tensiona narrativas estabilizadas, introduzindo leituras alternativas e evidenciando assimetrias de poder. Conforme argumenta Moraes (2013, p. 104), trata-se de uma ação comunicacional que busca desnaturalizar consensos e ampliar o campo do dizível. É nesse espaço de disputa que situamos o discurso do *O Joio e o Trigo*, cujo tratamento da alimentação se constrói em confronto com narrativas hegemônicas amplamente disseminadas no espaço público.

2.3.1 Como metáforas e fraseologismos contribuem para naturalização de perspectivas e construção de consenso

Como discutido na seção 2.1 deste trabalho, UFs incluem colocações, locuções, provérbios, fórmulas e outras combinações estáveis que apresentam graus variados de fixação interna, especialização semântica e idiomatidade (Corpas Pastor, 1996). No jornalismo, padrões fraseológicos desempenham múltiplas funções. Eles podem contribuir para a construção de gêneros textuais reconhecíveis, permitindo que leitores identifiquem rapidamente o tipo de texto com que estão lidando e ativem expectativas apropriadas. Expressões como “de acordo com”, “segundo informações”, “conforme apurado” são marcas fraseológicas típicas do discurso jornalístico que sinalizam processos de atribuição e construção de credibilidade. Similarmente, fórmulas como “o outro lado da história”, “os bastidores do poder”, “a ponta do iceberg” são recursos convencionalizados que estruturam narrativas jornalísticas e ativam enquadramentos específicos.

Além disso, UFEs circulam no jornalismo como conceitos importados de campos especializados de conhecimento. No jornalismo sobre alimentação, expressões como “segurança alimentar”, “soberania alimentar”, “sistema alimentar”, “deserto alimentar” e “insegurança alimentar” são UFEs que circulam entre discursos acadêmicos, políticas públicas e comunicação jornalística, carregando consigo cargas conceituais e ideológicas específicas.

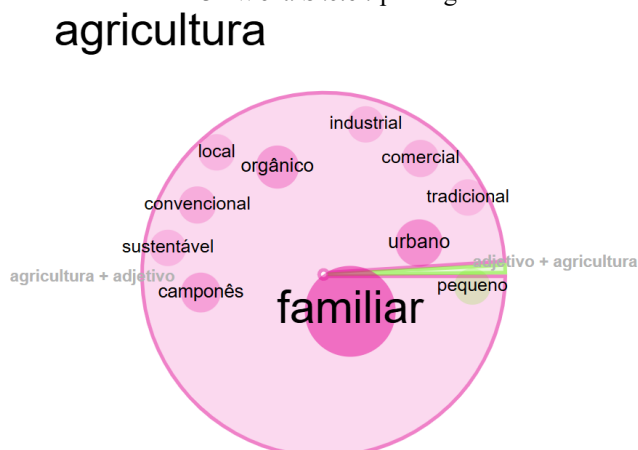
Os padrões fraseológicos participam da construção de representações ao associarem sistematicamente determinados atores sociais a ações, atributos ou circunstâncias específicas. Ao analisarmos colocações em um *corpus* — isto é, combinações frequentes de palavras que coocorrem de forma estatisticamente significativa —, podemos identificar as redes semânticas nas quais certos conceitos estão inseridos e as perspectivas implícitas nessas redes. Por exemplo, se o substantivo “agricultura” coocorre frequentemente com adjetivos como “familiar”, “urbana”, “orgânica” e “camponesa”, enquanto “agronegócio” coocorre com “exportador” e “brasileiro”, essas colocações revelam avaliações distintas e constroem representações divergentes dessas práticas econômicas.

FIGURA 2 - *Word Sketch* para agronegócio



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

FIGURA 3 - *Word Sketch* para agricultura



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

Berber Sardinha (2007) demonstra como a Linguística de Corpus oferece ferramentas poderosas para a identificação e análise de padrões fraseológicos, permitindo que pesquisadores detectem regularidades que não seriam imediatamente evidentes por meio de análise manual. O estudo de colocações, de linhas de concordância e de padrões léxico-gramaticais recorrentes revela as convenções linguísticas que estruturam gêneros e registros específicos, incluindo o discurso jornalístico. Essas convenções, uma vez identificadas, podem ser interpretadas à luz de teorias sobre representação social, ideologia e poder, conectando níveis micro (escolhas linguísticas específicas) e macro (processos sociais mais amplos) da análise discursiva.

As escolhas lexicais carregam peso ideológico significativo. A decisão de nomear um evento como “intervenção militar” ou “invasão”, de referir-se a pessoas como “migrantes” ou “refugiados”, de descrever uma manifestação como “protesto” ou “vandalismo”, não apenas refletem diferentes perspectivas, mas constroem ativamente essas perspectivas ao torná-las disponíveis como categorias de pensamento (Van Dijk, 2015). No campo da alimentação, objeto de nosso estudo, essas escolhas são igualmente carregadas de implicações: falar em “alimentos ultraprocessados” ou “produtos alimentícios”, ou ainda “comida porcária”, ativa domínios conceituais distintos e orienta interpretações diferenciadas dos fenômenos. Todos os recursos linguísticos, como passivação, modalização e formas distintas intertextualidade, interagem na construção de narrativas jornalísticas que não apenas relatam eventos, mas os organizam em estruturas temporais, causais e valorativas reconhecíveis. Como argumenta Motta (2013), narrativas jornalísticas mobilizam esquemas narrativos culturalmente compartilhados, como narrativas de conflito, de superação, de crise, de escândalo, que permitem ao público dar sentido a eventos complexos e se posicionar emocionalmente em relação a eles.

Entre todos os recursos linguísticos disponíveis ao jornalismo, as metáforas ocupam posição particularmente estratégica, uma vez que operam como protocolos fundamentais de comunicação entre linguagem e cognição. Uma compreensão neurocientífica das metáforas, como defende Castells (2009), tem implicações profundas para a análise do discurso jornalístico: quando um veículo jornalístico emprega determinadas metáforas de forma sistemática, ele não está apenas oferecendo maneiras alternativas de dizer as mesmas coisas; está estruturando as próprias categorias cognitivas por meio das quais o público compreende os fenômenos.

Em textos jornalísticos, metáforas conceptuais manifestam-se por meio de expressões linguísticas recorrentes que, em sua repetição e convenção, que naturalizam determinadas

formas de ver e pensar. Santa Ana (2002), em estudo sobre a cobertura jornalística da imigração nos Estados Unidos, demonstrou como metáforas de água (imigrantes como “onda”, “inundação”, “enchente”) e de invasão (imigrantes como “exército invasor”) construíam representações ameaçadoras dos imigrantes, justificando políticas restritivas e alimentando sentimentos de medo e rejeição. Charteris-Black (2004), analisando discursos políticos e jornalísticos sobre imigração no Reino Unido, identificou padrões similares, mostrando como metáforas de contêiner (o país como recipiente que pode “transbordar”) e de fardo (imigrantes como “peso” a ser “carregado”) estruturavam negativamente o debate público.

No campo da alimentação, metáforas desempenham papel igualmente estruturante. A metáfora conceptual alimentação é guerra, identificada em nossa análise exploratória (cf. Seção 3.4), não apenas descreve conflitos entre atores sociais (indústria, governo, sociedade civil, consumidores), mas constrói ativamente esses conflitos ao enquadrá-los em termos bélicos, identificando inimigos, campos de batalha, armas e estratégias. Da mesma forma, metáforas que personificam a indústria atribuindo-lhe emoções, desejos e agência, têm implicações importantes para a distribuição de responsabilidades e para as respostas sociais consideradas apropriadas (Guedes de Souza, 2024).

A repetição sistemática de metáforas e padrões fraseológicos específicos tem efeito naturalizador, ou seja, aquilo que é dito repetidamente de determinada maneira passa a parecer óbvio, inevitável ou simplesmente “a forma como as coisas são”. Esse processo de naturalização é central para a construção de hegemonias discursivas, isto é, para o estabelecimento de certas interpretações da realidade como dominantes, não por imposição coercitiva, mas por parecerem naturais e de senso comum (Fairclough, 1995, 2003).

Segundo Castells, baseando-se em pesquisas de Lakoff (2008), “À medida que o mesmo circuito é ativado dia após dia, as sinapses dos neurônios nesse circuito se fortalecem até que um circuito permanente seja formado. Isso é chamado de recrutamento neural.” (Castells, 2009, p. 197)²⁰. Assim, a exposição repetida a determinados enquadramentos metafóricos e fraseológicos não apenas familiariza o público com essas formas de expressão, mas as incorpora em estruturas cognitivas relativamente estáveis que orientam percepção, julgamento e ação.

No jornalismo, esse processo tem implicações importantes para a construção de consensos sociais e para a delimitação das Esferas de Hallin (Payne, 2020), que são as esferas

²⁰ No original: “Como el mismo circuito se activa día tras día, sus sinapsis neuronales se van fortaleciendo hasta que se forma un circuito permanente. Esto se llama reclutamiento neuronal”.

de consenso, controvérsia legítima e desvio. A esfera de consenso inclui aqueles temas e posições que são considerados tão evidentes e amplamente aceitos que não requerem debate; a esfera de controvérsia legítima abrange questões sobre as quais diferentes perspectivas são reconhecidas como válidas e dignas de expressão; e a esfera de desvio compreende posições consideradas tão radicais ou ilegítimas que são excluídas ou marginalizadas do debate público. Metáforas e fraseologismos contribuem para traçar essas fronteiras ao tornarem certas formas de pensar e falar familiares e aceitáveis, enquanto outras são marcadas como estranhas, extremas ou simplesmente incompreensíveis.

Por exemplo, no debate sobre alimentação, o slogan “O Brasil alimenta o mundo”, que é frequentemente mobilizado pelo agronegócio e reproduzido acriticamente por alguns veículos jornalísticos, naturaliza determinada visão sobre o papel do agro brasileiro, obscurecendo questões como concentração fundiária, impactos ambientais, insegurança alimentar doméstica e soberania alimentar. Ao ser repetida em contextos diversos, a metáfora torna-se parte do senso comum, uma afirmação que “todo mundo sabe” e que, portanto, não precisa ser justificada ou contestada. Desafiar essa metáfora, argumentando, por exemplo, que a maior parte da produção agrícola brasileira se destina à exportação de commodities para alimentação animal, e não à alimentação humana direta, requer esforço cognitivo e discursivo considerável, uma vez que implica confrontar uma estrutura conceitual já estabelecida.

Uma das formas de compreender esses processos é a que tomamos como procedimento metodológico nesta tese. No nível micro, identificamos e descrevemos as unidades fraseológicas, as metáforas particulares e as escolhas lexicogramaticais presentes nos textos jornalísticos. No nível intermediário, relacionamos essas escolhas a metáforas conceptuais, modelos icônicos e arquimetáforas que estruturam domínios inteiros de experiência. E no nível macro, tentamos conectar essas estruturas conceptuais a processos sociais mais amplos de representação, construção de consenso e exercício de poder. É essa articulação multinível que buscamos realizar em nossa pesquisa, tomando o jornalismo especializado em alimentação como objeto empírico privilegiado para investigar as relações entre linguagem, cognição e poder na sociedade contemporânea.

2.3.2 Fundamentos da prática jornalística

O jornalismo, como prática social institucionalizada, fundamenta-se em um conjunto de princípios e funções que, embora historicamente construídos e culturalmente situados, têm sido reiteradamente invocados como definidores da atividade. Entre esses princípios, destacam-se a função mediadora entre fatos e público, a relação complexa com estruturas de poder e o papel

na construção de narrativas sobre a realidade. Examinar esses fundamentos é essencial para compreender não apenas o que o jornalismo é, mas também como ele opera discursivamente na sociedade contemporânea.

A prática jornalística se posiciona, discursivamente, como intermediário entre os acontecimentos do mundo e os cidadãos que, por limitações de tempo, acesso ou capacidade de processamento, não podem experimentar diretamente a totalidade dos eventos relevantes para suas vidas. Nessa perspectiva, o jornalista atua como testemunha, intérprete e narrador da realidade, selecionando, hierarquizando e apresentando informações de forma acessível e compreensível ao público. No entanto, essa mediação não é um processo transparente ou neutro. Como argumenta Traquina (2005a, p. 203), o primeiro poder dos jornalistas é o de decidir

o que é notícia, sabendo que a notícia dá existência pública aos acontecimentos ou à problemática. [...] O segundo poder dos jornalistas é a última palavra sobre a construção do acontecimento como notícia. As notícias são construções, narrativas, “estórias”. As notícias são elaboradas com a utilização de padrões industrializados, ou seja, formas específicas que são aplicadas aos acontecimentos [...].

Isso significa que o jornalismo não apenas transmite informações sobre o mundo, mas participa ativamente da construção desse mundo enquanto realidade compartilhada e simbolicamente organizada.

Há uma série de operações discursivas que vão além da mera transmissão de fatos que acontecem no processo jornalístico. Entre essas operações, destacam-se: (a) a seleção de eventos considerados noticiáveis; (b) a hierarquização de temas, que estabelece níveis de relevância e urgência; (c) a contextualização, que insere eventos em narrativas mais amplas e os torna inteligíveis; e (d) a tradução, que adapta linguagens especializadas (jurídicas, científicas, econômicas) para registros acessíveis ao público geral. Cada uma dessas operações envolve escolhas linguísticas, talvez fraseológicas e metafóricas, que deixam marcas textuais passíveis de análise.

Além disso, a mediação jornalística opera em um contexto de assimetria informacional: enquanto as fontes (governos, empresas, especialistas, instituições) possuem acesso privilegiado a informações e recursos para comunicá-las, o público depende largamente dos veículos jornalísticos para acessar essas informações. Essa assimetria confere ao jornalismo poder considerável, mas também responsabilidade social significativa. O desbalanço entre o poder conferido ao jornalismo, sua responsabilidade social e sua sustentabilidade econômica são uma das causas para a constante crise que vive o setor, como abordaremos mais à frente no texto.

A relação entre jornalismo e poder é, ao mesmo tempo, constitutiva e conflituosa. Por um lado, o jornalismo reivindica autonomia em relação aos poderes estabelecidos como condição para o exercício de sua função fiscalizadora, frequentemente descrito como Quarto Poder²¹ ou, em textos teóricos mais antigos, como o cão de guarda da democracia (Traquina, 2005a). Por outro lado, o jornalismo não opera fora das estruturas de poder; ao contrário, está profundamente imbricado nelas, seja por vínculos de propriedade, financiamento, acesso a fontes ou dependência de anunciantes. Como observa Ramonet (2013a, p. 63), vivemos uma situação em que “os poderes midiáticos foram confiscados pelo poder econômico e financeiro” e “o quarto poder não é mais um contrapoder, mas um poder complementar para oprimir ou manter a sociedade no estado atual de coisas”. Sobre isso, Serrano (2013, p. 72) é mais incisivo, para o autor os grupos midiáticos “não são quarto poder nenhum: são o poder do dinheiro”.

O conceito de agenda-setting ou agendamento (como se popularizou no Brasil), proposto originalmente por McCombs e Shaw em 1972, postula que, embora a mídia não seja capaz de dizer às pessoas como pensar, ela exerce influência significativa sobre o que as pessoas pensam, ao determinar quais temas recebem atenção pública (Traquina, 2005b). Pesquisas subsequentes demonstraram que essa influência é ainda mais profunda: ao estabelecer a agenda, o jornalismo não apenas destaca certos temas, mas também fornece enquadramentos interpretativos que orientam a compreensão desses temas (Entman, 2004 *apud* Castells, 2009). Entman (2004 *apud* Castells, 2009, p. 158) explica que o enquadramento é o processo de “selecionar e destacar algumas facetas de eventos ou questões, e fazer conexões entre elas de modo a promover uma interpretação, avaliação e/ou solução particular”²². Esses enquadramentos não são arbitrários. Eles emergem de negociações entre atores políticos, fontes institucionais e profissionais da mídia, em um processo que ativação em cascata (Entman, 2004 *apud* Castells, 2009). Nesse modelo, mensagens e enquadramentos originados no topo da hierarquia política (autoridades governamentais, líderes partidários) fluem para elites secundárias e daí para os veículos de comunicação, que os transmitem ao público. O jornalismo atua, assim, como filtro e amplificador de discursos políticos, podendo reforçá-los, contestá-los ou diversificá-los a depender do grau de consenso ou dissenso entre as elites e das pressões exercidas por diferentes grupos de interesse. Assim, marcadamente os grupos econômicos têm

²¹ No período da Revolução Francesa, o termo “quarto poder” foi cunhado para se referir aos meios de comunicação. Essa denominação sugeria que a mídia passaria a ser o poder cidadão que vigiaria os outros três: Executivo, Legislativo e Judiciário. (Serrano, 2013, p. 70).

²² No original: seleccionar y resaltar algunos aspectos de los acontecimientos o asuntos y establecer relaciones entre ellos con el fin de promover una determinada interpretación, evaluación y/o solución.

mais o que dizer sobre a viabilidade de pautas do que a sociedade civil, já que os conglomerados midiáticos sobrevivem em grande parte devido a publicidade.

Se o jornalismo medeia fatos e exerce influência sobre a agenda pública, ele o faz fundamentalmente por meio da construção de narrativas. Narrativas jornalísticas não são meras descrições objetivas de eventos. Elas, em realidade, são formas simbólicas estruturadas que organizam a experiência social, atribuem causalidade, identificam protagonistas e antagonistas, e sugerem desdobramentos e implicações. Como observa Motta (2013), as narrativas jornalísticas configuram a realidade ao enquadrá-la em estruturas reconhecíveis, mobilizando esquemas culturais compartilhados e ativando emoções específicas nos leitores.

Castells (2009, p. 197-198) explica como narrativas operam cognitivamente ao articular quadros e metáforas. Segundo ele,

Os quadros são redes neurais de associação que podem ser acessadas pela linguagem através de conexões metafóricas. Enquadrar significa ativar redes neurais específicas. Na linguagem, as palavras são associadas em campos semânticos. Esses campos semânticos referem-se a quadros conceituais. Assim, a linguagem e a mente comunicam-se por meio de quadros que estruturam narrativas que ativam redes no cérebro. As metáforas enquadram a comunicação selecionando associações específicas entre linguagem e experiência com base no mapeamento cerebral. Mas as estruturas dos quadros não são arbitrárias. Elas são baseadas na experiência e emergem da organização social que define os papéis sociais dentro da cultura e, posteriormente, se consolida nos circuitos cerebrais.²³

Enquadrar significa, portanto, ativar redes neurais específicas. No jornalismo, isso ocorre por meio da seleção de palavras, imagens e estruturas narrativas que conectam eventos a esquemas mentais pré-existentes.

Um exemplo particularmente relevante para nosso estudo é o uso de metáforas do campo da alimentação para descrever fenômenos sociais, econômicos e políticos. Quando um veículo jornalístico, como o *Joio*, descreve determinada situação como “deserto alimentar” ou afirma que políticas públicas “alimentam a desigualdade”, para além de empregar figuras de linguagem retóricas, o jornalista está ativando domínios conceptuais específicos que estruturam nossa compreensão desses fenômenos.

As narrativas jornalísticas também desempenham papel central na construção de representações sociais, isto é, formas de conhecimento socialmente elaboradas e

²³ No original: Los marcos son redes neuronales de asociación a las que se puede acceder desde el lenguaje a través de conexiones metafóricas. Enmarcar significa activar redes neuronales específicas. En el lenguaje, las palabras se asocian en campos semánticos. Estos campos semánticos se refieren a marcos conceptuales. Así pues, el lenguaje y la mente se comunican por marcos que estructuran narraciones que activan redes cerebrales. Las metáforas enmarcan la comunicación seleccionando asociaciones específicas entre el lenguaje y la experiencia a partir del mapa del cerebro. Pero las estructuras de los marcos no son arbitrarias. Se basan en la experiencia, y surgen de la organización social que define los roles sociales en una cultura y después queda incorporada a los circuitos cerebrales.

compartilhadas que orientam práticas e estabelecem visões de mundo. Fairclough (2013, p. 73)²⁴ vê “os textos midiáticos como uma classe de textos especializados em mover recursos para a construção de significado entre textos e, de forma mais abstrata, entre diferentes práticas sociais, campos, domínios e escalas da vida social.”. Ao representar atores sociais específicos (políticos, empresários, trabalhadores, agricultores, indígenas, entre outros), o jornalismo mobiliza categorias, atribui agência, distribui responsabilidades e constrói relações de identificação ou distanciamento com o público.

Além disso, narrativas jornalísticas contribuem para a sedimentação de certos modos de ver e pensar a realidade, Fairclough (1995, 2003) argumenta que o discurso jornalístico participa ativamente de processos de hegemonia, nos quais certas interpretações do mundo tornam-se dominantes não por imposição coercitiva, mas por parecerem naturais, óbvias ou inevitáveis. Essa naturalização opera, em grande medida, por meio de convenções linguísticas e fraseológicas que passam despercebidas justamente por sua familiaridade e repetição.

Por fim, é importante reconhecer que o jornalismo não constrói narrativas de forma monolítica ou homogênea. Há disputas, tensões e contradições tanto entre diferentes veículos quanto dentro de um mesmo veículo. Vozes dissonantes, enquadramentos alternativos e contranarrativas circulam, especialmente em contextos de dissenso entre elites ou de mobilização social intensa. No entanto, essas disputas ocorrem em um campo desigual, no qual certos atores possuem maior capacidade de fazer suas narrativas prevalecerem. Compreender como essas narrativas são linguística e discursivamente construídas é, portanto, condição necessária para uma análise crítica do jornalismo como prática social e como espaço de exercício de poder.

2.3.3 Tensões estruturais e contexto contemporâneo

O jornalismo contemporâneo encontra-se atravessado por tensões estruturais que desafiam tanto seus modelos tradicionais de operação quanto seus princípios fundadores. Essas tensões não são meramente conjunturais ou passageiras; ao contrário, expressam transformações profundas nos modos de produção, circulação e consumo de informação na sociedade em rede (Castells, 2009). Compreender essas tensões é fundamental para situar nosso objeto de estudo, uma vez que as escolhas linguísticas, fraseológicas e metafóricas dos veículos jornalísticos não podem ser dissociadas das condições materiais e simbólicas em que são produzidas.

²⁴ No original: I see media texts as a class of texts which are specialised for moving resources for meaning-making between texts, and more abstractly between different social practices, fields, domains and scales of social life.

Uma das tensões mais visíveis e amplamente discutidas diz respeito à crise do modelo de negócios que sustentou o jornalismo ao longo do século XX. Esse modelo baseava-se fundamentalmente em duas fontes de receita: a venda de exemplares (no caso da imprensa) ou de tempo publicitário (no caso do rádio e da televisão), e a comercialização de espaços para anunciantes. A convergência digital e a emergência da internet como plataforma dominante de comunicação desestabilizaram profundamente esse arranjo. De maneira geral, a prática jornalística por si só não dá lucro, na verdade, ela é um gasto. Ramonet (2013a, p. 61) explica que grandes jornais com nome e credibilidade estabelecidos são comprados por donos de grandes fortunas, que

não fazem isso para ganhar dinheiro, pois, atualmente, ninguém ganha dinheiro (ou ganha muito pouco) com a imprensa escrita; esta é, antes, uma atividade onde se perde dinheiro. Então, para que as comprem? Para ganhar influência, para ter um projeto ideológico, um projeto político, um projeto dominante.

A principal fonte de receita dos meios de comunicação tradicional – que ainda insistem no modelo de financiamento do século XX – não provém da venda do produto jornalístico em si, mas da publicidade. Como observa Ramonet (2013b, p. 84), a publicidade é a “principal fonte de financiamento das mídias privadas”, o que evidencia que o conteúdo jornalístico funciona como isca para audiência, não como mercadoria rentável por si mesma. O produto vendido não é a notícia ao leitor, mas a atenção do leitor ao anunciante (Ramonet, 2013a, 2013b).

A migração de leitores e audiências para plataformas digitais não foi acompanhada por migração proporcional de receitas publicitárias. Ao contrário, o mercado publicitário digital concentrou-se em grandes *corporações* tecnológicas — notadamente Google, Meta (Facebook) e, mais recentemente, plataformas como TikTok e X (antigo Twitter) — que capturam a maior parte dos investimentos sem produzir conteúdo jornalístico. Esse fenômeno, criou uma situação paradoxal: enquanto o alcance potencial do jornalismo nunca foi tão amplo, sua sustentabilidade econômica nunca foi tão frágil. O espaço público mediatizado passou por mudanças drásticas nos últimos dez anos, dados da Reuters Institute (2025) demonstram uma queda de 20% (de 62% em 2015 para 42% em 2025) de confiança do público nas notícias. Essas mudanças são acompanhadas e aceleradas pela internet, que hoje representa 78% das fontes de informações das pessoas (enquanto a TV tem 46% e o jornalismo impresso 10%).

A crise do modelo de negócios teve consequências diretas sobre as práticas jornalísticas. Houve redução significativa de equipes, fechamento de editorias, diminuição de investimento em reportagens investigativas e aprofundadas, e crescente dependência de agências de notícias e de materiais produzidos por assessorias de imprensa. Além disso, a busca por métricas de

audiência digital, que é expressa em cliques, visualizações de página e tempo de permanência, passou a influenciar decisões editoriais, favorecendo conteúdos que geram engajamento rápido em detrimento de coberturas mais complexas ou especializadas (Anderson, 2011; Tandoc Jr., 2014).

Nesse contexto de crise, emergiram modelos alternativos de financiamento. Entre eles, destacam-se: (a) sistemas de assinatura digital, adotados por veículos tradicionais que buscam converter leitores em assinantes pagantes; (b) financiamento coletivo, no qual leitores contribuem voluntariamente para projetos jornalísticos específicos ou para a manutenção de veículos; (c) apoio de fundações filantrópicas e organizações não governamentais, que financiam projetos em áreas consideradas estratégicas, como direitos humanos, meio ambiente ou combate à corrupção; e (d) modelos híbridos, que combinam diferentes fontes de receita (Camargo; Nonato; Pachi Filho; Lelo, 2023).

Cada um desses modelos traz implicações para a autonomia editorial e para as práticas discursivas dos veículos jornalísticos. Como argumenta Lacerda (2016), veículos que dependem de financiamento de fundações ou de apoio de leitores politicamente engajados tendem a desenvolver linhas editoriais mais definidas e posicionamentos mais explícitos do que aqueles que buscam atrair públicos amplos e diversificados. Isso não significa, necessariamente, perda de qualidade ou de compromisso com princípios jornalísticos, mas implica reconhecer que diferentes arranjos econômicos produzem diferentes formas de jornalismo.

2.3.3.1 Ética e prática profissional

A questão ética no jornalismo sempre esteve atrelada à tensão entre compromissos profissionais, como informar, servir ao interesse público, fiscalizar o poder — e pressões externas de natureza econômica, política ou *corporativa*. No entanto, a crise dos modelos de negócio e a diversificação das fontes de financiamento intensificaram e tornaram mais visíveis essas tensões.

Um dos dilemas centrais diz respeito à transparência sobre fontes de financiamento e seus potenciais conflitos de interesse. Quando um veículo jornalístico recebe apoio de uma fundação ligada a determinado setor industrial ou ideológico, isso deve ser explicitado ao público? Em que medida esse apoio pode influenciar, ainda que indiretamente, a seleção de pautas, o enquadramento de temas ou a escolha de fontes? Essas questões não são abstratas; elas se manifestam concretamente nas práticas cotidianas de redações e nos textos que chegam ao público.

Karam (2014, p. 241), ao comentar o termo Ética, no Dicionário da Comunicação, diz que “A eficácia da ética da comunicação repousa no reconhecimento e validação que obtém daqueles a quem se dirige”. Nesse contexto, é importante compreendê-la como processo de reflexão contínua sobre as responsabilidades da profissão diante de contextos específicos e conflitantes. O jornalismo tradicional construiu sua legitimidade em torno da reivindicação de imparcialidade, objetividade e distanciamento em relação a posições partidárias ou ideológicas. No entanto, essa reivindicação sempre foi parcialmente ficcional, ocultando os vieses estruturais produzidos por vínculos econômicos, por rotinas produtivas e por enquadramentos culturalmente dominantes (Traquina, 2005b; Rossi, 2012). O jornalismo independente contemporâneo, especialmente aquele financiado por modelos alternativos, frequentemente abre mão da retórica da imparcialidade, assumindo explicitamente compromissos com causas sociais, ambientais ou políticas. Isso não significa abandono de rigor, verificação ou pluralidade de fontes; significa, principalmente, transparência sobre o lugar de fala e sobre os valores que orientam a prática jornalística.

Essa mudança de postura tem implicações discursivas importantes. Veículos que assumem posicionamentos explícitos, como é o caso do *O Joio e o Trigo*, tendem a utilizar linguagem mais assertiva, a selecionar metáforas e enquadramentos alinhados a suas perspectivas, e a construir narrativas que mobilizam emoções específicas, seja a indignação diante de injustiças, a esperança em relação a alternativas ou a crítica a estruturas de poder. Como demonstram Traquina (2005a; 2005b), Castells (2009) e Ramonet (2013a), emoções desempenham papel fundamental nos processos de tomada de decisão política, e o jornalismo mobiliza, compreende e utiliza estrategicamente essa dimensão emocional da comunicação.

Outro aspecto relevante diz respeito às pressões exercidas por anunciantes e patrocinadores. No modelo tradicional de jornalismo comercial, a dependência de receitas publicitárias frequentemente gerava autocensura ou distorções na cobertura de temas sensíveis aos interesses de grandes anunciantes. Veículos financiados por modelos alternativos, ao reduzirem ou eliminarem essa dependência, conquistam maior liberdade para investigar setores econômicos poderosos, denunciar práticas *corporativas* nocivas e questionar narrativas dominantes. No entanto, essa habilidade não é indiscriminada. O poder que as fontes de financiamento alternativos dão aos veículos é diretamente limitada aos interesses de seus

maiores financiadores, que podem ser desde organizações da sociedade civil a instituições filantrópicas de bilionários específicos, que se estendem por quase todo espectro político²⁵.

Os impactos da crise econômica do setor se manifestam também nos conteúdos publicados. Estudos têm demonstrado que a dependência de fontes oficiais se intensificou em contextos de crise econômica, uma vez que essas fontes oferecem informações de fácil acesso e baixo custo de apuração (Traquina, 2005). Isso reforça o fenômeno do *indexing*, no qual a cobertura jornalística tende a refletir o espectro de posições existente entre as elites políticas, limitando a visibilidade de vozes dissonantes ou marginalizadas. Por outro lado, o jornalismo independente e digital tem criado oportunidades para que fontes alternativas — movimentos sociais, especialistas críticos, comunidades afetadas por políticas públicas — ganhem espaço, diversificando os enquadramentos disponíveis ao público.

Finalmente, as tensões estruturais impactam profundamente a credibilidade do jornalismo. Pesquisas de opinião têm registrado declínio na confiança do público em relação aos meios de comunicação tradicionais em diversos países, incluindo o Brasil (Reuters Institute, 2025). Esse declínio é atribuído a múltiplos fatores: percepção de viés político, dependência de interesses econômicos, erros e imprecisões na cobertura, sensacionalismo, e disseminação de desinformação. Paradoxalmente, a crise de credibilidade afeta de forma desigual diferentes tipos de veículo. Enquanto grandes *corporações* midiáticas enfrentam desconfiança crescente, veículos independentes e especializados, que operam em nichos e estabelecem relações mais próximas com suas audiências, frequentemente gozam de maior confiança entre seus públicos específicos.

Essa fragmentação da credibilidade reflete fenômeno mais amplo de segmentação do espaço público midiático. Em vez de um espaço público unificado, no qual todos compartilham das mesmas fontes de informação e dos mesmos enquadramentos, vivemos em um ambiente comunicacional cada vez mais plural e fragmentado, no qual diferentes públicos consomem diferentes jornalismo, mobilizam diferentes metáforas e habitam, em certa medida, diferentes realidades discursivamente construídas (Castells, 2009; Bruns, 2019). Essa fragmentação apresenta tanto riscos (polarização, desinformação, enfraquecimento do debate democrático) quanto oportunidades (diversidade de vozes, contestação de narrativas hegemônicas, empoderamento de grupos historicamente marginalizados).

²⁵ Um caso particularmente ícone do investimento e tentativa de influenciar, ao menos temas tratados, a mídia independente está George Soros, bilionário e filantropo húngaro, cuja fundação Open Society está presente em mais de 120 países financiando causas liberais.

Compreender essas tensões estruturais é, portanto, fundamental para analisar o jornalismo contemporâneo não como prática estável e homogênea, mas como campo em disputa, atravessado por contradições e em constante transformação. É nesse contexto que situamos nosso objeto de estudo, buscando compreender como um veículo específico de jornalismo independente e especializado constrói seus discursos, mobiliza seus recursos linguísticos e metafóricos, e participa da construção de representações sobre alimentação, poder e sociedade.

2.4 Linguística de Corpus

Com mais de meio século de estudos consolidados, a Linguística de Corpus constitui um campo amplo e diversificado de investigação da língua. Em seu sentido mais básico, a LC está preocupada com a coleta de grandes quantidades de textos em formato eletrônico, para que seja possível aplicar técnicas de manipulação de dados com o intuito de descrever os fatos da língua. Para a LC, o *corpus* “é uma coletânea de textos, necessariamente em formato eletrônico, compilados e organizados segundo critérios ditados pelo objetivo de pesquisa a que se destina” (Tagnin, 2005, p. 21). O formato eletrônico de manipulação dos textos fornece ao pesquisador a possibilidade de análise semiautomatizada com ferramentas computacionais (Tagnin, 2005).

No entanto, reduzir a LC a essa definição operacional seria negligenciar sua dimensão epistemológica mais profunda. Como pondera Hunston (2002, p. 3-4), “um *corpus* não contém novas informações sobre a língua, mas o *software* nos oferece uma nova perspectiva sobre o familiar”. A autora ressalta ainda que a “Linguística de Corpus é mais que simplesmente um conjunto de técnicas, mas um campo em que o avanço tecnológico e o desenvolvimento teórico acontecem juntos” (Hunston, 2002, p. 4). Ela demonstra, a partir de exemplos concretos, como a LC contribui ativamente na construção, revalidação e complementação de modelos teóricos explicativos da língua, evidenciando que não se trata apenas de aplicar tecnologia a dados linguísticos, mas de desenvolver novos modos de compreender a linguagem a partir das regularidades observadas em grandes volumes de dados.

Uma observação importante que Hunston (2002) faz é sobre as principais ferramentas desenvolvidas para análise de *corpora*. Ela salienta que os concordanciadores têm papel de destaque no desenvolvimento de *softwares* para a LC porque os pesquisadores da área entendem que as palavras e o cotexto que as cerca são mais importantes que outros elementos da análise linguística. Essa priorização não é meramente instrumental, mas reflete uma compreensão teórica de que o sentido emerge da interação entre itens lexicais e seus contextos imediatos de uso.

A LC compreende e estuda a língua a partir da abordagem empírica e, consequentemente, concebe a linguagem como sistema probabilístico, no qual nem tudo que é possível de ser realizado se concretiza efetivamente na língua. Para tanto, “Na lingüística, empírico significa primazia aos dados provenientes da observação da linguagem, em geral reunidos sob a forma de um *corpus*” (Berber Sardinha, 2004, p. 30). Essa orientação empírica, contudo, não significa um afastamento teórico.

Tognini-Bonelli (2001) argumenta que é fundamental distinguir entre abordagens *corpus-based* e *corpus-driven*. Na abordagem *corpus-based*, o *corpus* é utilizado principalmente para testar, refinar ou exemplificar teorias e descrições formuladas antes da análise dos dados de *corpus*. Já na abordagem *corpus-driven*, as categorias e padrões linguísticos emergem dos próprios dados do *corpus*, sem imposição prévia de conjuntos teóricos. Sinclair (1991, 2005) foi um dos principais defensores dessa segunda perspectiva, argumentando que a análise de *corpus* deve permitir que a própria língua revele seus padrões, ao invés de buscar nos dados confirmação para categorias pré-estabelecidas.

Nesta pesquisa, partimos do princípio de que a Linguística de Corpus é tanto uma abordagem potencialmente teórica quanto um conjunto de procedimentos metodológicos, que permite a exploração da língua em uso. Assim, a partir dela poderemos realizar um trabalho minucioso sobre a materialidade linguística, descrevendo o que é observado como de fato ocorre, ao mesmo tempo em que nos mantemos abertos à emergência de padrões que possam desafiar ou expandir nossa compreensão teórica prévia.

Um dos princípios centrais da LC é o reconhecimento de que a frequência importa para a descrição e compreensão do funcionamento da língua. Como observa Stubbs (2001), padrões de alta frequência não são acidentes, mas constituem evidência de convencionalização e de escolhas significativas dos falantes. A recorrência sistemática de certas combinações de palavras, estruturas ou usos aponta para regularidades que moldam tanto a produção quanto a compreensão linguística.

Sinclair (1991) propôs dois princípios fundamentais para a organização do texto: o princípio da livre escolha e o princípio idiomático. Segundo o primeiro princípio, as únicas restrições na produção textual seriam de ordem gramatical. No entanto, ele argumenta que o princípio idiomático é, na verdade, predominante na língua em uso. Essa perspectiva desafia modelos gerativistas que tratam a criatividade linguística como produção irrestrita a partir de regras sintáticas, mostrando que grande parte da linguagem é formulaica e convencionalizada. Hunston (2022, p. 140) ressalta que o termo *padrão* é frequentemente usado na LC com uma variedade de significados, mas sua definição central seria “uma regularidade observada”,

embora a natureza dessa regularidade não seja fixa. A autora propõe várias distinções importantes para compreendermos os diferentes tipos de padrões: o nível de abstração (palavras específicas ou categorias abstratas), a escala do fenômeno (regularidade local ou global), a natureza do *corpus* (texto individual ou *corpus* geral) e a fonte do fenômeno (restrições impostas pela própria língua ou repetição de ideias pelos falantes). A análise de padrões de coocorrência, como demonstram Hunston e Francis (2000 *apud* Hunston, 2022), permite identificar não apenas combinações frequentes de palavras (colocações), mas também as associações sistemáticas entre formas lexicais e estruturas gramaticais (padrões lexicogramaticais). Essas regularidades não são arbitrárias: elas refletem e constroem sentidos específicos.

Evison (2010, p. 122) argumenta que “manipular dados de *corpus*” envolve essencialmente dois processos relacionados: “produção de listas de frequência (seja em ordem de classificação ou ordenadas alfabeticamente) e a geração de concordâncias (exemplos de itens particulares em contexto)”. A autora ressalta que essas duas técnicas básicas de manuseio de *corpus* são construídas sobre “a base muito básica de que coleções eletrônicas de textos podem ser pesquisadas muito rapidamente”²⁶. No entanto, como a própria Evison (2010, p. 122) observa, “simplesmente contar itens ou exibir suas ocorrências não nos diz nada em si; é a análise associada, que pode ser tanto quantitativa quanto qualitativa, que fornece os *insights*”²⁷. Essa observação é crucial para compreendermos que a LC não se reduz à quantificação mecânica de dados, mas envolve sempre um processo interpretativo informado por conhecimento linguístico e contextual.

Outra questão fundamental na LC diz respeito à representatividade dos *corpora* e ao tamanho necessário para diferentes tipos de investigação. Lee (2010) observa que considerando quão rapidamente novos *corpora* eletrônicos passam a existir, ao falar em tamanho de *corpora* podemos, a princípio, correr o risco de ficar desatualizados muito rapidamente. No entanto, ele argumenta que há valor em ter uma visão geral dos *corpora* disponíveis, pois isso ajuda “a dar aos recém-chegados ao campo uma rápida visão geral do que está disponível (o universo dos *corpora*) assim como uma compreensão das diferenças que podem ser encontradas entre um

²⁶ No original: In order to gain this new perspective, the first analytical steps generally involve two related processes: the production of frequency lists (either in rank order, or sorted alphabetically) and the generation of *Concordances* [...] These two corpus-handling techniques— generating frequency lists and *Concordances*— are built on the very basic foundation that electronic collections of texts can be searched very rapidly.

²⁷ No original: it is the associated analysis, which may be both quantitative and qualitative, which provides the insights.

corpus e outro (as diferentes estrelas e constelação dentro desse universo e suas características únicas)” (Lee, 2010, p. 107)²⁸.

Koester (2022) oferece uma perspectiva valiosa sobre *corpora* pequenos e especializados, argumentando contra a visão de que maior é sempre melhor. Ela explica que a dimensão dos *corpora* e sua funcionalidade analítica está intimamente relacionada aos objetivos de pesquisa. Além disso, Koester (2022, p. 49) destaca uma vantagem crucial de *corpora* especializados menores, para a autora “onde *corpora* grandes, através de sua descontextualização, dão *insights* sobre padrões lexicogramaticais na língua como um todo, *corpora* menores e especializados dão *insights* sobre padrões de uso da língua em contextos particulares”. Essa observação é particularmente relevante para nossa pesquisa, que busca compreender padrões fraseológicos e metafóricos em um contexto jornalístico específico.

As ferramentas mais comumente usadas na LC incluem listas de frequência de itens lexicais individuais e n-gramas (*clusters* de palavras recorrentes de duas ou mais palavras); palavras-chave (palavras que ocorrem estatisticamente com mais ou menos frequência em um *corpus* do que em outro); colocações (palavras que comumente coocorrem com um item particular); e concordâncias, que mostram palavras de busca em seu contexto circundante (Mautner, 2022, p. 253). A concordância pode ser definida como “uma coleção das ocorrências de uma forma de palavra, cada uma em seu próprio ambiente textual. Em sua forma mais simples, é um índice. Cada forma de palavra é indexada e uma referência é dada ao lugar de ocorrência em um texto” (Sinclair, 1991, p. 32)²⁹. Tribble (2010, p. 167), ressalta a importância dessa definição porque ela nos lembra que “originalmente, uma concordância era uma lista manualmente preparada das formas de uma palavra encontradas em um texto ou conjunto de textos junto com referências a suas localizações precisas (por livro, verso, linha, etc.)³⁰”. O formato KWIC (*Key Word In Context*) apesar de familiar nos vários softwares para análise linguísticas, é apenas uma das formas possíveis de visualização de dados de concordância.

Nesta pesquisa, a LC não é apenas metodologia, mas fundamento teórico-epistemológico que estrutura nosso modo de abordar o objeto de estudo. Partimos do pressuposto de que as regularidades observáveis em *corpus* constituem evidência primária

²⁸ No original: it will help give newcomers to the field a quick overview of what is available (the corpus universe) as well as an understanding of the differences that can be found between one corpus and another (the different stars and constellations within the universe and their distinguishing characteristics).

²⁹ No original: “A *Concordance* is a collection of the occurrences of a word-form, each in its own textual environment. In its simplest form it is an index. Each word-form is indexed and a reference is given to the place of occurrence in a text.”

³⁰ No original: “originally, a *Concordance* was a manually prepared list of the word-forms found in a text or set of texts along with references to their precise locations (by book, verse, line, etc.).”

sobre o funcionamento da língua e a construção de sentidos. Alinhamo-nos à perspectiva de pesquisa direcionada por *corpus* (*corpus-driven*) defendida por Novodvorski (2022), para quem os padrões fraseológicos e metafóricos emergem da análise sistemática dos dados, sem imposição prévia de categorias teóricas. Nesse sentido, a combinação de ferramentas computacionais específicas com *corpora* de consulta adiciona valores de confiabilidade ao trabalho (Novodvorski, 2022).

Portanto, nossa análise de fraseologismos e metáforas no *corpus* jornalístico *O Joio e o Trigo* é fundamentalmente *corpus-driven* na medida em que a coleta e exploração do *corpus* precede qualquer seleção teórica, ademais para os resultados que apresentamos nesta tese, permitimos que os padrões emergjam dos dados, mesmo que estejamos apoiados em fundamentos teóricos sobre fraseologia (Corpas Pastor, 1996) e metáfora (Lakoff; Johnson, 1980; Pamies Bertrán, 2002; Castells, 2009).

A escolha pela LC se justifica porque nosso interesse está precisamente nos padrões convencionalizados de uso linguístico em um domínio discursivo específico (jornalismo especializado em alimentação), e em como esses padrões revelam e constroem enquadramentos conceptuais. As ferramentas e procedimentos da LC – concordância, análise de colocação, identificação de palavras-chave – permitem identificar e quantificar esses padrões de modo que análise manual ou intuitiva não permitiria, especialmente considerando o tamanho do nosso *corpus* (cf. seção 3.2).

Seguindo os princípios discutidos por Koester (2022), reconhecemos que nosso *corpus*, especializado e de tamanho pequeno a moderado, é adequado para o tipo de análise que propomos. Como Koester (2022, p. 51) argumenta, “em *corpora* especializados, léxico e estruturas especializadas são prováveis de ocorrer com padrões e distribuição mais regulares” quando comparados a um *corpus* de língua geral. Além disso, como compilamos e analisamos nosso próprio *corpus*, temos mais familiaridade com o contexto de produção e distribuição (Fairclough, 2001), o que nos permite “equilibrar e complementar os achados quantitativos revelados pela análise de *corpus* com resultados qualitativos” (Koester, 2022, p. 49).

Fundamentalmente, consideramos o aviso de Mautner (2022) para quem o uso de métodos de LC leva a uma de tentação de pular para conclusões que pode se mostrar quase irresistível. Por isso, mantemos vigilância constante quanto à plausibilidade de nossas interpretações e evitamos generalizar excessivamente a partir de nossos resultados.

Assim, a LC constitui não um mero conjunto de técnicas aplicadas a dados pré-teorizados, mas a perspectiva fundamental que orienta nosso olhar sobre a língua: como sistema probabilístico, convencionalizado, estruturado por padrões de coocorrência lexicogramaticais

que são ao mesmo tempo reflexo e constituintes de práticas discursivas e enquadramentos conceptuais situados social e culturalmente. É através dessa lente que buscamos compreender como o jornalismo praticado pelo *O Joio e o Trigo* mobiliza recursos fraseológicos e metafóricos para construir representações particulares do sistema alimentar e dos atores sociais envolvidos nele.

Tendo estabelecido a relevância teórica e social de nosso objeto de estudo e justificado nossas escolhas analíticas, passamos agora à apresentação detalhada dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, incluindo critérios de seleção e compilação do *corpus*, ferramentas de análise linguística utilizadas e etapas do processo de identificação, descrição e análise das unidades fraseológicas e metafóricas que constituem nosso foco investigativo.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos o *corpus* de estudo e os procedimentos metodológicos empenhados na pesquisa. Na primeira parte da seção, há uma apresentação do *corpus*, na qual contamos todos os passos tomados quanto à seleção e características do *corpus*. Ainda nessa primeira parte, tratamos da questão do jornalismo especializado e independente, conceituações importantes para entendermos em que contexto os textos que compõem o *corpus* são escritos, divulgados e acessados. Em seguida, na segunda parte, discorremos sobre a compilação e preparação dos textos com os procedimentos metodológicos. Na terceira parte, falamos sobre as ferramentas de análise linguística utilizadas na pesquisa e os procedimentos empregados no processamento de dados para análise. Decidimos incluir, nesta seção de metodologia, o estudo exploratório realizado em 2022, durante a disciplina *Tópicos em Estudos Linguísticos: Fraseologia, Metáfora e Corpus* ofertada pelo Prof. Dr. Ariel Novodvorski, pois foi a partir do que encontramos naquela exploração que realizamos o desenho da pesquisa que se seguiu. Para fechar a seção, retomamos os objetivos da pesquisa articulando-os à fundamentação teórica e metodológica proposta e apresentando um desenho de como a seção de análise está estruturada.

De acordo com Silveira e Córdova (2009), as pesquisas científicas podem ser classificadas quanto à abordagem, objetivos e procedimentos. Nesse sentido, o estudo proposto circunscreve-se como pesquisa qualitativa, pois busca descrever, compreender e explicar um fenômeno social considerando dados empíricos (Silveira; Córdova, 2009). Para a LC, a pesquisa qualitativa parte de indagações sobre “como significados valorativos e o uso de palavras individuais podem ser identificados e descritos. Ela usa *corpus* para operacionalizar um exame detalhado de palavras individuais e sequências de palavras em contexto” (Hunston, 2011, p. 50)³¹. Ademais, esta pesquisa tem objetivos descritivistas, uma vez que intencionamos descrever as escolhas lexicogramaticais observadas no *corpus*. Quanto aos procedimentos, a pesquisa pode ser caracterizada como documental, ou seja, que trabalha com documentos – como são os textos jornalísticos digitais compilados para a construção do *corpus* de estudo.

3.1 Seleção e características do *corpus*

O *corpus* da pesquisa é composto por textos jornalísticos de diferentes gêneros discursivos publicados pelo projeto jornalístico *O Joio e o Trigo*. Fundado pelos jornalistas João Peres e Moriti Neto, *O Joio e o Trigo* é um projeto de jornalismo investigativo que defende

³¹ No original: “Qualitative corpus research asks how the evaluative meaning and usage of individual words and phrases might be identified and described. It uses a corpus to carry out a detailed examination of individual wordforms and word sequences in context.”

o papel central do jornalismo como ferramenta de mudança social, especialmente no que se refere ao combate às grandes *corporações* – com destaque para as do ramo alimentício e do agronegócio (O Joio e o Trigo, 2023). O *Joio* conta com as editorias Lobby, Cultura Alimentar, Agronegócio, Indústria da fumaça e Colapso climático; ademais, há a produção do *podcast* Prato Cheio e da seção Especiais, que abarca *webstories* e agrupamentos dos textos produzidos em séries temáticas. O projeto pretende ir além do jornalismo, editando e publicando livros, além de oferecer um ciclo de cursos formativos nomeado *Joio Formação*.

Para compreender as características desse *corpus* e justificar sua seleção como material de pesquisa, bem como explicitar porque é produtivo investigar metáforas e fraseologismos especificamente nele, é essencial situar o veículo no contexto das modalidades jornalísticas contemporâneas. Podemos classificar *O Joio e o Trigo* como jornalismo nativo digital, especializado e independente. Essas classificações são cruciais, pois é a partir do contraste que os materiais jornalísticos produzidos pelo veículo estabelecem com o jornalismo tradicional que a originalidade da pesquisa se evidencia. Ademais, aos olhos sensibilizados para fenômenos fraseológicos e metafóricos, a própria página inicial do site se revela um prato cheio de trocadilhos, jogos de linguagem e metáforas específicas do campo da alimentação, como podemos observar na Figura 4.

FIGURA 4 - Colagem de elementos do site *O Joio e o Trigo*



Fonte: A autora.

3.1.1 *Jornalismo especializado: conceituação e características*

O jornalismo especializado pode ser compreendido como modalidade que se distingue pela cobertura aprofundada e sistemática de áreas temáticas específicas. Segundo Bueno (2015, p. 283), trata-se da

Prática profissional e também a subárea de estudos e pesquisas em Jornalismo que contemplam o processo de produção jornalística voltado para a cobertura qualificada de temas específicos. Ele se manifesta a partir de fontes reconhecidas como competentes e autorizadas em determinadas áreas de conhecimento, e pela apropriação de um discurso especializado, que *incorpora* termos e expressões comuns (e muitas vezes exclusivos) dessas áreas. Na maioria dos casos, o Jornalismo Especializado se localiza em espaços (páginas, cadernos, programas, portais etc.) determinados, seja como resultado do trabalho individual de profissionais (jornalistas ou não) capacitados para exercê-lo, seja como fruto do trabalho de um grupo de profissionais, reunidos em editorias específicas.

Essa definição permite identificar elementos estruturantes do jornalismo especializado que são relevantes para nossa pesquisa. Em primeiro lugar, os profissionais que o praticam costumam ter formação específica ou complementar na área, além de experiência na cobertura dos temas associados a ela. Uma vez que a prática do jornalismo especializado exige dos profissionais o conhecimento aprofundado de conceitos e processos que tipificam as áreas de cobertura, capacitando-os a interagir de forma competente com as fontes principais e a acessar recursos especializados (publicações técnico-científicas, eventos) que respaldam as produções jornalísticas.

Do ponto de vista linguístico e discursivo, o jornalismo especializado caracteriza-se por elementos específicos. O primeiro deles é o uso mais intenso de termos e de UFEs, que circulam entre discursos científicos, institucionais e midiáticos. O jornalismo especializado atua como mediador dessas terminologias, ora explicitando seus significados para públicos mais amplos, ora assumindo que seu público-alvo já os domina. Em segundo lugar, ele estabelece relações mais estreitas e continuadas com fontes específicas, construindo redes de interlocução que transcendem o modelo convencional de busca pontual por informações do jornalismo cotidiano.

Bueno (2015) destaca ainda que o jornalista especializado não se limita a transcrever as falas das fontes, mas as articula e as confronta, contextualizando-as em função das intenções, abrangência ou dimensões de sua pauta. Logo, não se pode confundir o esforço do jornalista especializado em captar as falas das fontes com o processo automático de tradução, pois o discurso no jornalismo especializado deve ir além das fontes, *incorporando* a experiência, as intenções e as visões de mundo dos profissionais de imprensa.

3.1.2 Jornalismo digital, investigativo e independente

Além de especializado, *O Joio e o Trigo* pode ser caracterizado como veículo nativo digital, investigativo e independente. Essas dimensões entrelaçam-se e influenciam suas práticas linguísticas e discursivas. Para Lenzi (2020, p. 2), o jornalismo nativo digital “trata-se do conteúdo informativo produzido por veículos que nasceram e existem exclusivamente no ambiente da internet”, diferenciando-se de sites de jornais impressos ou emissoras que adaptaram seus conteúdos para a *web*. Essa característica permite experimentação com formatos multimídia, hipertextualidade, interatividade e atualização contínua (Pavlik, 2001; Primo, 2011).

A dimensão investigativa manifesta-se no compromisso com aprofundamento sistemático em temas complexos, revelação de informações que atores poderosos prefeririam manter ocultas e investimento significativo em processos de apuração e verificação (Hunter, 2011; Fortes, 2012). Como argumentam Ettema e Glasser (1998), o jornalismo investigativo distingue-se por ser produto da iniciativa do jornalista, tratar de assuntos que alguém quer manter ocultos e ter relevância pública significativa. Na materialidade linguística, caracteriza-se por uso estratégico de evidências discursivas, por exemplo, citações diretas de documentos, estatísticas, referências a fontes múltiplas, que constroem autoridade e credibilidade.

Finalmente, a independência refere-se tanto aos modelos de financiamento quanto às características editoriais. Como explica Lacerda (2016, p. 18), veículos independentes “são financiados por meio de investimentos próprios, *crowdfunding* e doações de fundações filantrópicas [...] Para driblar a instabilidade financeira e ampliar as possibilidades de atuação, firmam-se parcerias com outras organizações e também com a população”. Essa configuração permite maior autonomia editorial em relação a anunciantes e grupos econômicos.

Do ponto de vista editorial, o jornalismo independente frequentemente caracteriza-se por escolha de pautas pouco representadas na mídia tradicional, abordagens críticas de estruturas de poder e compromisso explícito com causas ou valores específicos (Atton; Hamilton, 2008). Essas características apresentam-se linguisticamente no uso de linguagem mais assertiva e valorativamente marcada, explicitando posicionamentos ideológicos ao invés de ocultá-los sob aparência de neutralidade.

3.1.3 O Joio e o Trigo: projeto editorial e posicionamento

Na aba “Quem Somos”, os fundadores do *Joio* apresentam sua visão e estabelecem de forma clara o campo de atuação do veículo:

O Joio nasce em outubro de 2017 sem espaço para meias palavras: somos um projeto jornalístico que afirma a necessidade de construirmos um novo sistema econômico, que coloque o bem-estar das pessoas, dos animais e do planeta no centro. Hoje, quem está no centro são as *corporações*, e é disso que se trata o Joio. "Poder privado": duas palavras tão pouco utilizadas pelo jornalismo brasileiro que até soam estranhas aos ouvidos. Entendemos que investigá-lo é a nossa missão. [...] Afinal, comer é um ato político, com profundas implicações sociais, econômicas e ambientais. [...] Resolvemos, porém, fazer dessas informações um jornalismo irreverente, contra-hegemônico, com bom humor, mas, principalmente e sempre, com rigor. (O Joio e o Trigo, 2024)

Essa apresentação revela posicionamento editorial explícito e crítico em relação a estruturas de poder, particularmente *corporações* do setor alimentício e do agronegócio. O próprio nome do veículo remete à parêmia metafórica “separar o joio do trigo”, definida pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa como “separar o que é ruim do que é bom”. Essa definição sugere a missão do veículo como sendo a de distinguir informações de boa qualidade sobre o assunto de interesse do jornal, ao contrário de outros veículos que apenas repercutiriam o interesse dos poderosos do setor. Essa metáfora fundante permeia toda a produção do veículo e se desdobra em múltiplas realizações linguísticas, como demonstra a análise exploratória do mini *corpus* (cf. seção 3.4).

De acordo com as informações disponibilizadas pelo *Joio*, sua manutenção financeira se dá com o apoio de organizações filantrópicas, organizações sem fins lucrativos, dos próprios leitores por meio do programa Sementeira, e da venda de cursos, livros e produtos. Essa diversificação de fontes de financiamento busca garantir autonomia editorial, ainda que seja necessário reconhecer que toda forma de financiamento implica algum tipo de relação com grupos específicos. O que distingue o *Joio* de veículos comerciais tradicionais é a transparência sobre essas relações e o compromisso explícito com perspectiva crítica em relação ao poder *corporativo*.

Pesquisas recentes têm destacado a relevância do trabalho desenvolvido pelo *Joio*. Romagna (2023), em trabalho de conclusão de curso sobre o discurso do jornal acerca da fome e insegurança alimentar, identificou duas formações discursivas principais nas matérias publicadas em 2022: “A fome como um problema político” e “A fome como experiência cotidiana”. A autora conclui que o *Joio* estabelece diálogo estreito com grupos marginalizados e lideranças sociais, assegurando um espaço público plural e confirmando a abordagem de Carvalho e Bronosky (2017) sobre o jornalismo alternativo.

Scabin (2023), por sua vez, analisou a quinta temporada do *podcast* Prato Cheio, observando que o programa estabelece enquadramentos do campo alimentar como espaço em conflito, atravessado por assimetrias na distribuição do poder. A pesquisadora identifica que o *podcast* articula-se com discursividades de ativismos alimentares emergentes, constituindo

contraponto aos quadros dominantes no jornalismo de alimentação. Segundo Scabin (2023), o *Prato Cheio* contrapõe-se aos enquadramentos do jornalismo gastronômico tradicional, cujo foco recai sobre o prazer de comer, estruturando-se a partir de referenciais que ganham força com os ativismos alimentares do século XXI.

3.1.4 Justificativa da seleção do corpus

A escolha de *O Joio e o Trigo* como *corpus* de estudo justifica-se por múltiplas razões convergentes. Primeiro, por ser simultaneamente especializado, digital, investigativo e independente, o veículo oferece material linguístico rico e denso, permitindo investigação de fenômenos fraseológicos e metafóricos em contexto discursivo específico e socialmente relevante. Em segundo lugar, sua especialização em temas relacionados à alimentação, saúde e poder cria condições ideais para estudo de unidades fraseológicas e metafóricas do campo lexical e semântico da alimentação, nosso foco de pesquisa.

Terceiro, como veículo que assume posicionamento crítico explícito em relação a narrativas dominantes sobre alimentação e agronegócio, o *Joio* oferece oportunidade de investigar como enquadramentos alternativos são construídos linguisticamente e discursivamente na produção jornalística. Quarto, a análise exploratória do mini *corpus* confirmou a produtividade dessa escolha ao revelar presença significativa de unidades fraseológicas relacionadas ao campo da alimentação e de metáforas conceituais estruturantes. Assim, o *corpus* da pesquisa permite investigação sistemática e empiricamente fundamentada dos fenômenos de fraseologia e metáfora, possibilitando não apenas descrição de realizações linguísticas específicas, mas também mapeamento de padrões recorrentes e de relações entre esses fenômenos.

Por fim, estudar o discurso de veículo de jornalismo independente sobre alimentação tem relevância social evidente. A alimentação constitui tema central na vida contemporânea, atravessado por múltiplas dimensões tais como saúde pública, meio ambiente, economia, cultura, política. As formas como representamos e enquadrados questões alimentares influenciam nossas escolhas individuais e coletivas, nossas políticas públicas e nossas relações com a produção e o consumo de alimentos. Compreender como o jornalismo constrói essas representações contribui para o debate público qualificado sobre alimentação e poder.

3.2 Procedimentos metodológicos

Antes de realizarmos a compilação de um *corpus* substancial para pesquisa, empregamos os procedimentos de planejamento, coleta, limpeza e organização em uma pequena amostra de textos para a análise preliminar, que chamamos de mini *corpus* usado na

análise exploratória (cf. seção 3.4). A compilação de um mini *corpus* para análise preliminar foi completada a partir da coleta dos textos dos primeiros seis meses de publicação do *Joio*. Seguimos os seguintes critérios: estar no recorte temporal dos primeiros seis meses – a saber de 27/10/2017 a 29/03/2018, cujo idioma fosse português brasileiro. Para o mini *corpus*, fizemos a coleta do site de origem selecionando texto a texto, copiando-os diretamente no bloco de notas para serem salvos formato .txt na codificação ANSI. O procedimento foi necessário, pois “o ideal é que os arquivos estejam no formato TXT, o que significa que contém somente caracteres do teclado (letras, números e símbolos ortográficos), sem códigos de formatação específicos para certos programas” (Berber Sardinha, 2004, p. 51). A codificação usada se deve ao fato de que em certos momentos da análise preliminar processamos esses textos no *WordSmith Tools 6.0* que precisa dessa codificação para conseguir ler os textos, no entanto ao avançar na pesquisa optamos por outro software de análise que consegue fazer a leitura dos arquivos de texto em vários formatos.

Durante a etapa de compilação, também realizamos o processo de limpeza do *corpus*, que consiste na eliminação de itens irrelevantes para a pesquisa em questão, tais como, cabeçalho do site, hiperlinks, imagens, gráficos, entre outros elementos. O mini *corpus* da análise preliminar é composto por 42 textos, com 81.239 tokens³² e 10.586 types³³. Relatamos esse processo, pois, na próxima seção apresentamos os resultados da análise preliminar e discutimos como esses foram produtivos para o prosseguimento da pesquisa.

Após a análise preliminar, verificamos nossa hipótese inicial de que seria produtivo trabalhar com o *Joio* como *corpus* de pesquisa para investigação de fraseologismos e metáforas, dessa forma, retomamos a coleta do *corpus* para sua versão completa para a qual seguimos os mesmos procedimentos da coleta do mini *corpus*. Ao delimitarmos o *corpus* desta tese, decidimos trabalhar com todo o material publicado em formato de texto, em língua portuguesa, desde o lançamento do site em outubro de 2017 até dezembro de 2022, quando atingimos mais de 1 milhão de *tokens* compilados.

No total, 826 textos publicados no período de outubro de 2017 a dezembro de 2022 em língua portuguesa entraram nos critérios de coleta. O material escrito totaliza 1.342.004 *tokens* e 45.089 *types*. Nomeamos o *corpus* da pesquisa como *CorJT*, ou seja, *Corpus O Joio e o Trigo*. Os arquivos de texto foram nomeados a partir dos dados de ano, mês de publicação, dia da publicação e iniciais do nome do autor, por exemplo, um texto de João Peres publicado em 27 de outubro de 2017, é o arquivo 171027JP do *corpus*. Nos poucos casos de mais de uma

³² Tokens são o total de ocorrências de palavras do corpus (Berber Sardinha, 2007).

³³ Types são o total de palavras dos arquivos sem considerar as repetições (Berber Sardinha, 2007).

publicação pelo mesmo autor no mesmo dia, adicionamos numerais sequenciais para identificação, por exemplo, 171030JP e 171030JP1. Todos os arquivos estão salvos no computador na pesquisadora orientanda e em uma pasta compartilhada do OneDrive com o pesquisador orientador, conforme a Figura 5.

FIGURA 5 - *Corpus* de estudo organizado

Nome	Status	Data de modificação	Tipo	Tamanho
171027JP	OK	17/05/2023 17:22	Documento de Te...	13 KB
171030JP	OK	17/05/2023 17:22	Documento de Te...	12 KB
171030JP1	OK	17/05/2023 17:22	Documento de Te...	20 KB
171101JP	OK	17/05/2023 17:22	Documento de Te...	5 KB
171108JP	OK	17/05/2023 17:22	Documento de Te...	7 KB
171109JP	OK	17/05/2023 17:22	Documento de Te...	9 KB
171113JP	OK	17/05/2023 17:22	Documento de Te...	11 KB

Fonte: A autora.

Após a compilação total dos textos escritos, realizamos uma nova limpeza de *links* e palavras quebradas no texto, percebemos essa necessidade ao notar que o nome de uma marca estava nos arquivos em .txt em todos os lugares nos quais originalmente havia fotos ou infográficos nas matérias. Essa segunda limpeza foi realizada contando com a ajuda da opção *pesquisar* do próprio Windows na pasta que contém o *corpus* compilado e da ferramenta *localizar* dentro de cada arquivo. Na próxima subseção apresentamos o software usado para a análise.

3.3 Processamento de dados

O software de análise com o qual trabalhamos nesta pesquisa é o Sketch Engine (SE) criado por Adam Kilgarriff e Pavel Rychlý, e desenvolvido pela Lexical Computing Ltd. O SE é um programa pago que permite a análise de textos *online*. A taxa básica para uso acadêmico é de 8,39 euros ao mês por 1 milhão de palavras, como nosso *corpus* ultrapassa esse tamanho pagamos a tarifa adicional de 1,16 euros para mais 1 milhão de palavras, ou seja, o investimento feito para nossa pesquisa é de 9,55 euros ao mês, pouco mais de R\$50 mensais. Há opções de pagamento quadrimestral e anual com descontos. Uma funcionalidade importante para nós, quanto ao pagamento do SE, é a possibilidade de suspender a assinatura por um tempo sem

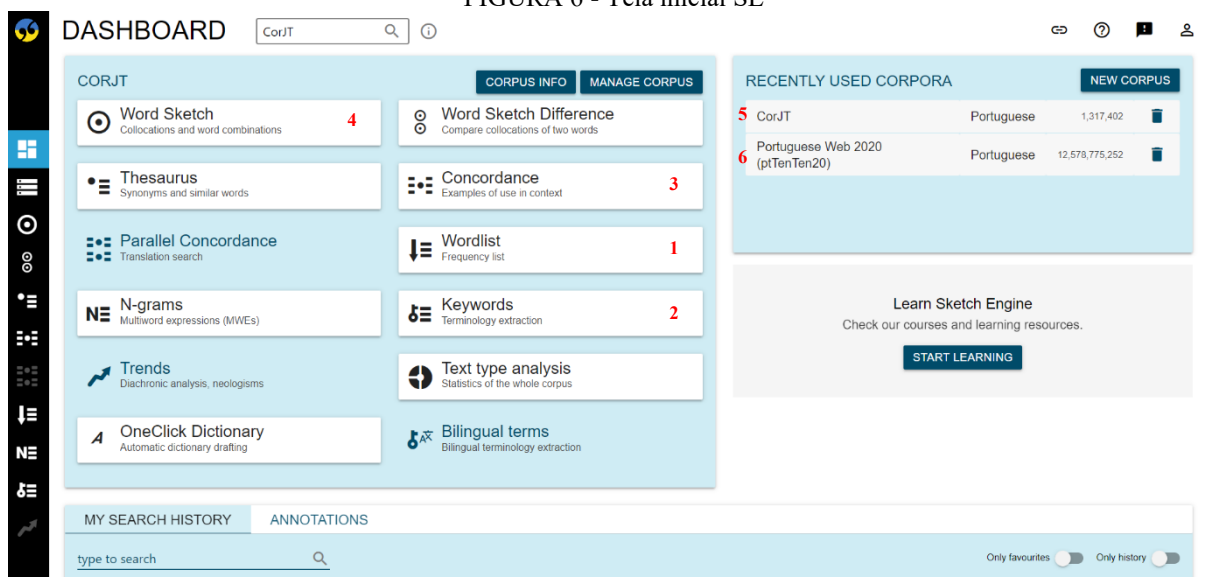
perder dados já inseridos e processados ali, assim quando reativamos a assinatura pausada o trabalho pode seguir do mesmo ponto.

Fromm et al. (2020, p. 1197) explicam que o objetivo do SE é

propiciar pesquisas, por meio de *corpora*, em torno do funcionamento de diversas línguas. Para atingir tal propósito, há vários recursos, como o tesauro, que encontra palavras com significados semelhantes ou que aparecem em contextos similares, as listas de frequências e a compilação e gestão de *corpora*.

A Figura 6, a seguir, apresenta a tela principal do SE. Na Figura 6 enumeramos as principais ferramentas que utilizaremos para a análise de dados, a saber: (1) *Wordlist*, (2) *Keywords*, (3) *Concordance* e (4) *Word Sketch*. Também indicamos o *corpus* da pesquisa já inserido no software (5) e o *corpus* de referência (6).

FIGURA 6 - Tela inicial SE



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2024).

A ferramenta *Wordlist* funciona gerando, a partir do *corpus* indicado, listas de palavras por frequência de vários tipos, por exemplo: listas de substantivos, verbos, adjetivos e outras classes gramaticais; além de listas a partir de prefixos, sufixos ou a partir da busca por determinados caracteres. Também é possível usar a *Wordlist* para gerar listas de frequência por *tags*³⁴, lemas³⁵ e outros atributos, ou ainda, por uma combinação de critérios. A configuração padrão da *Wordlist* exclui as não-palavras³⁶ automaticamente. Também é possível, nas

³⁴ *Tag* é um rótulo atribuído a cada token em um corpus anotado para indicar a classe gramatical e a categoria gramatical.

³⁵ Lema é a forma básica de uma palavra, normalmente a forma encontrada nos dicionários. Um corpus lematizado permite pesquisar a forma básica e incluir todas as formas da palavra no resultado, por ex. procurando pelo alimentar vai encontrar alimentares, alimenta, alimento etc.

³⁶ Não-palavras são números, símbolos, sinais de pontuação, entre outras ocorrências gráficas que não são caracterizadas como palavras.

configurações avançadas, incluir uma listagem de palavras a serem excluídas/desconsideradas na criação da lista de frequências, essa listagem é chamada de *stoplist*. Na nossa pesquisa, a intenção com o uso da *stoplist* foi de privilegiar a observação de palavras lexicais³⁷.

Na Figura 7, a seguir, conseguimos ver as configurações utilizadas para a geração de listas de palavras nesta pesquisa, configurada da seguinte forma: 7. buscar por todas as palavras (*words*); 8. usar a *stoplist* dada; 9. excluir não-palavras; e, 10. considerar para a contagem como mesma ocorrência os casos de grafias diferentes com letras maiúsculas e minúsculas, e. g., na lista gerada *Alimentar* e *alimentar* serão todas contadas para a frequência de *alimentar*.

FIGURA 7 - Configurações da *Wordlist*

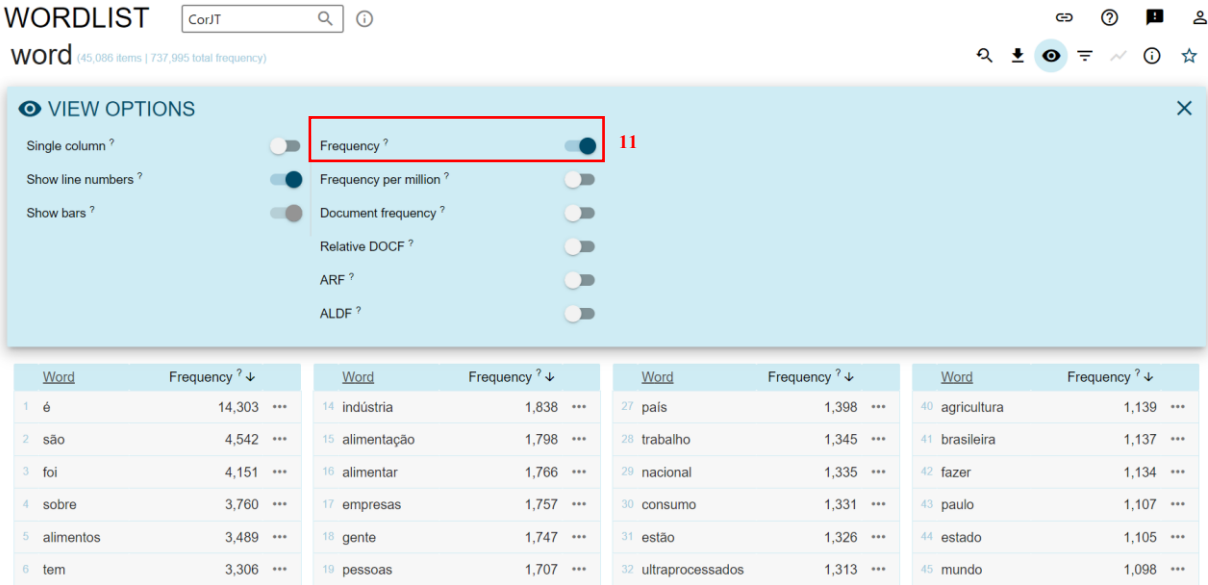
Fonte: Lexical Computing Ltd. (2024).

Na *Wordlist* do SE, quatro medidas de frequência diferentes podem ser exibidas na lista de palavras: frequência, frequência por milhão, ARF e ALDF. As duas últimas são possibilidades da exibição modificada da frequência que realizam cálculos para evitar que uma parte do *corpus* influencie desproporcionalmente no resultado geral.

Na Figura 8, mostramos que para nosso trabalho nos interessou a frequência simples.

³⁷ No texto *Como as palavras se organizam*, Maria Helena de Moura Neves explica a diferença entre as palavras lexicais, “aquelas que trazem em si alguma representação do mundo (real ou fantasiado), um valor não apenas gramatical”, e as palavras gramaticais, que “umas são peças da organização oracional, outras são peças definidas na semântica textual e na organização interacional” (Neves, [s.d], p. 18).

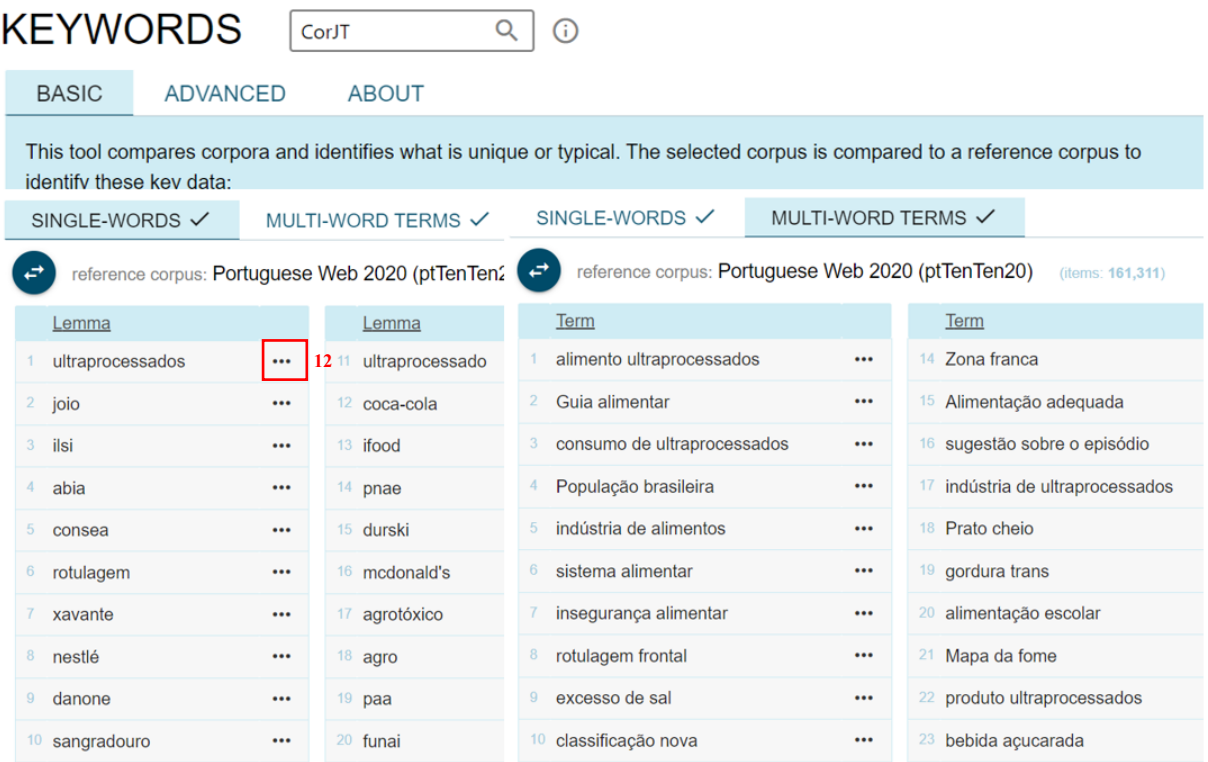
FIGURA 8 - Opções de visualização da *Wordlist*



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2024).

Na próxima figura, apresentamos uma colagem que mostra as abas da ferramenta *Keywords*, que apresenta listas de palavras-chave. No caso do SE, o usuário pode acessar listas de palavras-chave tanto de palavras únicas, quanto de termos de multipalavras.

FIGURA 9 - Telas de funcionamento da *Keywords*



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2024).

Para gerar essas listas, é necessário que haja um *corpus* de referência, em outros programas o pesquisador deve ele mesmo coletar esse *corpus* de referência ou buscá-lo em

bancos disponíveis *online*. Ao usar o SE, o pesquisador não precisará realizar essa tarefa, já que o programa tem acesso a família de *corpora* TenTen, um conjunto de *corpora* web criado usando o mesmo método e com um tamanho alvo de 10 bilhões de palavras, construídos utilizando tecnologia especializada em recolher apenas conteúdos com valor linguístico. Usaremos, nesta pesquisa, o Portuguese Web 2023³⁸ (*ptTenTen23*) como *corpus* de referência (Fig. 6, item 6). Ele é um *corpus* em língua portuguesa (brasileira e portuguesa) composto por textos coletados da internet e pertence à família TenTen. Na pesquisa usamos a versão pré-determinada da ferramenta, assim, não realizamos nenhuma configuração adicional.

Por sua vez, a ferramenta *Concordance* (Fig. 6, item 3) gera linhas de concordância, que são “listagens de ocorrências de um item específico (chamado de termo de busca ou nódulo, que pode ser formado por uma ou mais palavras) acompanhado do texto aos seu redor (co-texto)” (Berber Sardinha, 2009, p. 83). O concordanciador do SE pode encontrar palavras, frases, *tags*, documentos, tipos de texto ou estruturas de *corpus* e exibir os resultados no contexto na forma de uma concordância. Há vários caminhos pelos quais podemos chegar a uma lista de concordância, o mais direto é buscando pelo item diretamente no painel do *Concordance*, com critérios avançados ou não, mas também, é possível acessar uma concordância a partir de qualquer outro resultado do SE, e. g., clicando nos três pontinhos que acompanham os resultados da *Wordlist* ou *Keywords* (Fig. 9, item 12).

Na Figura 10, a seguir, apresentamos o *Concordance* enumerando suas funcionalidades.

FIGURA 10 - Explicando o *Concordance*

The screenshot displays the Concordance tool interface. At the top, the search term 'CorJT' is entered in the search bar. Below the search bar, the results for the lemma 'alimentar' are shown, including a frequency of 2,361 and a percentage of 0.15%. The interface includes a list of documents on the left, a central table of concordance results, and a right sidebar with various tool options like 'KWIC', 'Left context', and 'Right context'. The concordance results are displayed in a table with columns for document ID, document name, and the concordance text. The text is highlighted in red, and the word 'alimentar' is marked with a red box. The interface also includes a 'Details' button and a 'Sort word' dropdown menu.

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2024).

³⁸ O Portuguese Web disponível no SE é constantemente atualizado com novos textos, suas versões mais atuais são as disponibilizadas para os usuários. Portanto, ao longo desse estudo a versão do *ptTenTen* utilizada pode variar. Por exemplo, a análise do mini *corpus* apresentada na próxima seção foi realizada com o *corpus* de referência *ptTenTen18*.

Os resultados apresentados na figura são da busca pelo lema alimentar no *CorJT* (item 13) que gerou 2.361 linhas de concordância. Cada resultado nas linhas, que são organizadas numericamente, vem acompanhado da codificação do seu texto de origem (item 14). A maneira mais comum de apresentação dos resultados no *Concordance* é a KWIC (item 15), na qual o item buscado aparece centralizada em destaque com seu cotexto imediato ao redor. Os resultados também podem ser organizados a partir do cotexto a direita ou a esquerda. O pesquisador pode clicar em qualquer linha específica para abrir uma visualização maior do texto original daquela ocorrência que aparece em caixa (item 16), e para conseguir ver mais do texto original basta clicar nos três pontos acima ou abaixo na caixa de texto (item 17). Os critérios de busca do concordanciador podem ser alterados clicando no item 18. É possível fazer o download dos resultados nos formatos .txt, .csv, .xlsx ou .xml clicando no item 19.

No SE, a concordância pode ser anotada/etiquetada (item 20), classificada (item 24) e filtrada (25). Além disso, o usuário pode modificar a apresentação dos resultados (item 21), gerar amostras aleatórias com limite de resultados (item 22), embaralhar as linhas (item 23), recolher resultados para produção de dicionários já pré-selecionado pelo SE (item 26), buscar por colocações (item 28) e ver a distribuição do termo buscado em gráfico (item 29). É possível também gerar listas de frequência a partir da linha de concordância (item 27) com critérios múltiplos.

Ao usarmos a ferramenta de colocações (item 28) para a análise, contamos com dados estatísticos oferecidos pelo SE, em especial, os números de logDice. Rychlý (2008) explica que o logDice é uma medida de associação estatística derivada da fórmula Dice, porém ajustada para fornecer valores mais interpretáveis, especialmente úteis na identificação de candidatos a colocação em *corpora* linguísticos.

Os valores do logDice têm as seguintes características:

- O máximo teórico é 14, no caso de todas as ocorrências de X coincidirem com Y e todas as ocorrências de Y coincidirem com X. Normalmente, o valor é menor que 10.
- O valor 0 significa que há menos de 1 coocorrência de XY a cada 16.000 X ou 16.000 Y. Podemos dizer que valores negativos significam que não há significância estatística da colocação de XY.
- Comparando duas pontuações, mais 1 ponto significa o dobro da frequência de colocação, mais 7 pontos significa aproximadamente 100 vezes a frequência de colocação.
- A pontuação não depende do tamanho total de um *corpus*. A pontuação combina as frequências relativas de XY em relação a X e Y³⁹. (Rychlý, 2008, p. 9)

³⁹ No original: Values of the logDice have the following features: – Theoretical maximum is 14, in case when all occurrences of X co-occur with Y and all occurrences of Y co-occur with X. Usually the value is less than 10. – Value 0 means there is less than 1 co-occurrence of XY per 16,000 X or 16,000 Y. We can say that negative values means there is no statistical significance of XY collocation. – Comparing two scores, plus 1 point means twice as often collocation, plus 7 points means roughly 100 times frequent collocation. – The score does not depend on the total size of a corpus. The score combine relative frequencies of XY in relation to X and Y.

A métrica apresenta diversas vantagens relevantes para linguistas que estão interpretando tais dados, pois não depende do tamanho total do *corpus*, combina frequências relativas de coocorrência, é estável em sub*corpora*, fornece valores em uma escala compreensível e permite comparações significativas entre pares de palavras em diferentes *corpora* de diversos tamanhos, o que o torna particularmente valioso para a pesquisa que desenvolvemos.

A última ferramenta do SE que usamos nesta pesquisa é a *Word Sketch* (cf. Fig. 6, item 4). Ela é uma ferramenta que processa os colocados de palavras específicas e outras palavras ao redor, dessa forma,

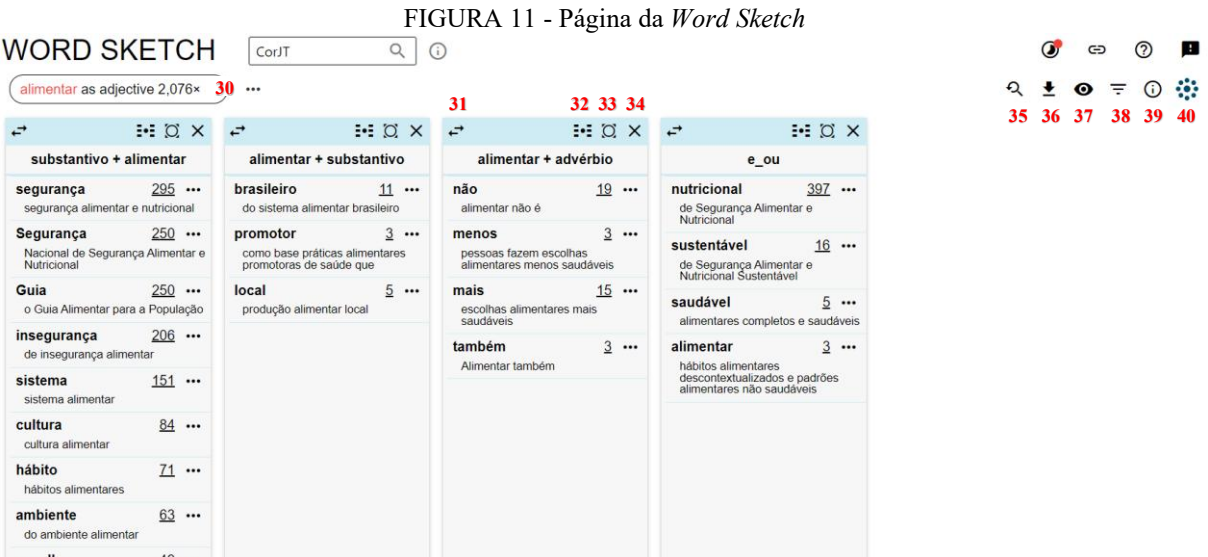
o *Word Sketch* processa os colocados da palavra e outras palavras em seu entorno. Ele pode ser usado como um resumo de uma página do comportamento gramatical e colocacional da palavra. Os resultados são organizados em categorias, denominadas relações gramaticais, como palavras que servem de objeto do verbo, palavras que servem de sujeito do verbo, palavras que modificam a palavra, etc. As palavras que serão incluídas na análise são definidas por regras escritas na *Word Sketch Grammar* que detecta possíveis colocações⁴⁰. (Lexical Computing LTD., 2024).

A *Word Sketch Grammar* (WSG) é o conjunto de regras que definem e categorizam as relações gramaticais nos resultados da *Word Sketch*, realizada a partir das *tags* morfológicas automaticamente processadas pelo SE ao inserirmos um *corpus* no site. Cada idioma tem seu próprio WSG programado, mas é permitido ao usuário alterações para atender as suas necessidades específicas (Lexical Computing LTD., 2024).

Assim como outras ferramentas do SE, na *Word Sketch* é possível fazer uma busca simples ou mais refinada, no caso desta pesquisa, utilizamos busca simples, uma vez que toda busca nessa ferramenta já é configurada para lemas. Um detalhe importante a considerarmos na leitura dos resultados da *Word Sketch* é que sempre maiúsculas e minúsculas serão diferenciadas pelo SE, sem possibilidade de alteração.

Na Figura 11, a seguir, temos um exemplo de como os resultados da *Word Sketch* são apresentados.

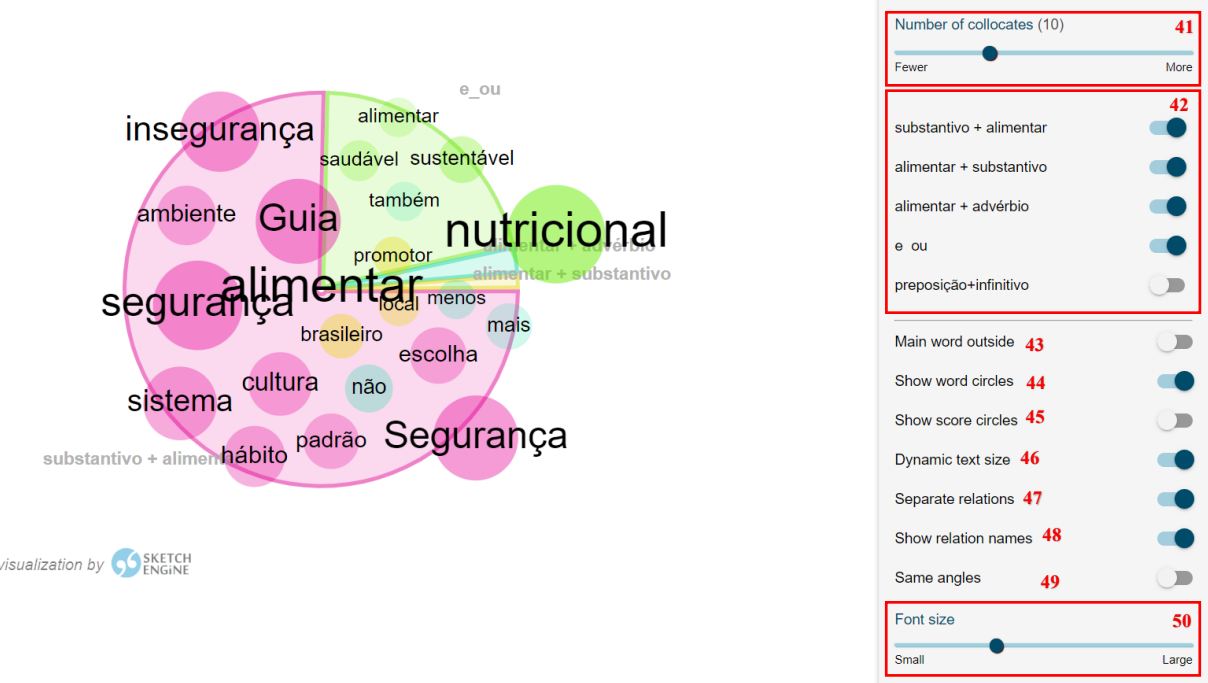
⁴⁰ No original: The *Word Sketch* processes the word's collocates and other words in its surroundings. It can be used as a one-page summary of the word's grammatical and collocational behavior. The results are organized into categories, called grammatical relations, such as words that serve as an object of the verb, words that serve as a subject of the verb, words that modify the word etc. The words which will be included in the analysis are defined by rules written in the sketch grammar that detects potential collocations.



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2024).

Na figura acima, ao clicar no item 30, podemos mudar entre os resultados do lema como adjetivo ou verbo. As colunas são a maneira como a ferramenta agrupa os resultados, o usuário pode reorganizar a ordem (item 31), acessar linhas de concordância (item 32), manter somente uma coluna em tela (item 33) ou ocultar a coluna (item 34). Também é possível refazer a busca (item 35), fazer download da página como .csv, .xlsx, .xml ou .pdf (item 36), mudar a forma de visualização (item 37), filtrar resultados (item 38), acessar os detalhes da tela, e. g., o WSG (item 39) e gerar uma visualização imagética dos resultados (item 40). Na Figura 12, a seguir, mostramos como o *Word Sketch* apresenta os resultados em imagem.

FIGURA 12 - Visualização imagética de resultados da *Word Sketch*



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2024).

O usuário pode personalizar a visualização desses resultados de diversas formas. São algumas configurações: definir a quantidade de colocados exibidos (item 41); ocultar ou incluir grupos de resultados (item 42); colocar a palavra central fora do gráfico (item 43); mostrar as palavras dentro ou fora de círculos (item 44); mostrar ou não os resultados em um círculo de pontuação (item 45); escolher se as palavras serão proporcionais a sua frequência de resultados ou não (item 46); definir se haverá separação pelos critérios das colunas (item 47); mostrar ou ocultar a nomenclatura das relações (48); mostrar com uma relação de ângulos proporcionais (item 49) e definir o tamanho da fonte (item 50).

3.4 Estudo exploratório

Nesta seção, apresentamos a análise exploratória realizada com o *mini corpus*. Como já apontado, essa análise foi realizada durante a disciplina *Tópicos em Estudos Linguísticos: Fraseologia, Metáfora e Corpus* ofertada pelo Prof. Dr. Ariel Novodvorski, orientador da tese, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia antes do desenho do projeto executado para esta tese. Dessa maneira, pontuamos que a análise do *mini corpus* nos ajudou a verificar quão profícuo poderia ser o *CorJT* como objeto de pesquisa, e, foi a partir dessa análise exploratória que conseguimos pensar em possibilidades para a pesquisa que executamos aqui.

Para a análise do *mini corpus*, como indicado na seção anterior, coletamos os primeiros seis meses de publicações do jornal *O Joio e o Trigo*. Nesse período, foram publicados 42 textos, divididos em duas editorias, a saber Cultura Alimentar e Lobby. Ademais, os jornalistas que assinam essas publicações são os idealizadores do projeto – João Peres e Moriti Neto. O estudo exploratório executado teve como objetivo primordial deixar-nos impressionar pelos dados, a partir de uma exploração livre e sem expectativas dos dados. Para isso, nosso único norte era o foco da disciplina no qual foi realizada, por isso, no contato inicial com os textos tentamos identificar e descrever unidades fraseológicas e/ou unidades fraseológicas especializadas presentes no *corpus*; e caso fosse possível e produtivo, identificar e descrever expressões metafóricas com detalhamento da metáfora conceitual, relações de domínios (fonte e alvo), mapeamentos e desdobramentos.

Dentre os 42 textos coletados, selecionamos, aleatoriamente, três deles para uma microanálise buscando sensibilização à análise fraseológica e metafórica. Nas observações iniciais, pudemos inferir com a leitura completa desses primeiros textos a presença de metáforas do futebol; metáforas da guerra (Figura 13); e a construção discursiva da indústria muito ligada a um léxico de emoções.

FIGURA 13 - Exemplo: expressões que indicam metáfora de guerra

CULTURA ALIMENTAR

A América Latina virou o terror da indústria de comida 'porcaria'

28.11.17 | João Peres

Sinais de alerta, impostos, orientações oficiais contra os ultraprocessados: a região está à frente de uma agenda política inédita que tenta frear a epidemia de obesidade. Mas a reação é forte

Fonte: O joio e o trigo (2022).

Na Figura 14, a seguir, observamos a presença da metáfora conceptual ALIMENTAÇÃO É JOGO.

FIGURA 14 - Exemplo: ALIMENTAÇÃO É JOGO

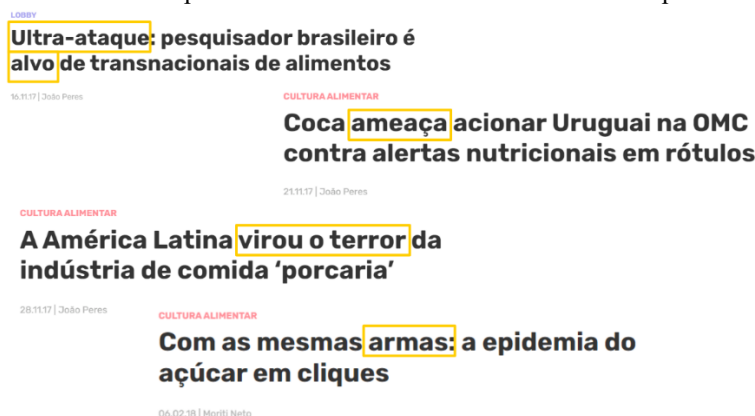
“Bola dentro”, penso. Numa fração de tempo, porém, noto que chutei por cima do gol e que o adversário me goleou nos contra-ataques. A escalção do rival não deixa dúvidas: glucose de milho; lactose, xarope de malte, glicose e frutose; dextrose, maltose, xarope de milho e xarope de malte; maltodextrina e sacarose. No banco de reservas, néctares, açúcar invertido, açúcar de confeitiro, açúcar mascavo, açúcar bruto, mel, açúcar branco/refinado, melaço/melado e caldo de cana engordam o elenco. Nomenclaturas craques em desorganizar o raciocínio de quem vai às compras, num jogo que tem por objetivo esconder que todas são uma só: açúcar.

Fonte: O joio e o trigo (2022).

No exemplo acima, temos como domínio fonte o *futebol*, e como domínio alvo a *alimentação*. Identificamos as expressões metafóricas: *bola dentro*; *chutar por cima do gol*; *adversário goleou nos contra-ataques*; *banco de reservas*; *craques*. A partir delas podemos fazer os mapeamentos de que há times jogando esta partida (*população x indústria de ultraprocessados*), que o campo de jogo é o *mercado* e as jogadas possíveis são a *linguagem complexa* por parte da indústria e a *leitura de rótulos* pela população. Ademais, um desdobramento possível dessa metáfora conceptual é de que quando a população perde, ela se alimenta mal.

Considerando a microanálise como bastante produtiva, selecionamos mais dois textos aleatoriamente para buscar entender se os fenômenos observados ainda estariam presentes. Nesse momento, verificamos que em 4 dos 5 textos selecionados, os títulos já trazem vocabulário relacionado à guerra; e em 3 dos 5, a indústria tem emoções/desejos, como mostra a Figura 15, a seguir.

FIGURA 15 - Exemplos das tendências observadas na análise impressinística



A indústria de ultraprocessados, que não só estava presente, como sentava-se ao camarote, não escondeu o desagrado. E muitos pesquisadores também. **171128JP**

O processo teve início com o Guia Alimentar publicado no ano passado. Parecido ao documento de 2014 do Ministério da Saúde no Brasil, o guia uruguaio adota a divisão entre alimentos *in natura*, minimamente processados e ultraprocessados. Isso, por si, irrita a indústria de ultraprocessados, que alega que se trata de uma configuração discriminatória e que confunde o consumidor. **171121JP**

Especialmente depois que ele formulou uma proposta que enfureceu a indústria de ultraprocessados: nomeá-la. Aceitar um rótulo não é fácil. **171116JP**

Fonte: O joio e o trigo (2022).

Como apresentamos na seção anterior de metodologia, decidimos usar para a análise o SE. No estudo preliminar utilizamos as ferramentas *Wordlist*, *Keywords*, *Concordance* e *Word Sketch*. A Figura 16, a seguir, traz a lista de palavras gerada a partir do mini *corpus*, nela vemos que na coluna *Word* as palavras são ordenadas por ordem de frequência, com a quantidade de ocorrências indicada na coluna *Frequency*. Para a produção dessa lista, aplicamos uma lista de exclusão de palavras (*stoplist*) de nossa criação, para que essas não fossem contabilizadas pelo SE.

FIGURA 16 - *Wordlist* do mini *corpus*

WORDLIST

— word (10,586 items | 81,230 total frequency)

Word	Frequency ? ↓	Word	Frequency ? ↓
1 é	964 ***	14 nutrição	145 ***
2 indústria	295 ***	15 está	135 ***
3 saúde	291 ***	16 ultraprocessados	132 ***
4 foi	289 ***	17 quando	128 ***
5 são	254 ***	18 coca-cola	126 ***
6 alimentos	244 ***	19 coca	116 ***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

Ao analisarmos os resultados da *Wordlist* é possível começar a esboçar aquilo que é mais recorrente e, em certo grau e interpretação, mais importante no *corpus* analisado. Na

Figura 14, percebemos que os nomes *indústria, saúde, alimentos, produtos, açúcar, obesidade* e *empresas* figuram entre as mais frequentes no material jornalístico compilado, além de várias formas dos verbos *ser, ter* e *haver*. Com esse resultado quantificável, já podemos inferir uma necessidade de olhar com mais atenção às linhas de concordância geradas para tais ocorrências.

Além disso, no SE, os resultados para a lista de palavras de *multi-word terms*, mostrados na Figura 17, a seguir, confirmaram a tendência de léxico relacionado ao contexto de guerra (*sinais de advertência, conflito de interesses*). Ademais, a segunda palavra-chave *indústria de ultraprocessados*, nos levou a ter mais atenção para as palavras que circulam seu contexto, como já havíamos notado a possibilidade de análise do par *indústria + emoções* na leitura completa dos textos da microanálise.

FIGURA 17 - Página *Keywords* multi-word terms mini corpus

Word	Word	Word	Word
1 rotulagem frontal ***	14 victor matsudo ***	27 life sciences institute ***	40 susan prescott ***
2 indústria de ultraprocessados ***	15 guia alimentar ***	28 international life ***	41 sinal de advertência ***
3 modelo chileno ***	16 carlos monteiro ***	29 sciences institute ***	42 american college of sports ***
4 tim noakes ***	17 modelo de rotulagem ***	30 fabricantes de refrigerantes ***	43 college of sports ***
5 zona franca ***	18 zona franca de manaus ***	31 doenças crônicas ***	44 área de nutrição ***
6 indústria de alimentos ***	19 teores de sal ***	32 excesso de sal ***	45 governo uruguaio ***
7 sinais de advertência ***	20 conflito de interesses ***	33 life sciences ***	46 fórmulas infantis ***
8 evidências científicas ***	21 grau de processamento ***	34 excesso de calorias ***	47 gastón ares ***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

Após a leitura completa das listas de palavras e da lista de palavras-chave multipalavras, visualizamos dois caminhos: 1. Exploração de lemas relacionados à guerra, com levantamento de fraseologismos; 2. Leitura das linhas de concordância e uso da ferramenta *WordSketch* com o nome *indústria*.

3.4.1 Explorando lemas relacionados à guerra

Para seguir o primeiro caminho, empreendemos um levantamento a partir da *Wordlist* de lemas relacionados à guerra presentes no *corpus* em uma *Wordlist* específica (Figura 18) configurada para buscar os lemas: ataque; força; bomba; conflito; defesa; debate; pressão; lutar; luta; ameaça; segurança; terror; posição; advertência; alerta; defender; murro – que foram observados e compilados por nós durante a leitura da primeira *Wordlist* gerada.

FIGURA 18 - Página *Wordlist* busca avançada

WORDLIST

BASIC ADVANCED ABOUT

find ? words all
lemmas starting with
adjective ending with
adverb containing
conjunction matching regex
noun from this list
numeral
preposition

Paste the list here, one word per line ?

ameaça
segurança
terror
murro
posição
advertência
alerta
defender

Exclude these words:

☐ Include nonwords ?

☒ A = a ?

Frequency min ? 0 Frequency max ? 0

result format:
☒ Simple list ?
☐ Display as ?

Subcorpus ? none (the whole corpus) +

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

Na Figura 19, a seguir, são apresentados os resultados dessa busca.

FIGURA 19 - Resultados *Wordlist* busca avançada

Lemma	Frequency ? ↓	Lemma	Frequency ? ↓
1 debate	70 ***	11 força	13 ***
2 defender	52 ***	12 ameaça	11 ***
3 advertência	51 ***	13 luta	8 ***
4 conflito	44 ***	14 lutar	3 ***
5 alerta	32 ***	15 bomba	2 ***
6 defesa	31 ***	16 terror	2 ***
7 pressão	29 ***	17 murro	1 ***
8 posição	26 ***		
9 ataque	20 ***		
10 segurança	15 ***		

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

Com os resultados da Figura 17, geramos as linhas de concordância de cada lema. Nas Figuras 20, 21 e 22, a seguir, podemos visualizar algumas unidades fraseológicas que fomos capazes de identificar nessas linhas.

FIGURA 20 - Linhas de concordância: advertência

postos restrições à publicidade e à venda para crianças. sinais de **advertência** frontais nos rótulos e estímulos à venda de alimentos in natura, entre
afirmar que o modelo de rotulagem frontal com base em sinais de **advertência** não tem evidências científicas e entra em conflito com os sistemas de
ia também começou com um semáforo e foi terminar num sinal de **advertência** </s><s>Breve observação: a Comissão de Assuntos Econômicos é
já havia aprovado em agosto uma resolução para adotar sinais de **advertência** inspirados no caso chileno, cumprindo as recomendações da Lei de
pressionar o Uruguai e tentar barrar o decreto que prevê sinais de **advertência** nos rótulos de alimentos com excesso de calorias, sal, gordura e aç
aré Vázquez assine o decreto que obriga a colocação de sinais de **advertência** em produtos com excesso de calorias, sal, açúcar e gordura. </s><s>
ualo prevê que cada nutriente em excesso resulte em um sinal de **advertência** colocado nas embalagens. </s><s>Mostramos em novembro como z
>", resume Carolina. </s><s>Doc reforça necessidade de sinais de **advertência** em ultraprocessados 'Os rótulos estão gritando a mensagem errada

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

FIGURA 21 - Linhas de concordância: conflito

a indústria para financiar pesquisas. "Corremos o risco de entrar em **conflito** - influenciados a ser menos críticos ou a silenciar sobre pro
da Indústria de Produtos de Consumo diz que o Uruguai entrará em **conflito** com os tratados de livre comércio. </s><s>E alega que a pr
da Indústria de Produtos de Consumo diz que o Uruguai entrará em **conflito** com os tratados de livre comércio. </s><s>E alega que a pr
em sinais de advertência não tem evidências científicas e entra em **conflito** com os sistemas adotados internacionalmente. </s><s>Rorr
envolvimento de produtos e o marketing estão frequentemente em **conflito** com a maior ameaça para a saúde humana, que são as do
neço de cada palestra, o participante deveria apresentar sua lista de **conflito** de interesses. </s><s>Alguns ignoraram essa parte. </s><s>
de brindes de variados tipos e qualidades. </s><s>Essa questão do **conflito** de interesses será em breve tratada em uma série de repor
do site brasileiro decidiu retirar o conteúdo do ar, admitindo um claro **conflito** de interesses. </s><s>Gibney também tem contrato com a f
alistas da área científica. </s><s>Mas não há regras rígidas quanto a **conflito** de interesses e é comum que pesquisadores que prestam s

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

FIGURA 22 - Linhas de concordância: defesa

cia Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) pelo Instituto Brasileiro de **Defesa** do Consumidor (Idec). </s><s>A expectativa dos sistemas
ação do documento brasileiro, a American Society for Nutrition **saiu em defesa** dos processados, ignorando a linha divisória com os ultraj
</s><s>Recentemente, a Sban promoveu vídeos nas redes sociais em **defesa** do leite de vaca e teve a Nestlé como maior patrocinador
Latino-americana de Nutrição e também integrante do instituto **saiu em defesa** da decisão mexicana. "Todas as evidências científicas no:
health, uma das maiores pesquisadoras em nutrição do mundo **saiu em defesa** do modelo adotado em 2016 no Chile. </s><s>"Até o morr
dos ao lado oposto. "Pesquisadores que se mantêm entrenchados na **defesa** dos ultraprocessados estão se descobrindo no lado erradi
</s><s>Uma briga pela liberdade de pesquisa, ou, melhor dizendo, uma **defesa** de pesquisas livres de influência das corporações, algo já
ntada da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp **fez uma defesa** enfática dos adoçantes, aditivo fundamental das bebidas
esse ponto, há momentos em que os episódios se confundem com uma **defesa** de mercado interno, com uma crítica à abertura de fronteie
o-assinado apresentado durante o evento latino-americano e **fazia uma defesa** das empresas, vistas como promotoras de inovação, emp

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

No Quadro 5, a seguir, organizamos as UFs encontradas por texto, junto a sua classificação e os fragmentos correspondentes.

QUADRO 5 - Unidades fraseológicas no estudo exploratório

Texto	Fragmentos de texto	Unidades Fraseológicas	Classificação
171116JP	O editor do site brasileiro decidiu retirar o conteúdo do ar, admitindo um claro conflito de interesses.	Conflito de interesses	Colocação
180319JP	Para ela, os sinais de advertência funcionam melhor que o NutriScore, modelo adotado pela França no final do ano passado.	Sinais de advertência	Colocação
180220MN	A indústria do açúcar liga o alerta vermelho todas as vezes em que o nome de Timothy David Noakes é mencionado.	Ligar o alerta vermelho	Locução
171128JP	Juan Rivera, presidente da Sociedade Latino-americana de Nutrição e também integrante do instituto, saiu em defesa da decisão mexicana.	Sair em defesa	Locução
180201JP	O contra-manifesto atacava especificamente o abaixo-assinado apresentado durante o evento latino-americano e fazia uma defesa das empresas, vistas como promotoras de inovação, empregos e desenvolvimento econômico.	Fazer uma defesa	Locução

Fonte: A autora.

A partir da leitura de linhas de concordância e da observação dos fraseologismos apresentados no Quadro 5, depreendemos a metáfora conceptual ALIMENTAÇÃO É GUERRA, para além disso entendemos que a metáfora conceptual ALIMENTAÇÃO É JOGO discutida na microanálise de sensibilização está contida na metáfora ALIMENTAÇÃO É GUERRA. Foi possível chegar à essa metáfora conceptual a partir das UFs agrupadas no Quadro 1 e das expressões metafóricas e léxico de guerra contidos nos fragmentos de texto:

FRAGMENTOS:

1. Então, quem tem que *defender ou atacar* a indústria são eles mesmos. (180108JP);
2. A indústria do açúcar *liga o alerta vermelho* todas as vezes em que o nome de Timothy David Noakes é mencionado. (180220MN);
3. Pode-se dizer que, durante o processo, Noakes *viveu um conflito em várias trincheiras*. (180306MN);
4. Pois a *bomba estourou* e liberou outras *explosões*: a de doenças crônicas não transmissíveis (diabetes, hipertensão, males cardíacos, obesidade mórbida, cáries dentárias). (171222MN).

Nesse contexto, os domínios fonte e alvo são acionados respectivamente por palavras como: ataque, bombas, trincheiras, defesa, força, ameaça, guerrear etc.; alimentar, nutrição, açúcar, valor nutricional etc. Ademais, no mapeamento encontramos que o motivo da guerra pode ser piora na saúde da população e o avanço das doenças crônicas não transmissíveis; com o inimigo sendo a indústria de ultraprocessados; o campo de batalha são as leis, diretrizes, políticas públicas. Já os agentes podem ser os políticos, pesquisadores/cientistas, a população etc.; com as armas sendo linguagem complexa e o marketing. Por fim, alguns desdobramentos que depreendemos são: a. se a indústria ganha batalhas, ela avança leis e/ou diretrizes que beneficiam seus produtos ultraprocessados; b. perder a guerra contra a indústria de ultraprocessados implica em piora da qualidade de vida da população.

3.4.2 Explorando o lema indústria

A alta frequência, tanto de indústria na *Wordlist* (cf. Fig., 16) quanto de indústria de ultraprocessados nas *Keywords* (cf. Fig. 17) nos levou a buscar na ferramenta *Word Sketch* este lema dentro do mini *corpus* compilado (Figura 23), quanto no *corpus* de referência do Português (Figura 24).

FIGURA 23 - *Word Sketch* indústria no mini corpus

WORD SKETCH ⓘ

indústria as noun 311x ...

sintagma preposicional	indústria + verbo	indústria + adjetivo	verbo + indústria	verbo com se + indústria	adjetivo + indústria
...de indústria	querer indústria quer	farmacêutico a indústria farmacêutica	irritar por si, irrita a indústria de ultraprocessados	apegar a que se apegue a indústria para dizer que	grande grandes indústrias
...por indústria	entrar indústria entra	alimentar da indústria alimentar	representar agente transmissor que representam as indústrias de alimentos e		
...com indústria	fazer a indústria fez	açucareiro indústria açucareira	pelar pela indústria		
...a indústria	ir indústria foi	brasileiro Indústria Brasileira de Bebidas	vir veio muito da indústria		
...entre indústria	ter indústria tem				
...para indústria	mobilizar Coca - a indústria de ultraprocessados mobilizou entidades empresariais e				
...contra indústria	financiar indústria financiou				
...em indústria	alegar irrita a indústria de ultraprocessados, que alega que se trata				
...indústria com substantivo	prestar indústria alimentar, que não presta				
	tratar irrita a indústria de ultraprocessados, que alega que se trata de uma configuração				
	estar a indústria está				

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

FIGURA 24 - *Word Sketch* indústria no corpus de referência

WORD SKETCH ⓘ

indústria as noun 1,067,277x ...

sintagma preposicional	indústria + adjetivo	indústria + verbo	verbo + indústria	e_ou	adjetivo + indústria
...de indústria	farmacêutico indústria farmacêutica	produzir indústrias que produzem	revolucionar revolucionar a indústria	ltda. Indústria e Comércio Ltda.	nascente a nascente indústria
...indústria de substantivo	automobilístico da indústria automobilística	crescer indústria cresceu	abastecer abastecer a indústria	agricultura indústria e agricultura	incipiente a incipiente indústria
...em indústria	têxtil indústria têxtil	fabricar indústrias que fabricam	fomentar fomentar a indústria	confecção Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit	brasil do Brasil Indústria e Comércio
...para indústria	alimentício indústria alimentícia	empregar indústria emprega	impulsionar impulsionar a indústria	celulose indústria de papel e celulose	poderoso poderosa indústria
...por indústria	automotivo indústria automotiva	investir indústria investe	alimentar alimentar a indústria	indústria indústria e da indústria	próspero uma próspera indústria
...a indústria	doméstico da indústria doméstica	movimentar indústria que movimentam	incentivar incentivar a indústria	energia da Indústria e Energia	florescente uma florescente indústria
...indústria em substantivo	cinematográfico da indústria cinematográfica	registrar indústria registrou	proteger proteger a indústria	construção indústria e construção	lucrativo lucrativa indústria
...indústria com substantivo	naval da indústria naval	gerar indústria gera	fortalecer fortalecer a indústria	empresa indústrias e empresas	agro agro indústria
...indústria a substantivo	químico indústria química	recuar indústria recuou	atrair atrair indústrias	agropecuária indústria e agropecuária	bilionário a bilionária indústria
...sobre indústria	fonográfico da indústria fonográfica	instalar indústrias se instalaram	beneficiar beneficiar a indústria	academia indústria e academia	moderno moderna indústria
	extrativo indústria extrativa	desenvolver indústria desenvolveu	movimentar movimentar a indústria	confeitaria Associação Brasileira da Indústria de Panificação e Confeitaria	médio pequenas e médias indústrias
	petrolífero da indústria petrolífera	utilizar indústrias que utilizam	prejudicar prejudicando a indústria	confeção Lega Maçonaria Indústria e Caridade de	maçônico

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

Os resultados das buscas no *Word Sketch* para indústria apontam para um fenômeno notado na microanálise, que é a caracterização da indústria por meio de verbos que expressam desejo (querer) ou sentimento (irritar), enquanto no *corpus* de referência a palavra vem acompanhada de verbos como produzir e revolucionar. Indo mais a fundo nessa exploração, geramos as linhas de concordância de verbo + indústria (cf. Figura 25) e de indústria + verbo (cf. Figura 26). Na Figura 25, a seguir, percebemos como a indústria é caracterizada a partir de verbos que denotam emoções e desejos.

FIGURA 25 - Resultados *Concordance* com a palavra verbo + indústria

pois que ele formulou uma proposta que **enfureceu** a **indústria** de ultraprocessados: nomeá-la. </s><s> Aceitar
 incia objetiva que o público tem em mente e **manter** a **indústria** de alimentos sob observação, é primordial que
 isados e ultraprocessados. </s><s> Isso, por si, **irrita** a **indústria** de ultraprocessados, que alega que se trata de
 isados e ultraprocessados. </s><s> Isso, por si, **irrita** a **indústria** de ultraprocessados, que alega que se trata de
 discutir a questão da ciência: está para **intermediar** a **indústria** com a questão acadêmica, tentar criar argumen
 mais positiva e conciliadora? </s><s> Por que **tratar** a **indústria** como inimiga? </s><s> Há um conflito intrínseco
 úrio. </s><s> "O Codex trabalha no sentido de **ajudar** a **indústria** a produzir alimentos seguros e no sentido de q
 overnamentais nos comitês do Codex **representam** a **indústria**, enquanto apenas 1% representavam organiza
 fante na sala. </s><s> É ainda mais problemático **ver** a **indústria** dirigir ataques a cientistas e especialistas que e
 ia. </s><s> Então, quem tem que defender ou **atacar** a **indústria** são eles mesmos. </s><s> Eu não tenho nada a
 o de congressos científicos, como já **aconteciam** com a **indústria** farmacêutica. "Está muito na moda demonizar
 tre ciência e indústria de ultraprocessados. " **Chega** a **indústria** de alimentos ou o laboratório farmacêutico e ofi
 Ele não aceitava os argumentos frágeis que **faziam** a **indústria** de bebidas isotônicas cheias de açúcar crescer
 ><s> Os autores entendem que é hora de **pensar** se a **indústria** do açúcar e dos refrigerantes não deveria sofre
 psi. </s><s> Saia do sofá, mas não largue o refri, **diz** a **indústria** Coca-Cola financia pesquisadores para conven
 cida, que é o agente transmissor que **representam** as **indústrias** de alimentos e bebidas. </s><s> Se confirmada
 cida, que é o agente transmissor que **representam** as **indústrias** de alimentos e bebidas. </s><s> Se confirmada
 O que me preocupa é que essa agenda **veio** muito da **indústria**, que promove uma série de produtos, sobretudo
 itas vezes não é cooptá-lo no sentido de **falar** bem da **indústria** e de seus produtos. </s><s> É não criticar, apen
 iflito em várias trincheiras. </s><s> Confrontou a **ira** da **indústria** e daqueles que a defendem fielmente, ainda qu

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

Na Figura 26, estão os resultados das linhas de concordância para indústria + verbo; a leitura dessas linhas nos permite compreender a maneira pela qual a indústria é representada no *Joio*, e, fica explícito que tais representações são, em sua maioria, negativas. Ademais, a indústria é múltiplas vezes representada como ser de emoções e ações, que *odeia*, *caminha*, *é vítima*, entre outras realizações.

FIGURA 26 - Resultados *Concordance* com a palavra indústria + verbo

so da ciência, mas que é preciso reconhecer que a **indústria** **conta** com recursos grandes, diante de um cenário difícil para o setor público, e "pode ap
 ra. </s><s> O que poucos de nós sabemos é que a **indústria** da alimentação **adota** prática semelhante. "À medida que os laboratórios farmacêuticos vi
 e não presta atenção à saúde, e são tratadas pela **indústria** da saúde, que não **presta** atenção aos alimentos. </s><s> De acordo com Noakes, os me
 esidente da Abir, Alexandre Kruehl Jobim, diz que a **indústria** de refrigerantes **é** vítima de "bullying" e que garante anualmente R\$ 10,7 bilhões em imp
 m abismo crescente entre os que defendem que a **indústria** de ultraprocessados **deve** passar por regulação, e os que acreditam que acordos voluntár
 ificos e os patrocinados. </s><s> Mas, na prática, a **indústria** de ultraprocessados **avançou** bastante essa fronteira, fazendo-se representar direta e inc
 sidade. </s><s> Também é fácil entender por que a **indústria** de ultraprocessados **odeia** essa classificação. </s><s> E tenta atacá-la por todos os flanco
 is de alimentos ultraprocessados. </s><s> Até ali, a **indústria** de ultraprocessados **caminhava** pelas ruas meio anônima. </s><s> Alguns a chamavam d

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2022).

A partir da leitura de linhas de concordância das Figuras 25 e 26, inferimos a metáfora conceptual: INDÚSTRIA É ENTE HUMANO. No Quadro 6, a seguir, organizamos as expressões metafóricas observadas para essa metáfora.

QUADRO 6 - Expressões metafóricas no estudo exploratório

Texto	Fragmentos de texto
171030JP	[...] diz que <i>a indústria de refrigerantes é vítima de "bullying"</i> [...]
171113JP	Também é fácil entender por que <i>a indústria de ultraprocessados odeia</i> essa classificação. E <i>tenta atacá-la</i> por todos os flancos.
171116JP	Até ali, <i>a indústria de ultraprocessados caminhava pelas ruas</i> meio anônima.
180108JP	Historicamente, <i>a indústria de alimentos advoga</i> que seus produtos são indispensáveis para a vida moderna [...]
171116JP	Especialmente depois que ele formulou uma proposta que <i>enfureceu a indústria</i> de ultraprocessados: nomeá-la.
171121JP	Isso, por si, <i>irrita a indústria</i> de ultraprocessados [...]
180308MN	Confrontou <i>a ira da indústria</i> e daqueles que a defendem fielmente, ainda que precisem "pecar" contra a ciência.

Fonte: A autora

Além disso, temos o domínio fonte *ente humano* acionado por meio verbos que expressam emoções, desejos e comportamentos como *caminhar* e *advogar*; já o domínio alvo *indústria* é acionado por meio de caracterizações como *de ultraprocessados*, *de refrigerantes*, *de alimentos*. Os mapeamentos que realizamos são: a. Faceta emocional - ter sentimentos e emoções é parte dos seres, em especial, os humanos; b. Faceta de ação - ter ação no mundo, andar, advogar, ser vítima de algo; c. Faceta do querer - ter desejos é parte dos seres humanos. Por fim, os desdobramentos da metáfora que pudemos ver foram: i. Se a indústria é ente humano ela pode ser encarada como cidadã de direitos, logo, a voz ativa dela sobre alimentação deve ser ouvida; ii. Se a indústria é ente humano ela pode pagar por suas ações contra a saúde pública.

Os resultados dessa análise exploratória realizada com o mini *corpus* indicaram alguns caminhos para a tese e foram essenciais para a delimitação de um objeto de estudo, objetivos mais concretos e seleção de uma fundamentação teórica coerente.

3.5 Articulando objetivos, fundamentação teórica e procedimentos metodológicos

Antes de seguirmos para a seção de análise, consideramos necessário, neste momento, realizar uma breve articulação entre objetivos, fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos adotados. Essa explicitação visa tornar transparente o percurso analítico empreendido, bem como demonstrar a coerência entre o desenho teórico-metodológico da pesquisa e as análises realizadas.

O nosso primeiro objetivo específico consiste em identificar e descrever os fraseologismos presentes em um *corpus* de jornalismo especializado em alimentação com viés crítico. Esse objetivo ancora-se nos pressupostos da Fraseologia, em especial nas contribuições de Corpas Pastor (1996), que compreendem as unidades fraseológicas como combinações lexicalmente estabilizadas e recorrentes no uso, bem como em estudos sobre jornalismo especializado, que destacam a circulação de unidades terminológicas e fraseológicas entre discursos científicos, institucionais e midiáticos. Metodologicamente, esse objetivo foi operacionalizado por meio de procedimentos de Linguística de Corpus, com o uso do Sketch Engine, a partir da geração de listas de palavras e de palavras-chave (simples e multipalavras), contrastadas com um *corpus* de referência do português contemporâneo. A identificação de candidatos a unidades fraseológicas teve como base a recorrência, a estabilidade formal e a relevância discursiva no *corpus*, sendo posteriormente aprofundada por meio da leitura sistemática de linhas de concordância, o que permitiu a descrição contextualizada de unidades como *sistema alimentar*, *deserto alimentar*, *lutar contra a fome*, *prato cheio*, entre outras.

O segundo objetivo específico consiste em problematizar as relações estabelecidas entre as unidades fraseológicas e o campo metafórico implícito no *corpus*. Esse objetivo está fundamentado em Estudos da Metáfora como os de Lakoff e Johnson (1980) e Pamies Bertrán (2002), especialmente na compreensão da metáfora como mecanismo cognitivo e discursivo que estrutura a conceptualização de domínios abstratos, bem como em abordagens que concebem a metáfora como prática discursiva situada (Castells, 2009). Metodologicamente, a problematização dessas relações foi realizada por meio da análise qualitativa de concordâncias e de padrões colocacionais, associando unidades fraseológicas recorrentes a metáforas conceptuais inferidas a partir do uso contextual. Assim, a análise mostrou a relação entre UFs como *varejo alimentar* ou *sistema alimentar* e esquemas metafóricos mais amplos, como ALIMENTAÇÃO É MERCADORIA, evidenciando que a camada fraseológica funciona como ponto de ancoragem para a projeção metafórica e para a construção de enquadramentos interpretativos recorrentes no discurso do veículo.

O terceiro objetivo específico da pesquisa consiste em analisar como as expressões metafóricas identificadas contribuem para a construção de representações da alimentação como problema de justiça social e territorial. Esse objetivo está sustentado em uma concepção discursiva de representação (Fairclough, 2003), segundo a qual escolhas linguísticas participam da construção de visões de mundo e da atribuição de agência, responsabilidade e valor social aos atores envolvidos; não refletindo a realidade de forma transparente, mas construindo versões socialmente situadas dos fenômenos que abordam. Representar implica selecionar,

organizar e hierarquizar aspectos da experiência social. Fairclough (2003) destaca que as representações discursivas são sempre parciais e interessadas, pois se vinculam a práticas sociais e a posições ideológicas determinadas. No campo da comunicação, Castells (2009, p. 197) reforça que tais representações se inscrevem em enquadramentos mentais acionados pela linguagem, especialmente por metáforas, que estruturam a forma como os indivíduos compreendem e avaliam a realidade social. Assim, ao analisar unidades fraseológicas e metáforas do campo da alimentação, investigamos como o discurso jornalístico constrói representações que deslocam a fome e a alimentação do plano individual para o estrutural, enfatizando dimensões políticas, econômicas e territoriais do problema. Essas representações participam ativamente da produção de sentidos sobre justiça social, ao evidenciar relações de poder e desigualdade que atravessam o sistema alimentar contemporâneo.

A fundamentação teórica articula estudos da metáfora a estudos sobre discurso jornalístico contra-hegemônico e enquadramentos críticos da alimentação, entendida como questão política, econômica e territorial. Metodologicamente, esse objetivo foi operacionalizado por meio do mapeamento de redes metafóricas recorrentes associadas a lemas centrais do *corpus*, como *fome*, *aliment** e *comida*. A análise dessas metáforas considerou seus efeitos discursivos, especialmente no que se refere à construção de assimetrias de poder, ao compartilhamento social da responsabilidade pela fome e à ênfase em fatores estruturais, como políticas públicas, mercado e desigualdade territorial, permitindo compreender como o discurso do jornalismo analisado enquadra a alimentação como problema de justiça social e territorial.

É importante reforçar que os procedimentos descritos mostram que a análise fraseológica e metafórica não foi conduzida como etapas isoladas, mas como dimensões complementares de um mesmo percurso analítico. As unidades fraseológicas identificadas fornecem a base técnica, institucional e terminológica a partir da qual se estabilizam esquemas interpretativos, enquanto as metáforas conceptuais projetam esses esquemas sobre processos sociais abstratos, orientando a construção de representações críticas da alimentação no *corpus* analisado.

4 COMPREENDENDO FRASEOLOGISMOS E METÁFORAS DO *CORJT*

Com o *CorJT* compilado realizamos novamente os procedimentos de geração de listas de palavras e listas de palavras-chave. A Figura 27, a seguir, ilustra a lista de palavras-chave simples gerada do *CorJT*.

FIGURA 27 – Lista de palavras-chave simples do *CorJT*

SINGLE-WORDS ✓

MULTI-WORD TERMS ✓


reference corpus: Portuguese Web 2023 (ptTenTen23)

Lemma		Lemma		Lemma		Lemma		Lemma						
1	ultraprocessados	***	101	adequado	***	201	fazendeiro	***	301	ibge	***	401	bolacha	***
2	joio	***	102	desmatar	***	202	gerência-geral	***	302	anufood	***	402	saudável	***
3	ilsi	***	103	merenda	***	203	cisterna	***	303	indústria	***	403	ibama	***
4	abia	***	104	xarope	***	204	arione	***	304	megacorporação	***	404	marion	***
5	consea	***	105	nutrição	***	205	iqos	***	305	indústrias	***	405	regulação	***
6	rotulagem	***	106	transmissível	***	206	maltodextrina	***	306	fnde	***	406	arnoldo	***
7	xavante	***	107	gibney	***	207	ipi	***	307	food	***	407	rayner	***
8	nestlé	***	108	ruralistas	***	208	tortilla	***	308	gastón	***	408	bunge	***
9	danone	***	109	natura	***	209	scrinis	***	309	nathália	***	409	tereza	***
10	sangradouro	***	110	defs	***	210	microbolsas	***	310	verdura	***	410	tembici	***
11	ultraprocessado	***	111	afrebras	***	211	grileiro	***	311	cerrado	***	411	hiparidi	***
12	pnae	***	112	adoçante	***	212	margarina	***	312	agrário	***	412	strydom	***
13	durski	***	113	veneno	***	213	korcula	***	313	aprosoja	***	413	addera	***
14	coca-cola	***	114	ital	***	214	octógono	***	314	jereissati	***	414	jair	***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

A partir da lista de palavras do *CorJT*, geramos uma lista de palavras-chave utilizando como *corpus* de referência o *Portuguese Web 2023 (ptTenTen23)*. Essa comparação estatística nos permitiu identificar quais itens lexicais são significativamente mais frequentes no *CorJT* do que seria esperado em um *corpus* geral da língua portuguesa, revelando assim o vocabulário característico e distintivo do jornalismo praticado pelo veículo de comunicação analisado.

A lista de palavras-chave apresenta os lemas ordenados por chavicidade (*keyness*). Como explicado na seção de metodologia, valores mais altos de *keyness* indicam maior especificidade do item lexical ao *corpus* de estudo. A primeira posição é ocupada por *ultraprocessados*, com ocorrências tanto no singular quanto no plural, seguido por *joio*, que além de fazer parte do nome do veículo, remete à expressão bíblica “separar o joio do trigo”, metáfora central para a proposta editorial do projeto (cf. seção 3.1.3).

Ao analisarmos a lista de palavras-chave podemos notar a presença de diversos campos semânticos que estruturam o discurso do veículo. Com esses dados, fica claro que o campo mais proeminente é o da indústria alimentícia e suas *corporações*, representado por nomes de empresas multinacionais e nacionais: *Nestlé* (8ª posição), *Danone* (9ª), *Coca-Cola* (14ª), *McDonald's* (18ª), *Ambev* (20ª), *Mondelez* (53ª), *JBS* (54ª), *Unilever* (60ª), *PepsiCo* (66ª), entre outras. Também aparecem nomes de marcas e produtos específicos como *Doritos* (191ª),

Danoninho (265^a), *Gatorade* (341^a) e *Nescau* (400^a). A presença massiva dessas *corporações* na lista de palavras-chave evidencia o foco do *Joio* em investigar e questionar o papel dessas empresas no sistema alimentar brasileiro.

Intimamente relacionado ao campo anterior, encontramos o vocabulário técnico da classificação de alimentos, com destaque para ultraprocessados/ultraprocessado (1^a e 11^a posições). Esses termos são os propostos pela classificação NOVA⁴¹ (Nupens, 2025), fundamentais para o enquadramento crítico que o *Joio* faz da alimentação contemporânea. A alta chavidade desses itens confirma que o veículo não apenas reporta sobre alimentação, mas o faz a partir de um recorte científico e se alinhando a um discurso específico, que continuamente argumenta pela regulação dos chamados ultraprocessados.

O campo da saúde e nutrição também se destaca, com itens como *nutricional* (61^a), *obesidade* (62^a), *nutrição* (105^a), *nutricionista/nutricionistas* (155^a/245^a), *sobrepeso* (192^a) e *desnutrição* (276^a). A presença de siglas de doenças como *DCNTs* (doenças crônicas não transmissíveis) na posição 119^a, reforça a conexão entre alimentação inadequada e problemas de saúde pública que é central nas reportagens do veículo.

Outro campo semântico relevante é o das instituições e organizações, tanto aquelas ligadas à regulação e pesquisa quanto as associações da indústria. No primeiro grupo, encontramos *ILSI* - International Life Sciences Institute (3^a); *CONSEA* - Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (5^a); *ANVISA* - Agência Nacional de Vigilância Sanitária (25^a); *OPAS* - Organização Pan-Americana da Saúde (29^a); *Nupens* - Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (45^a), *FAO* - Food and Agriculture Organization (84^a); *OMS* - Organização Mundial da Saúde (331^a), entre outras. No segundo grupo aparecem: *ABIA* - Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (4^a); *ABIR* - Associação Brasileira das Indústrias de Refrigerantes (32^a) e *ABRAS* - Associação Brasileira de Supermercados (239^a). A coexistência desses dois tipos de instituições na lista de palavras-chave reflete a tensão entre regulação e autorregulação que perpassa as reportagens do *Joio*.

Além da lista de palavras-chave simples, geramos também uma lista de palavras-chave multipalavras (Figura 28, a seguir), que identificam sequências de dois ou mais *tokens* que ocorrem com frequência estatisticamente significativa no *CorJT* quando comparado ao Portuguese Web 2023. Essas unidades multipalavras são particularmente reveladoras do

⁴¹ A classificação NOVA criada pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens/USP) divide os alimentos em quatro grupos, a saber: Grupo 1 – alimentos in natura ou minimamente processados; Grupo 2 – ingredientes culinários processados; Grupo 3 – alimentos processados; e Grupo 4 – alimentos e bebidas ultraprocessados.

discurso especializado do jornal, pois capturam não apenas o vocabulário individual, mas combinações lexicais recorrentes que refletem conceitos, instituições, políticas e práticas centrais ao jornalismo sobre alimentação praticado pelo veículo.

FIGURA 28 – Lista de palavras-chave multipalavras do *CorJT*

SINGLE-WORDS ✓ MULTI-WORD TERMS ✓

reference corpus: Portuguese Web 2023 (ptTenTen23)

Term	Term	Term
1 Guia alimentar	168 diretoria colegiada	335 área desmatada
2 alimento ultraprocessados	169 medida regulatórias	336 Organização mundial
3 População brasileira	170 plantio de soja	337 programa de alimentação
4 consumo de ultraprocessados	171 Insegurança alimentar	338 Câmara setorial
5 indústria de alimentos	172 sistema de advertências	339 Sistemas alimentar
6 rotulagem frontal	173 rotulagem frontal de alimentos	340 preço mínimo
7 sistema alimentar	174 Produção marinha	341 controle do tabagismo
8 insegurança alimentar	175 presidente da funai	342 crédito de ipi
9 excesso de sal	176 Primavera do leste	343 Saúde pública
10 classificação nova	177 soro de leite	344 excesso de gorduras
11 modelo de rotulagem	178 soberania alimentar	345 problema cardiovascular
12 Segurança alimentar	179 desmonte de políticas	346 sul do Amazonas
13 Zona franca	180 povo tradicional	347 sistema de alertas

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

A lista de palavras-chave multipalavras apresenta 500 termos ordenados por chavicidade. A primeira posição é ocupada por *Guia alimentar*, referência ao Guia Alimentar para a População Brasileira, documento oficial do Ministério da Saúde que é frequentemente citado e defendido nas reportagens do *Joio*. Em segundo lugar aparece *alimento ultraprocessados* [sic], variação de concordância de *alimentos ultraprocessados*, seguido por *População brasileira* (3ª) e *consumo de ultraprocessados* (4ª). Esses primeiros colocados já evidenciam três elementos centrais do enquadramento jornalístico feito: um documento de referência baseado em evidências científicas, a categoria de alimentos que é alvo de crítica e o público afetado pelas questões tratadas.

Uma análise qualitativa das palavras-chave multipalavras revela a presença predominante de UFEs, conforme conceituadas por Bevilacqua (2004-2005). Como discutido na fundamentação teórica, UFEs são unidades formadas por um núcleo terminológico e um modificador ou elemento relacional, estabelecendo relações semânticas sistemáticas que cumprem a função de representar e transmitir conhecimento especializado. No *CorJT*, identificamos diversas UFEs estruturadas como locuções nominais especializadas, especialmente nos campos da nutrição, saúde pública e políticas públicas. Por exemplo, *rotulagem frontal* (6ª), *sistema alimentar* (7ª posição), *insegurança alimentar* (8ª), *segurança alimentar* (12ª) e *evidência científica* (14ª) são todas UFEs que circulam em contextos técnicos,

científicos e de políticas públicas. O termo *sistema alimentar*, que discutiremos mais à frente na análise, refere-se à rede de relações que envolve produção, distribuição, consumo e descarte de alimentos. Sua alta chavicidade como palavra-chave multipalavra confirma seu status como conceito estruturante no discurso do *Joio*.

Outras UFEs significativas incluem *rotulagem frontal* (6^a) e variações como *modelo de rotulagem* (11^a), *modelo de rotulagem frontal* (66^a), *rotulagem nutricional* (89^a) e *sistema de rotulagem frontal* (353^a). A recorrência dessas UFEs e suas variações indica que a regulação da rotulagem de alimentos é um tema central nas reportagens do veículo no recorte temporal do *CorJT*. Da mesma forma, *perfil de nutrientes* (28^a), *nutriente em excesso* (192^a), *perfil nutricional* (212^a), *nutriente crítico* (361^a) e *composição nutricional* (377^a) formam um campo semântico relacionado à avaliação nutricional de produtos alimentícios.

A lista de palavras-chave multipalavras pode ser organizada em diversos campos temáticos que estruturam o discurso do *Joio*. O campo das classificações e categorias de alimentos é um dos mais proeminentes, incluindo: *alimento ultraprocessados* (2^a), *produto ultraprocessados* (22^a), *alimento fresco* (48^a), *comida saudável* (60^a), *alimento não saudável* (63^a), *alimento saudável* (67^a), *comida de verdade* (100^a), *alimento orgânico* (147^a), *alimento processado* (244^a) e *junk food* (248^a). Essas categorias revelam a classificação implícita que organiza o discurso sobre alimentação no *Joio*, opondo alimentos in natura ou minimamente processados a ultraprocessados; além de criar oposição entre comida de verdade e produtos industrializados.

O campo das instituições e políticas públicas também é bem representado, com destaque para programas e órgãos governamentais: *Ministério da cidadania* (37^a), *agricultura familiar* (39^a), *Aquisição de alimentos* (43^a), *Programa de aquisição* (44^a), *Alimentação escolar* (45^a), *reforma agrária* (88^a), *Ministério da agricultura* (92^a) e *Ministério da saúde* (219^a). O CONSEA aparece tanto nas palavras-chave simples quanto nas multipalavras, especialmente em *extinção do consea* (146^a), *presidente do consea* (262^a) e *recriação do consea* (390^a), evidenciando a cobertura crítica que o *Joio* fez da extinção (durante o governo Bolsonaro) e posterior recriação desse órgão (no primeiro ano do terceiro mandato do governo Lula).

No campo das práticas da indústria, encontramos UFEs como *conflito de interesses* (40^a), *corporação de alimentos* (189^a), *interesse da indústria* (232^a), *pressão da indústria* (245^a), *interferência da indústria* (259^a), *lobby da indústria* (273^a) e *estratégia corporativa* (317^a). Essas unidades multipalavras revelam outro enquadramento importante do *Joio*: a atuação da indústria de alimentos como problema sistêmico, caracterizada por conflitos de interesse e interferência indevida em políticas públicas. O campo da regulação e normatização

inclui termos como *rotulagem frontal* (6^a), *processo regulatório* (74^a), *agenda regulatória* (82^a), *consulta pública* (140^a), *medida regulatórias* (169^a), *nota técnica* (210^a) e *fase de consulta pública* (274^a). Essas UFEs indicam a cobertura detalhada que o veículo faz dos processos de regulamentação, especialmente aqueles conduzidos pela ANVISA.

Outro ponto interessante é a presença de UFEs que nomeiam problemas socioambientais e de saúde pública: *doença crônica* (35^a), *epidemia de obesidade* (65^a), *pântano alimentar* (142^a), *deserto alimentar* (203^a), *Doenças crônica* (207^a), *trabalho escravo* (243^a), *obesidade infantil* (323^a), *desmatamento ilegal* (358^a) e *racismo ambiental* (461^a). As UFEs *deserto alimentar* e *pântano alimentar* representam conceitos técnicos recentes na literatura sobre desigualdade no acesso a alimentos saudáveis, e são unidades que nos atentamos para uma análise aprofundada. A presença dessas UFEs confirma que o *Joio* não apenas reporta problemas alimentares, mas o faz mobilizando um vocabulário crítico que conecta alimentação inadequada a questões mais amplas de justiça social e ambiental.

A lista também revela unidades que são específicas ao fazer jornalístico do *Joio*, funcionando como marcadores metadiscursivos: *sugestão sobre o episódio* (16^a), *Prato cheio* - nome do podcast do jornal (20^a), *entrevista ao joio* (34^a), *reportagem do joio* (42^a), *programa de membros* (47^a), *temporada do prato* (185^a), *temporada do prato cheio* (186^a), *reportagem publicada* (316^a) e *série de reportagens* (473^a). A presença dessas UFEs na lista de palavras-chave confirma que o *corpus* captura não apenas o conteúdo jornalístico, mas também a metalinguagem que o jornal usa para se referir à própria produção.

Por fim, vale notar a presença de UFEs que indicam posicionamento explicitamente crítico ou ativista: *combate à fome* (38^a), *Pacote do veneno* (110^a) – utilizado em referência ao conjunto de projetos de lei que flexibilizam o uso de agrotóxicos no país, *projeto agro xavante* (112^a), *Brasil agro* (132^a), *desmonte de políticas* (179^a) e *desmonte de políticas públicas* (217^a). Essas unidades multipalavras evidenciam que o vocabulário do *Joio* não é neutro ao fazer descrições de ações, programas e problemas sociais, mas carrega avaliações e posicionamentos explícitos.

Considerando a temática de especialidade do *corpus*, a presença notada e quantificada do campo da alimentação, como apresentamos acima, decidimos explorar as unidades fraseológicas do campo lexical e semântico da alimentação. Essas unidades já foram objeto de estudo de outros trabalhos como Seco (2017), Monteiro-Plantin (2018) e Oliveira (2022), que apontaram o potencial fraseológico e metafórico de unidades similares em *corpora* de língua portuguesa. Para nossas buscas, além dos resultados das listas de palavras-chave, apoiamo-nos nessas autoras para elencar itens de interesse.

À vista disso, na análise empreendida, assim como no trabalho desenvolvido por Monteiro-Plantin (2018, p. 125), “focamos em expressões linguísticas direta ou indiretamente ligadas ao ato de comer, seja referindo-se ao produto consumido [...] à fisiologia [...] aos utensílios de cozinha”⁴². Dessa maneira, para responder aos objetivos desta pesquisa, organizamos a análise em torno de itens compilados a partir da lista de palavras-chave (e das contribuições das autoras citadas). São itens de interesse com os quais trabalhamos nesta tese: *alimentar, fome, comida, prato, mesa, colher e faca*.

Ao longo das próximas subseções, examinamos detalhadamente os padrões fraseológicos e metafóricos associados a cada item. No entanto, o peso dado a cada item surgiu a partir das necessidades de discussão das unidades encontradas. Portanto, a subseção de maior extensão é a primeira que trata de *alimentar* e a de menor é a que trata de *prato, mesa, colher e faca* de forma agrupada.

O procedimento analítico segue etapas sistemáticas: inicialmente, realizamos buscas no concordanciador do Sketch Engine para cada unidade; em seguida, refinamos os dados mediante a ferramenta *Collocations*, aplicando critérios de busca adaptados às especificidades combinatórias de cada item. Em alguns casos, complementamos essa etapa com a consulta à *Word Sketch*, que fornece um panorama das relações sintagmáticas preferenciais de cada item lexical no *corpus*.

Os dados resultantes desse refinamento são organizados em quadros que agrupam as UFs identificadas segundo seus domínios conceituais de base ou resultados diretos de tal item sem agrupamento conceitual, pois não houve necessidade. Para cada UF, apresentamos a frequência absoluta e relativa tanto no *CorJT* quanto no *corpus* de referência, seguida, quando pertinente, dos valores de logDice e da distribuição da unidade em diferentes *subcorpora* do *corpus* de referência. Procedemos então à descrição e categorização fraseológica de cada item, classificando-o conforme tipologias estabelecidas na fundamentação teórica. Finalmente, quando as UFs apresentam motivação metafórica, realizamos análise conceptual que explicita os mapeamentos entre domínios-fonte e domínio-alvo, identificando padrões sistemáticos de estruturação metafórica do discurso jornalístico sobre alimentação.

4.1 Do sistema alimentar ao maniqueísmo dos alimentos

Por meio do concordanciador realizamos uma busca simples por *aliment**. Isso quer dizer que os 8.314 resultados de linha de concordância gerados para essa busca incluem

⁴² No original: “nos centramos en las expresiones lingüísticas vinculadas directa o indirectamente con el acto de comer, ya sean referidas al producto que se consume [...]; a la fisiología [...] a los utensilios de cocina.”

variações dessa mesma raiz, a saber: alimenta, alimentação, alimentar, alimentares, alimentarius, alimentava, alimentavam, alimento, alimentem, alimentícia, alimentícias, alimentício, alimentícios, alimento, alimentos e alimentos-chave. A partir dos resultados das linhas de concordância (cf. Figura 29) começamos a agrupar as unidades fraseológicas do *CorJT*. Todas as unidades identificadas como potencialmente fraseológicas do lema *aliment** estão organizadas no Apêndice A⁴³.

FIGURA 29 - Resultados *Concordance* – *aliment**

to", esclareceu Fernando Mombelli.	Rotulagem de	alimentos	: discurso da Anvisa decepçiona sociedade civil e é elogiado pela indústria
de civil para a definição de um modelo de rotulagem nutricional frontal de		alimentos	processados e ultraprocessados.
zado em Brasília foi elogiada pela Associação Brasileira das Indústrias de	Alimentação	(Abia), e criticada por organizações que representam consumidores e a si	
tom da fala foi reforçado por Thalita Antony Lima, da Gerência Geral de	Alimentos	, que pontuou a necessidade de congregar essa discussão com outros de	
idades espinhosas para o setor privado.	Alimentação	e Nutrição do Ministério da Saúde, Michele Lessa, afirmou ao final do enc	
is claras.	Alimentos	da Universidade do Chile, recordou que, entre o começo da tramitação dc	
o Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) e integrante da Aliança pela	Alimentação	Adequada e Saudável, enfatizou que já existem algumas pesquisas realiz	
ito, e não pelo cálculo total do dia.	alimentos	que não ultrapassem os níveis de sal, gordura e açúcar torna provável qu	
da Anvisa fala em adotar um padrão amparado "nas diretrizes do Codex	Alimentarius	".	O Codex, coordenado pela FAO e pela Organização Mundial de
Mundial de Saúde (OMS), é uma espécie de órgão regulador das normas	alimentares	em nível global.	As decisões adotadas ali dão os parâmetros para
boa informação não discrimina.	alimento	, não a dieta."	Lincoln Seragini, designer de embalagens que também rep
existe disposição do setor privado em promover programas de educação	alimentar	- essa é uma questão frequentemente evocada como grande solução par	
... No manifesto, os delegados do congresso lamentavam a qualidade da	alimentação	servida aos mais de três_mil participantes, que haviam se deslocado de tr	
idade de opções nutritivas, incluindo fatura de vegetais, grãos integrais e	alimentos	minimamente processados."	Uma foto postada no Twitter por Paula Johns
úcar.	alimentação	.	Surpreende que os organizadores não tenham pensado nisso.

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

Utilizando as ferramentas específicas do concordanciador, fizemos uma busca para encontrar colocações. A ferramenta *Collocations* foi ajustada para mínimo de frequência no *corpus* (3) e mínimo de frequência na extensão selecionada (2) e para palavras imediatamente antes (-1) e imediatamente depois (1) considerando a KWIC (palavra-chave em contexto) *aliment**. Os resultados ilustrados na Figura 30, a seguir, acabaram nos indicando combinações muito recorrentes no *CorJT*, como *segurança alimentar* e *alimentos ultraprocessados*.

⁴³ Este procedimento só foi realizado no caso de *aliment** pela maior quantidade de resultados que obtivemos na busca.

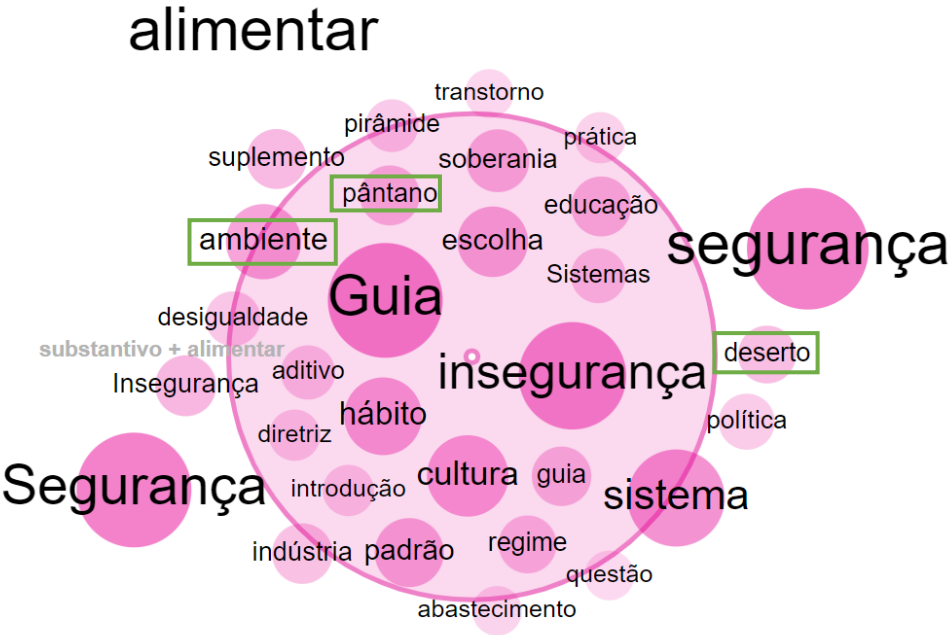
FIGURA 30 - Resultados colocações com aliment*

	Word	Cooccurrences ?	Candidates ?	LogDice ↓	
1	☐ segurança	295	571	10.09	***
2	☐ de	2,461	69,904	10.01	***
3	☐ Segurança	258	281	9.94	***
4	☐ Guia	253	381	9.90	***
5	☐ ultraprocessados	271	1,299	9.85	***
6	☐ e	1,181	34,559	9.82	***
7	☐ insegurança	207	255	9.63	***
8	☐ dos	341	7,379	9.48	***
9	☐ saudável	179	518	9.38	***
10	☐ à	226	4,618	9.16	***
11	☐ in	145	265	9.11	***
12	☐ para	387	14,622	9.11	***
13	☐ escolar	133	248	8.99	***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

Alguns resultados dessa busca nos incentivaram a fazer a consulta de *alimentar* na ferramenta *Word Sketch*, em especial, usamos o *display* de visualização dos resultados em diagrama, com o qual foi possível notar o que é coincidente entre o *CorJT* e o *ptTenTen23*, e o que é único ao *CorJT*. Na Figuras 31 e 32, a seguir, estão os resultados do *Word Sketch* para *alimentar* classificada como adjetivo, no par substantivo + alimentar.

FIGURA 31 - Resultados *Word Sketch* substantivo + alimentar no *CorJT*



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

FIGURA 32 - Resultados *Word Sketch* substantivo + alimentar no *ptTenTen23*

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

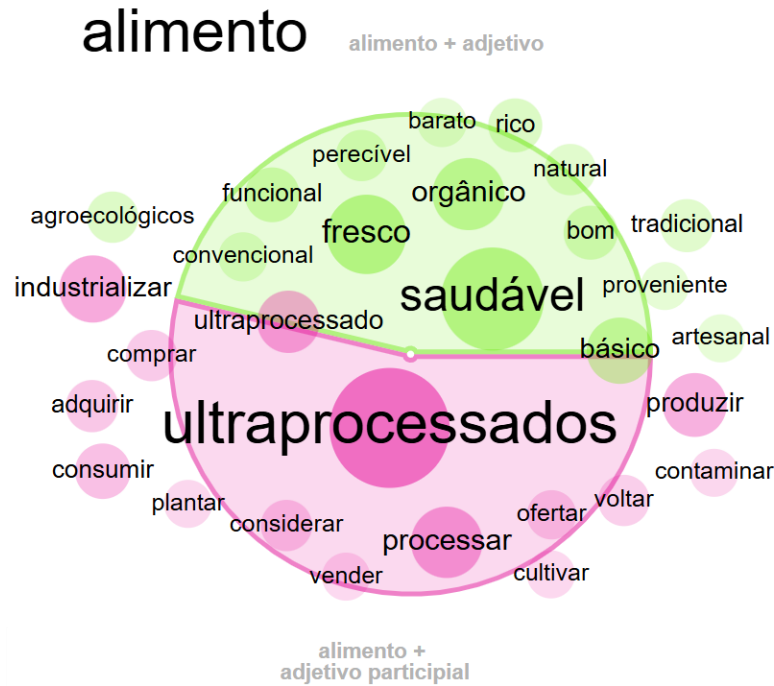
Nos resultados da Figura 31, destacamos as palavras *ambiente*, *deserto* e *pântano* na *Word Sketch* do *CorJT*, pois nos causaram imediata estranheza quando acompanhadas de *alimentar*. Já a Figura 32 não apresenta resultados nem para deserto, nem para pântano ou qualquer outro tipo de ecossistema, por isso, buscamos no concordanciador do *corpus* de referência as colocações: *deserto alimentar* e *pântano alimentar*. No Portuguese Web 2023, que tem mais de 14 bilhões de *tokens*, o SE encontra 151 resultados para deserto(s) alimentar(es) e 10 resultados para pântano(s) alimentar(es). Por outro lado, no *CorJT*, com 1,5 milhão de *tokens*, encontramos 24 resultados para pântano alimentar e 25 para deserto alimentar. A partir desses números, podemos interpretar que esses resultados foram mais frequentes no *CorJT*, justamente por sua característica de especialidade em comunicação sobre alimentação.

Antes de nos adentrarmos pela descrição das unidades encontradas na busca por *aliment**, precisamos apontar que na análise do funcionamento da unidade lexical *alimentar* em diferentes fraseologismos, percebemos que em um primeiro grupo *alimentar*, aparece como adjetivo modificando um substantivo; no segundo, atua como verbo, regendo um complemento direto.

Ao contrário do que acontece na ferramenta *Concordance*, onde podemos buscar por uma palavra com diferentes terminações, como foi o caso da busca por *aliment**, a *Word Sketch* não permite esse tipo de busca. Por isso, considerando os resultados de colocações que comentamos acima, consideramos produtivo olhar para a *Word Sketch* com o item *alimento*.

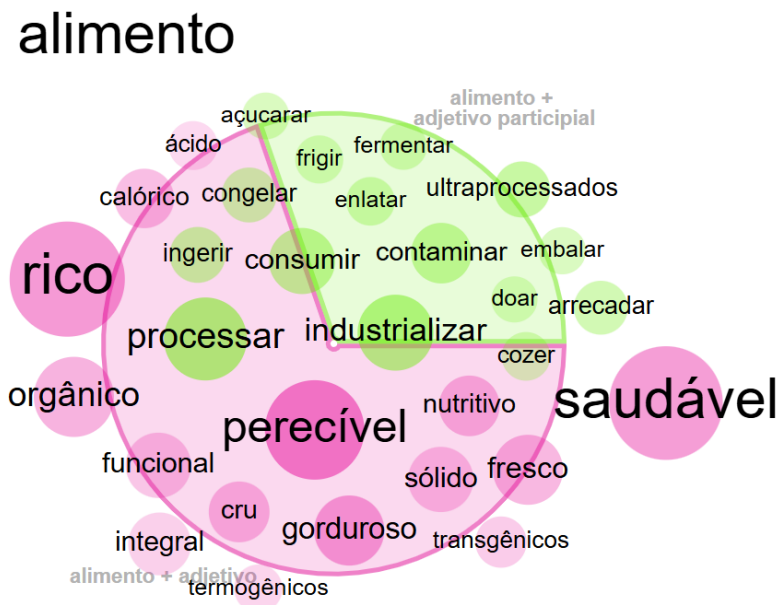
As Figuras 33 e 34⁴⁴ apresentam os resultados da busca no *CorJT* e no *ptTenTen23*, respectivamente. A visualização gráfica dos dados a seguir foi gerada com os seguintes parâmetros: i. mostrar resultados da palavra de interesse + adjetivo e palavra de interesse + adjetivo participial; ii. exibir 15 colocados de cada categoria; iii. texto em formato dinâmico, ou seja, texto maior igual a resultado mais relevante.

FIGURA 33 - Resultados *Word Sketch* alimento no *CorJT*



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

FIGURA 34 - Resultados *Word Sketch* alimento no *ptTenTen23*



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

⁴⁴ As cores nas figuras são geradas automaticamente pelo SE, sem possibilidade de alteração.

A comparação entre as duas figuras revela diferenças expressivas nos padrões colocacionais de alimento nos dois *corpora*, tanto no que diz respeito ao vocabulário mobilizado quanto aos enquadramentos conceptuais subjacentes a cada conjunto de dados.

No que concerne aos adjetivos participiais, a lista do *CorJT* é dominada por *ultraprocessados* e *ultraprocessado*, que ocupam as primeiras posições, seguidos de formas como *industrializar*, *produzir*, *comprar*, *adquirir*, *consumir*, *plantar*, *vender* e *cultivar*. Esse conjunto revela um eixo semântico fortemente orientado para a cadeia produtiva e distributiva dos alimentos, com ênfase nos processos de transformação industrial e nas relações de mercado. A presença de verbos como *plantar* e *cultivar* ao lado de *industrializar* e *ultraprocessados* sugere uma tensão discursiva entre modos distintos de produção alimentar.

No ptTenTen23, os adjetivos participiais são mais heterogêneos e distribuídos por domínios semânticos distintos: *processar* e *industrializar* também aparecem, mas convivem com formas como *congelar*, *enlatar*, *cozer*, *fermentar*, *açucarar*, *frigir* e *embalar*, que remetem a técnicas culinárias e procedimentos domésticos ou artesanais de conservação e preparo. A presença de *arrecadar* e *doar* aponta ainda para contextos assistenciais ou de distribuição solidária de alimentos, ausentes no *CorJT*. Trata-se, portanto, de um repertório mais disperso, que reflete usos cotidianos e técnicos variados, sem a concentração ideológica observada no *corpus* de estudo.

A comparação dos adjetivos qualificadores revela padrão semelhante. No *CorJT*, a lista é encabeçada por *saudável* e *fresco*, seguidos de *orgânico*, *básico*, *funcional*, *perecível*, *natural*, *tradicional*, *artesanal* e *agroecológicos*, além de *barato* e *convencional*. Esse conjunto constrói um sistema classificatório politicamente orientado, que articula saúde, origem, modo de produção e acesso econômico. A presença de *agroecológicos* é especialmente significativa, pois remete a um campo discursivo específico, associado a movimentos de soberania alimentar e agricultura camponesa, de circulação restrita a textos de jornalismo especializado, documentos de política pública e produção acadêmica crítica.

No ptTenTen23, a lista de adjetivos qualificadores inclui *saudável*, *perecível*, *rico*, *gorduroso*, *orgânico*, *fresco*, *cru*, *nutritivo*, *calórico*, *integral*, *funcional*, *sólido*, *ácido*, *termogênicos* e *transgênicos*. Há sobreposição parcial com o *CorJT* em itens como *saudável*, *perecível*, *orgânico* e *fresco*, o que indica algum grau de convencionalidade compartilhada. No entanto, o *corpus* de referência apresenta adjetivos de caráter predominantemente nutricional ou físico-químico, como *gorduroso*, *calórico*, *nutritivo*, *ácido* e *termogênicos*, que descrevem propriedades intrínsecas dos alimentos sem implicar posicionamento avaliativo sobre o sistema

alimentar. O adjetivo *transgênicos*, por sua vez, remete a debates biotecnológicos e regulatórios, aparecendo em textos científicos, jornalísticos e institucionais de caráter mais generalista.

A partir desses dados, temos um direcionamento sobre como o *CorJT* mobiliza *alimento*. Nesse sentido, é interessante notar que a ocorrência do item é de modo tematicamente concentrado e discursivamente especializado, estruturando-se em torno de oposições valorativas entre modos de produção e seus impactos sobre a saúde pública e a soberania alimentar. Trata-se de um vocabulário característico de jornalismo investigativo e especializado, com forte circulação em textos acadêmicos críticos, documentos de organizações da sociedade civil e políticas públicas de segurança alimentar. O *ptTenTen23*, por contraste, apresenta distribuição lexical mais ampla e semanticamente dispersa, própria de usos cotidianos, técnico-científicos gerais e textos de divulgação sobre nutrição e culinária, sem a coerência ideológica que caracteriza o corpus de estudo. Essa distinção confirma que as escolhas lexicais do Joio não são meramente descritivas, mas constituem recursos discursivos orientados à construção de enquadramentos críticos sobre o sistema alimentar contemporâneo. Essa disparidade sugere que o campo semântico de *alimento* no discurso do *Joio* se estreita e se intensifica, funcionando como núcleo lexical de um domínio conceitual que vincula materialidade, consumo e valores sociais. Por isso, essa subseção foi dividida em três subtópicos.

4.1.1 O adjetivo “alimentar” no CorJT

Olhando para os resultados das linhas de concordância, colocações e *Word Sketch* do *CorJT* pudemos perceber e agrupar algumas ocorrências de *alimentar* como adjetivo em: *segurança alimentar* (554 ocorrências no *CorJT*) e *insegurança alimentar* (237) no Quadro 7; *sistema alimentar* (155), *varejo alimentar* (4) e *status quo alimentar* (1) no Quadro 8; *ambiente alimentar* (70), *deserto alimentar* (25) e *pântano alimentar* (24) no Quadro 9. Todas essas UFs seguem o padrão Substantivo + Adjetivo, com posição pós-nominal fixa. Há forte rigidez quanto à ordem dos elementos, não há variações como “alimentar segurança”. Além disso, na maioria delas a flexão de número também é estável, as UFs estão, quase exclusivamente, no singular. Nos quadros 7 a 9, a primeira coluna apresenta os fragmentos de texto retirados do *CorJT*, nos quais as UFs ocorrem, com a identificação de qual texto forma retiradas, a segunda coluna traz a UF e a última coluna apresenta a classificação da unidade a partir dos estudos de Corpas Pastor (1996) e Bevilacqua (2004-2005; 2005) tratados na seção teoria deste texto.

Apesar de não nos aprofundarmos nas discussões da Terminologia e Terminografia, optamos por adotar também a nomenclatura Unidade Fraseológica Especializada (UFE) (Bevilacqua, 2004-2005; 2005). Acreditamos que foi importante indicar a existência das UFEs no *CorJT*, justamente para apontar quais unidades cumprem funções de representar e transmitir um conhecimento técnico especializado, circulando em campos como políticas públicas, segurança alimentar, saúde coletiva e estudos sociais. Ao longo da análise classificamos diversas colocações encontradas no *CorJT* como UFEs e apontamos que essas colocações ultrapassam o uso cotidiano, operando como conceitos estruturantes em debates técnicos, acadêmicos e ideológicos sobre a alimentação no mundo contemporâneo.

A separação dos quadros para a análise das UF's não foi aleatória nem pautada pela frequência de ocorrência das unidades. Na verdade, ao longo do processo separação das UF's para análise refinada, intuitivamente já buscamos entender em quais quadros mentais as unidades poderiam se agrupar, com um domínio de interesse claro, considerando que dentre os nossos objetivos almejamos chegar aos estudos metafóricos. Nas UF's identificadas nos quadros dessa subseção, notamos seus usos no campo de pesquisa em saúde e alimentação, além da interdisciplinariedade com áreas como geografia e políticas públicas. As buscas por eles no *Portuguese Web 2023* revelaram contextos de uso muito semelhantes aos encontrados no *CorJT*, sempre aparecendo em textos que discutem a questão da alimentação por um viés crítico, acadêmico ou político.

No Quadro 7, a seguir, temos os resultados relacionados ao domínio conceitual de segurança, a saber: *segurança alimentar* e *insegurança alimentar*. Ambas as expressões são colocações e apresentam a combinação frequente e convencional entre um substantivo (“segurança”; “insegurança”) e um adjetivo (“alimentar”).

QUADRO 7 – Domínio conceitual: proteção

Fragmentos de texto	UF	Classificação
[...] O uso excessivo de pesticidas é muito perigoso para a saúde humana e para o meio ambiente, e é enganoso afirmar que eles são vitais para garantir a segurança alimentar [...] (180605MN)	segurança alimentar	UFE
[...] Também o Programa Nacional de Alimentação Escolar e o Programa de Aquisição de Alimentos foram fundamentais para garantir a segurança alimentar de crianças de baixa renda e uma melhoria na situação dos agricultores familiares. (190228JP)		
“O objetivo é permitir que milhões de pessoas na região do Sahel tenham acesso a água potável, acumulem excedentes para aumentar a produção agrícola familiar, melhorem a segurança alimentar e nutricional e fortaleçam o poder de resiliência da comunidade”, aponta o documento sobre a iniciativa. (200120LM)		

A indicação de setores privados, além de violar esse princípio, significa a captura da agenda da segurança alimentar e adequada por interesses em conflito com povos indígenas, comunidades tradicionais e agricultura familiar, observa ela. (210507PCo) O Brasil não só é um grande produtor de arroz como é um grande consumidor de arroz. Se fosse um governo preocupado com a segurança alimentar, ele teria tomado medidas olhando esse cenário. Chamaria os vários atores para tentar entender o que estava por vir e o que poderia ser feito para garantir segurança alimentar ao mesmo tempo garantir renda etc e tal. (220530JPMHTM)		
Tem mais: em 2017, o então prefeito da capital, João Doria, propôs a distribuição de farinata, um composto ultraprocessado de alimentos por vencer, para amenizar a fome da população em situação de rua e em insegurança alimentar. (180919GZ) O tema do combate à insegurança alimentar e nutricional também foi encampado na década de 1990 [...] (190117LM) A estratégia de atacar a insegurança alimentar em duas frentes é reconhecida como um dos fatores que contribuíram para que o Brasil deixasse o Mapa da Fome [...] (200127LM) A insegurança alimentar atinge mais a população negra, nordestina e rural [...] (201105ER)	insegurança alimentar	UFE

Fonte: Dados da pesquisa.

No *CorJT*, *segurança alimentar* aparece 554 vezes (357,06 ocorrências por milhão de palavras), o que demonstra sua centralidade temática nos textos jornalísticos analisados, sobretudo por tratar de direitos sociais, fome, agricultura e políticas públicas. Já no *ptTenTen23*, a UF aparece 111.790 vezes (5,58 por milhão), o que indica um uso extremamente difundido em vários gêneros discursivos, especialmente jornalismo, documentos técnicos, relatórios institucionais e textos acadêmicos. O material do *corpus* de referência foi coletado de sites como: blogspot.com, scielo.br, sp.gov.br, scielosp.org, envolverde.com.br, unisinos.br; quali.pt; sapo.pt; unicamp.br; e embrapa.br. Como mostra a Figura 35, a seguir.

FIGURA 35 - Distribuição das fontes dos textos no *Portuguese Web 2023* para a busca *segurança alimentar*

Website (e.g. cnn.com)	Frequency
1 ☐ blogspot.com	3,397 ***
2 ☐ scielo.br	2,112 ***
3 ☐ sp.gov.br	1,906 ***
4 ☐ scielosp.org	1,330 ***
5 ☐ envolverde.com.br	1,154 ***
6 ☐ unisinos.br	1,043 ***
7 ☐ quali.pt	927 ***
8 ☐ sapo.pt	875 ***
9 ☐ unicamp.br	873 ***
10 ☐ embrapa.br	854 ***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

As duas UFs do Quadro 7 apresentam altíssimo grau de fixidez, já que os dois elementos ocorrem em sequência e mantêm a ordem e flexão, sempre no singular. Essa estabilidade é característica de UFEs, cujo uso está normatizado por instituições e organismos multilaterais

como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e Organização Mundial da Saúde (OMS). Por outro lado, podemos perceber nos fragmentos textuais retirados do *CorJT* que a UFE *segurança alimentar* admite outros colocados como: *segurança alimentar e nutricional* ou *segurança alimentar e adequada*. Os resultados da busca por colocados para o grupo *segurança alimentar* mostram que é extremamente usual ser acompanhado do colocativo *nutricional* (logDice 12.24 no *CorJT*).

Segurança alimentar remete, conceitualmente, à garantia do direito humano à alimentação adequada, regular e acessível, em quantidade e qualidade suficientes, sem comprometer outras necessidades essenciais. No texto da Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que criou o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Segurança alimentar e nutricional

consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis. (Brasil, 2006).

Nos textos analisados, essa acepção pode ser confirmada em diversas construções: “garantir a segurança alimentar”; “captura da agenda da segurança alimentar”; “segurança alimentar e nutricional”. Essas combinações mostram que a UF *segurança alimentar* atua como nó discursivo estratégico, que articula diferentes vozes sociais e interesses sendo usada em textos que tratam desde a produção agrícola ao combate à fome. Sua recorrência nos dois *corpora* confirma seu status como UF central no campo semântico da alimentação, funcionando não só como termo técnico, mas também como marcador ideológico de debates sobre políticas públicas, soberania e justiça social.

Um processo similar ocorre com a UF *insegurança alimentar*. Para qual, embora seus componentes sejam transparentes individualmente, sua combinação representa um conceito técnico e institucionalizado: a falta de acesso regular e suficiente a alimentos adequados. A Academia Brasileira de Letras (2025) define insegurança alimentar como: “Condição do indivíduo ou da família sem acesso ou com acesso precário a uma alimentação adequada, seja pela falta de recursos financeiros, seja pela escassez de comida no local em que vive”.

A UF é derivada diretamente de “segurança alimentar”, com o prefixo negativo “in-”. Também pertence ao domínio semântico da nutrição e das políticas públicas. Ela aparece 237 vezes no *corpus* de estudo (152,75 por milhão), o que indica alta frequência e grande relevância temática. No *corpus* de referência, aparece 21.683 vezes (1,08 por milhão), o que sugere que,

embora muito usada, não é tão comum quanto “segurança alimentar” fora de contextos especializados.

Insegurança alimentar também admite outros colocativo como: “em insegurança alimentar”; “combate à insegurança alimentar”; “sofre com a insegurança alimentar”; “grau de insegurança alimentar”. Também é comum sua expansão com complementos, como “insegurança alimentar e nutricional” ou qualificadores de intensidade “insegurança alimentar grave” (logDice 11.44 no *CorJT*); “insegurança alimentar leve” (logDice 9.16 no *CorJT*). A busca pela UF no *Portuguese Web 2023* revela que é amplamente utilizada por organismos internacionais e movimentos sociais para denunciar a fome, a má nutrição e as desigualdades estruturais no acesso aos alimentos. Nos textos do *CorJT*, o uso da UFE *insegurança alimentar* está associada a: políticas públicas (como o caso da farinata em SP); desigualdades raciais e regionais; efeitos de governos e programas sociais; índices estatísticos e classificações oficiais (leve/moderada/gravíssima).

No Quadro 8, a seguir, estão agrupadas as UFs *sistema alimentar*, *varejo alimentar* e *status quo alimentar* dentro do domínio conceitual sociedade.

QUADRO 8 – Domínio conceitual: sociedade

Fragmentos de texto	UF	Classificação
A narrativa do direito à alimentação adequada pode ser compreendida como uma noção exclusivamente centrada na escolha individual na qual as determinantes sociais não são consideradas e, consequentemente, reproduzir a naturalização de sistema alimentar assimétrico e injusto. (180802RD) [...] proveria o comando e a estrutura legal global para os países agirem na melhoria de seus sistemas alimentares para que se tornem motores para uma melhor saúde, sustentabilidade ambiental, maior equidade e prosperidade. (190131JP) A crença de que essa vertente da ciência poderia substituir tudo o que sabemos em relação ao cultivo e ao preparo de alimentos nos levou a um sistema alimentar desprovido de sentido, no qual a produção causa danos ambientais assombrosos e o consumo leva a problemas de saúde que estão entre as maiores causas de morte de nossos tempos. (200327JP) Esse processo se agravou desde a instalação do sistema alimentar neoliberal. Um relatório da Oxfam mostra como os agricultores foram transformados em sócios minoritários do negócio da alimentação, enquanto o varejo tem uma fatia cada vez maior. (200413JP)	sistema alimentar	UFE
Belik chama atenção, no documento, para a alta concentração desse setor econômico, chamado de varejo alimentar. As três maiores varejistas do país – Carrefour, Pão de Açúcar e Walmart – detêm 41% do mercado. (201021VM) Chegamos buscando uma explicação para o volume imenso de ações trabalhistas originadas naquela loja específica, mas encontramos um	varejo alimentar	UFE

projeto em andamento do que deve ser o futuro do varejo alimentar no Brasil. (210610JPVM)		
Eles dividem o varejo alimentar em dois tipos. O “varejo tradicional” é composto por lojas pequenas, não organizadas em redes, que comercializam produtos em volume reduzido. “São mercearias, mercadinhos de bairro, pequenos varejões”, exemplificam. A outra face da moeda fica com o que eles chamam de “varejo estruturado”. (220428MMMa)		
O Brasil tem idiossincrasias em relação às manifestações globais dos regimes alimentares, mas está cada vez mais integrado ao sistema global e pode ser considerado, hoje, um dos países que mais faz uso da "neoregulamentação" para beneficiar o status quo alimentar . (211125DS)	status quo alimentar	Colocação

Fonte: Dados da pesquisa.

Sistema alimentar aparece 155 vezes (99,9 por milhão) no *CorJT*, o que revela alta frequência relativa e centralidade temática. As ocorrências se distribuem em textos que abordam políticas públicas, produção e distribuição de alimentos, segurança alimentar e saúde pública. Os contextos de uso refletem forte carga avaliativa e posição crítica, como nos exemplos do Quadro 8: “sistema alimentar assimétrico e injusto”, “sistema alimentar desprovido de sentido” e “sistema alimentar neoliberal”. Nestes casos, o termo é mobilizado para análise crítica da estrutura econômica, social e política da produção e distribuição de alimentos. O sentido literal da UFE é mantido, mas sua função discursiva é ideológica e política, revelando uma especialização semântica que reforça sua condição como UFE.

No *ptTenTen23*, a UFE ocorre 7.635 vezes (0,38 por milhão), indicando ampla circulação, mas com densidade significativamente inferior à do *CorJT*. A maior parte deles de textos coletados de sites científicos como: scielo.com, unisinos.br, academia.edu, fiocruz.br, scielosp.org, bvs.br; ou sites de jornalismo especializado como envolverde.com.br; e ainda sites de organizações como fao.org. Como mostra a Figura 36, a seguir. Assim, aparece em contextos técnicos ou institucionais, por exemplo: “[...] todos os atores do sistema alimentar devem trabalhar juntos [...]” e “[...] sistema alimentar do país, face à escalada de preços [...]”. Apesar do uso ser mais neutro no *corpus* de referência, a UFE mantém o caráter técnico e especializado, o que demonstra sua consolidação como conceito transdisciplinar com valor descritivo e normativo.

FIGURA 36 - Distribuição das fontes dos textos no *Portuguese Web 2023* para a busca *sistema alimentar*

	Website (e.g. cnn.com)	Frequency ↓
1	☐ scielo.br	257 ***
2	☐ unisinos.br	236 ***
3	☐ blogspot.com	188 ***
4	☐ envolverde.com.br	186 ***
5	☐ fao.org	144 ***
6	☐ scielosp.org	136 ***
7	☐ bvs.br	97 ***
8	☐ sapo.pt	93 ***
9	☐ academia.edu	89 ***
10	☐ fiocruz.br	81 ***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

Sistema alimentar apresenta alta fixação interna, tanto léxica quanto sintática. Já que não é comum a inversão ou substituição de seus constituintes sem comprometimento semântico. A estabilidade da UFE, associada ao seu alto grau de reutilização em discursos técnicos, evidencia forte convencionalidade (Corpas Pastor, 1996). A especialização semântica nesse caso é clara porque, embora a combinação das palavras seja transparente em termos literais, o uso da UFE em contextos técnicos envolve um significado específico e estabilizado. Os fragmentos no Quadro 8 e demais ocorrências do *CorJT* mostram que a unidade é usada para descrever o conjunto interligado de atividades e estruturas, as quais compõem a cadeia alimentar da produção ao consumo, com ênfase em suas dimensões sociais, econômicas e políticas; assim como, a definição da FAO (2018, p. 1)⁴⁵ para o termo (food system), em inglês,

Os sistemas alimentares abrangem toda a gama de atores e suas atividades interligadas de agregação de valor envolvidas na produção, agregação, processamento, distribuição, consumo e descarte de produtos alimentícios originários da agricultura, silvicultura ou pesca, bem como partes dos ambientes econômicos, sociais e naturais mais amplos em que estão inseridos.

Vejamos outros fragmentos textuais que corroboram essa acepção:

- i.[...] nossos sistemas alimentares, controlados por grandes *corporações* agrícolas e de produção de comida [...];
- ii.[...] demanda toda uma reestruturação do nosso sistema alimentar, calcada em agricultura camponesa e pequenas empresas, e uma mudança mais superficial, que consiste apenas em uma melhoria leve do que *corporações* hoje nos entregam [...];
- iii.Já o aumento da prevalência de obesidade decorre da atual configuração dos sistemas alimentares, que privilegiam a produção e o consumo de alimentos ultraprocessados.
(Fragmentos textuais retirados do *CorJT*).

⁴⁵ No original: Food systems (FS) encompass the entire range of actors and their interlinked value-adding activities involved in the production, aggregation, processing, distribution, consumption and disposal of food products that originate from agriculture, forestry or fisheries, and parts of the broader economic, societal and natural environments in which they are embedded.

Embora não idiomática quando comparada a locuções e enunciados fraseológicos, a colocação *sistema alimentar* apresenta um grau moderado de opacidade contextual. Já que não se trata apenas de um sistema que envolve alimentos, mas de um sistema político-econômico e simbólico, cuja interpretação completa depende do campo do saber e do posicionamento discursivo. Isso mostra um avanço no processo de lexicalização técnica, reforçando seu valor como categoria conceitual tanto quanto *sistema econômico*, *sistema monetário* ou *sistema solar*, colocações já dicionarizadas.

A segunda unidade do Quadro 8 é *varejo alimentar*, também classificada como UFE. No *CorJT*, ocorre 4 vezes (2.58 ocorrências por milhão de palavras), com alta densidade temática, sempre inserida em contextos críticos ou analíticos do sistema alimentar: há menções à concentração de mercado (“para a alta concentração desse setor econômico, chamado de varejo alimentar”); à transformação do setor (“encontramos um projeto em andamento do que deve ser o futuro do varejo alimentar”); e à oposição entre tipos de varejo (“Eles dividem o varejo alimentar em dois tipos”). Portanto, no *CorJT* seu uso é técnico, com alto grau de especialização semântica, e está associado à crítica da lógica *corporativa* e à estruturação do setor alimentício.

Já no *ptTenTen23*, a UFE aparece 1.367 vezes, com menor densidade (0.07 ocorrências por milhão de palavras), muitas vezes em contextos descritivos ou *corporativos*, como relatórios de eficiência, anúncios e análises de mercado, como podemos notar nos exemplos:

- iv. E devido a isso, podemos dizer que o varejo alimentar brasileiro é altamente eficiente, revelado pela mais recente Pesquisa de Eficiência Operacional da ABRAS, que ilustra as páginas desta edição;
 - v. A Alligator, plataforma de assinatura de eletrônicos, em parceria com o Carrefour, grupo de varejo alimentar do Brasil, oferece assinatura de smartphones para os clientes da rede varejista;
 - vi. “O varejo alimentar tem, entre todos os admitidos, 18% como vagas do primeiro emprego. Ou seja, devido ao setor ser porta de entrada no mercado de trabalho, os jovens podem ser os mais atingidos no pós-greve”, diz o economista da Apas;
 - vii. Conhecido também como mercado de vizinhança, é um setor de mercado com gênero predominante de produtos alimentícios, ou seja, caracteriza-se como pequeno varejo alimentar, principalmente de alimentos de primeira necessidade.
- (Fragmentos textuais retirados do *ptTenTen23*).

O uso também é técnico, porém mais neutro em termos de posicionamento ideológico. A diferença de frequência relativa (2.58 vs. 0.07 por milhão) sugere que a UFE é mais recorrente e ideologicamente carregada no *corpus* de estudo, no qual é discutida dentro de um viés crítico, enquanto no *corpus* geral é empregada com foco descritivo ou empresarial.

Varejo alimentar apresenta grau médio-alto de fixação interna, já não admite variações comuns como inversão (“alimentar varejo”) ou substituição léxica sem perda de sentido técnico. O uso repetido e consistente nos dois *corpora* indica que a colocação é convencionalizada,

mesmo que ainda não dicionarizada. Em uma busca pelo Google Acadêmico conseguimos verificar que a UFE *varejo alimentar* se tornou regular e difundida em textos das áreas de administração, economia e comércio logo no começo dos anos 2000, mesmo que com pouca preocupação por uma definição mais certa do termo. Do ponto de vista da especialização semântica, a UFE se refere especificamente ao subsetor do comércio varejista voltado à venda de alimentos, um conceito técnico utilizado em áreas como economia, segurança alimentar e estudos urbanos. Assim como outras UFEs como “deserto alimentar” ou “ambiente alimentar”, ambas no Quadro 9, seu uso envolve uma carga conceitual que vai além do sentido literal das palavras componentes.

A UFE *varejo alimentar* apresenta uma particularidade metafórica sutil, mas significativa quando observamos que o adjetivo alimentar não modifica diretamente o substantivo varejo, mas opera uma expansão do campo semântico. O termo não designa “varejo de alimentos” em seu sentido literal, mas sim o sistema de comercialização que medeia as relações entre produção e consumo no campo da alimentação.

Nesse sentido, não conseguimos realizar um mapeamento metafórico completo, mas conseguimos identificar que domínio fonte é o comércio e o domínio alvo a alimentação, a concepção de um *varejo alimentar* alude para uma arquimetáfora na qual ALIMENTO É MERCADORIA. A escolha lexical varejo, que evoca especificamente a comercialização em pequenas quantidades ao consumidor final, projeta sobre a alimentação um enquadramento que privilegia a dimensão transacional em detrimento de outras possíveis. Quando o *CorJT* mobiliza essa UFE em contextos críticos, como em “alta concentração desse setor econômico, chamado de varejo alimentar”, evidencia-se a naturalização dessa arquimetáfora no discurso hegemônico: a alimentação é primordialmente compreendida como parte do setor econômico, não como direito humano ou prática cultural.

Diferentemente de outras UFEs analisadas neste trabalho, como *segurança alimentar* ou *sistema alimentar*, que mantêm certa neutralidade valorativa em sua estrutura (ainda que sejam mobilizadas criticamente), *varejo alimentar* já traz em sua própria constituição uma posição ideológica implícita: a de que o modelo de distribuição de alimentos socialmente legitimado é o da venda comercial fragmentada. Essa naturalização fica ainda mais evidente quando comparamos com possíveis alternativas não lexicalizadas no *ptTenTen23*, como distribuição solidária de alimentos (1 ocorrência) ou circuitos curtos de comercialização (484).

A metáfora se consolida ainda mais quando observamos a recorrência com que *varejo alimentar* é modificado por termos do campo econômico-administrativo: “concentração do varejo alimentar”, “eficiência do varejo alimentar”, “futuro do varejo alimentar”. Nesses usos,

alimentação é integralmente subsumida à lógica de mercado, perdendo qualquer resíduo semântico que a vincule a necessidades humanas básicas, práticas culturais ou direitos sociais.

No *ptTenTen23*, observamos que os contextos de uso reforçam essa dimensão mercantil-tecnocrática, aparecendo frequentemente em textos *corporativos*, análises de mercado e reportagens sobre eficiência empresarial. No *CorJT*, embora a UFE seja empregada com menor frequência absoluta, seu uso é estrategicamente crítico: o jornal a mobiliza para visibilizar e questionar justamente essa mercantilização naturalizada da alimentação. Assim, podemos afirmar que *varejo alimentar*, enquanto UFE, não apenas descreve um setor econômico, mas opera como dispositivo conceitual que enquadra a alimentação primordialmente como objeto de transação comercial, cristalizando linguisticamente uma visão de mundo na qual comer é, antes de tudo, comprar.

A última UF do quadro 8, é a UF *status quo alimentar*, que podemos classificar como uma colocação. Apesar da baixa frequência, selecionamos essa ocorrência porque a consideramos de alta expressividade. Em *status quo alimentar*, temos a combinação entre a expressão latina *status quo* e o adjetivo *alimentar*, que restringe semanticamente o campo de referência da UF. A estrutura da UF é fixa, pois a expressão latina funciona como unidade estável e o adjetivo atua como modificador temático, sem possibilidade de inversão.

Ainda que não alcance os critérios de convencionalidade que definem uma UF, como alta frequência e fixação confirmada (Corpas Pastor, 1996), a unidade apresenta restrição de coocorrência e especialização temática suficientes para ser estudada como colocação. Essa colocação tem uma única ocorrência tanto no *CorJT*, quanto no *ptTenTen23*. No *corpus* de estudo, o uso aparece em um contexto técnico-crítico, refletindo sobre a “neoregulamentação” e sua função de reforçar estruturas alimentares desiguais: “[...] para beneficiar o status quo alimentar”. No *ptTenTen23*, a única ocorrência é em um texto de propaganda gastronômica: “Diga adeus ao seu status quo alimentar”.

Ainda que a baixa frequência impeça a confirmação de convencionalidade, a UF se mostra potencialmente cristalizável, especialmente em discursos que discutem o sistema alimentar como estrutura de dominação, manutenção de privilégios e resistência a mudanças; ou seja, especialmente quando pensamos em usos mais opacos e metafóricos da colocação. No exemplo do *CorJT*, *status quo alimentar* tece uma crítica social, designando o modelo hegemônico de produção e consumo de alimentos que se sustenta por meio de políticas públicas alinhadas a interesses *corporativos*. Nesse uso, a colocação funciona como ferramenta conceitual, que pode indicar um possível processo de institucionalização, o que a aproxima das outras colocações analisadas do Quadro 8. No exemplo do *corpus* de referência, por outro lado,

a unidade é desprovida de seu uso crítico, o que mostra que significado depende fortemente do campo discursivo no qual é empregada.

No Quadro 9, a seguir, estão agrupadas as UFs *ambiente alimentar*, *deserto alimentar* e *pântano alimentar* dentro do domínio conceitual geografia.

QUADRO 9 – Domínio conceitual: geografia

Fragmentos de texto	UF	Classificação
[...] contribui decisivamente na construção de um ambiente alimentar absolutamente desfavorável [...] (180905RD) Em quatro mapas, este levantamento inédito indica como estão distribuídos os estabelecimentos de venda de alimentos, fazendo um mapeamento do ambiente alimentar no município. (200622GZRH) Esses indicadores integram São Paulo: onde sobra e onde falta comida saudável, um projeto de O Joio e Trigo, que mapeou o ambiente alimentar na cidade. (200701GZ) Ela explica que o delivery altera inclusive a percepção do ambiente alimentar no qual a pessoa está inserida [...] (201214MM)	ambiente alimentar	UFE
Ministério do Desenvolvimento Social, extinto por Jair Bolsonaro, publicou ao final de 2018 um primeiro mapeamento nacional de desertos alimentares. (190226VD) Nas regiões limítrofes do município, há mais desertos alimentares, enquanto os pântanos se concentram nas regiões centrais (200622GZRH) Nutricídio, genocídio alimentar, insegurança alimentar, desertos alimentares são expressões que remetem ao estado da fome (201105ER)	deserto alimentar	UFE
[...] já apontavam a existência de desertos alimentares no município, mas não indicavam a existência de pântanos alimentares, chegando ao mesmo nível de detalhamento. (200622GZRH) Pelas características que têm, pântanos alimentares são ambientes obesogênicos. (200713GZ) Há também os pântanos alimentares, que são locais onde a dificuldade de acesso a esses alimentos se combina com uma grande oferta de alimentos ultraprocessados, o que é um forte incentivo ao seu consumo. (210915LA)	pântano alimentar	Colocação em processo de se tornar uma UFE

Fonte: Dados da pesquisa.

A UF *ambiente alimentar* teve, no *CorJT*, 70 ocorrências (45,12 ocorrências por milhão), sinalizando alta frequência relativa, o que sugere sua centralidade no discurso. O contexto de uso está relacionado a questões como reforma trabalhista, delivery de comida, mapeamento de estabelecimentos e desigualdade no acesso a alimentos saudáveis. Podemos perceber certa carga valorativa e ideológica, como nos trechos: “ambiente alimentar absolutamente desfavorável”; “altera inclusive a percepção do ambiente alimentar”; “mapeou o ambiente alimentar na cidade”. Nesses contextos, a UFE é empregada para descrever

configurações sociais, econômicas e urbanas que impactam o acesso a alimentos saudáveis, um uso que demonstra especialização semântica.

Já no *corpus* de referência, a UFE ocorre 826 vezes, mas com uma frequência relativa muito inferior (0,04 por milhão), indicando que, embora amplamente utilizada, sua densidade é significativamente menor do que no *CorJT*. Os contextos de uso também são especializados, geralmente vinculados a estudos sobre alimentação saudável, políticas públicas ou aspectos sanitários, como: “ambiente alimentar do consumidor”; “auditar o ambiente alimentar dos territórios de serviços de saúde”. Esses usos indicam que mesmo fora do *CorJT*, a UFE circula em campos técnico-científicos e institucionais, principalmente em relatórios de políticas públicas e textos acadêmicos. O Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (2025, p. 6), define ambiente alimentar “como um conjunto de elementos que englobam aspectos físicos, econômicos, políticos e socioculturais, influenciando as escolhas alimentares e o estado nutricional dos indivíduos.”.

A UFE apresenta alta fixação interna, tanto léxica, já que ambos os elementos são estáveis e não são usualmente substituídos; quanto sintática, uma vez que a ordem é fixa. A convencionalidade está sustentada tanto pela frequência de coocorrência quanto pela recorrência em contextos específicos. Embora não apresente idiomaticidade, a colocação possui um grau de opacidade contextual moderado: “ambiente” e “alimentar” são transparentes isoladamente, mas sua combinação, como podemos notar pelo uso no *CorJT* e no Portuguese Web 2023, refere-se a um conjunto de fatores estruturais, sociais e econômicos que condicionam práticas alimentares. Isso reforça seu status de UFE, na medida em que cumpre função conceitual em discursos científicos, institucionais e políticos sobre a alimentação.

Já a colocação *deserto alimentar*, ocorre 25 vezes (16,11 por milhão), sendo usada de maneira reiterada, crítica e conceitual. Já no *ptTenTen23*, a UFE aparece 208 vezes, mas com frequência muito menor proporcionalmente (0,01 por milhão). Essa disparidade revela sua importância no *CorJT*, embora seu contexto de uso seja semelhante nos dois *corpora*. Nos textos do *CorJT*, *deserto alimentar* aparece em contextos que denunciam desigualdades estruturais no acesso a alimentos saudáveis, como nos exemplos: “...verificou-se que as regiões caracterizadas como ‘desertos alimentares’ [...] são exatamente as que têm piores condições socioeconômicas...”; “...um primeiro mapeamento nacional de desertos alimentares.”. O estudo técnico Mapeamento dos Desertos Alimentares no Brasil (2018, p. 5) explica que “definiu-se como ‘deserto alimentar’ a região na qual pelo menos 500 pessoas, ou 33% de um determinado setor censitário, residem a mais de 1,6 km de um supermercado ou mercearia (para setores censitários rurais, a distância é de mais de 16 km)”.

Assim, a UFE opera em sentido crítico e, pelo jornalismo do *Joio*, dá visibilidade a populações marginalizadas e territórios negligenciados pelo mercado e pelas políticas públicas. O uso é coerente com a definição técnica do termo, consolidada em campos como nutrição, saúde coletiva e sociologia. No *Portuguese Web 2023*, os usos da UFE são semelhantes, o que reforça sua relevância social e discursiva. A colocação apresenta alto grau de fixação lexical, mas admite formas no singular ou plural, com pouca ou nenhuma variação formal.

O comportamento que observamos para *deserto alimentar* indica que a colocação já está consolidada como UFE, com circulação entre especialistas e não-especialistas. O mesmo não pode ser dito da UF *pântano alimentar*, mas que acreditamos estar no processo para se tornar uma UFE. Embora ainda em processo de consolidação, a colocação *pântano alimentar* apresenta coerência interna, restrição semântica mútua e relativa estabilidade formal. No *CorJT*, a colocação ocorre 24 vezes (157 por milhão), indicando um uso sistemático em textos de jornalismo especializado. No *corpus* de referência, há 22 ocorrências, mas com frequência relativa muito inferior (<0.01 por milhão; resultado insignificante), o que reforça sua característica de nova fraseologia. O contraste entre os *corpora* evidencia que a UF está mais consolidada no discurso especializado, ainda que já circule em esferas públicas mais amplas.

Ao mesmo tempo, a colocação é usada nos dois *corpora* com a mesma acepção designando locais onde há excesso de oferta de alimentos ultraprocessados e carência de alimentos saudáveis. Exemplos: “Pântanos alimentares são ambientes obesogênicos”; “O ambiente digital dos aplicativos de delivery [...] pode ser entendido como um pântano alimentar”. Tais usos revelam uma carga semântica crítica e técnica, vinculada a discussões sobre obesidade, políticas alimentares e justiça social. Tanto no *CorJT* quanto no *Portuguese Web 2023*, a unidade aparece de forma explicativa e analítica, inclusive há trechos com explicitação da origem do conceito: “Essas áreas podem ser classificadas como pântanos alimentares, conceito que surgiu nos Estados Unidos e é estudado no Brasil [...]” (Retirado do *ptTenTen23*). Esse tipo de enunciado sinaliza a circulação controlada da unidade, que ainda exige contextualização para o leitor comum.

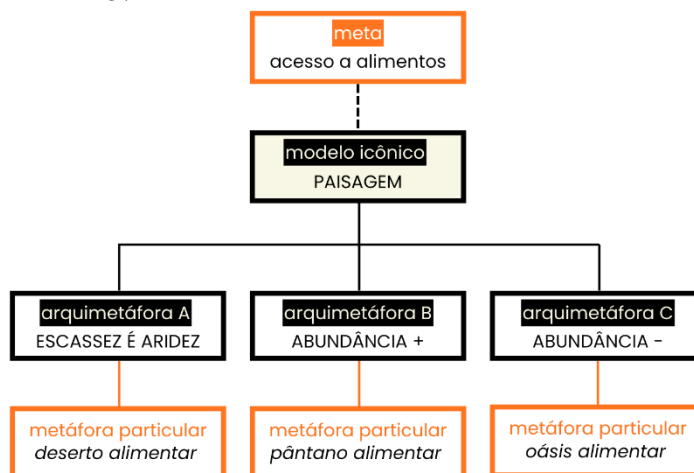
Para tentar entender se as UFs apresentadas até aqui apresentam algum caráter metafórico fizemos o exercício de pensar em como a opacidade das unidades impacta na compreensão de sentido, que verificamos serem, em sua maioria, termos técnicos que estabelecem relações entre domínios conceituais. Nesse sentido, gostaríamos de apontar que a maioria dessas unidades não são metáforas particulares por si mesmas, mas trabalham ativando enquadramentos mentais para leitura do mundo. Por exemplo, os termos “segurança” e “insegurança” evocam esquemas de defesa e proteção, sugerindo uma ideia de que o acesso a

alimentos é algo que pode estar sujeito a ameaças. Algo similar ocorre com “varejo”, que imediatamente nos faz pensar no contexto de comércio, logo, nos levando à arquimetáfora ALIMENTAÇÃO É MERCADORIA, que é uma das muitas formas que podemos compreender a comida.

Por outro lado, as UFs *deserto alimentar* e *pântano alimentar* nos permitem realizar um mapeamento metafórico muito mais preciso. Já que esses termos foram escolhidos para comporem colocações especializadas e técnicas a partir das características dos ecossistemas aos quais se referem. Deserto, por exemplo, relaciona-se fortemente às noções de aridez, escassez e isolamento. Já pântano faz referência às características mais notórias desse ambiente como um terreno traiçoeiro, de difícil travessia devido aos perigos ocultos e solo esponjoso. Outra unidade do mesmo campo é *oásis alimentar*, que não tem ocorrências no *CorJT*, mas já pode ser encontrado no *Portuguese Web 2023* (5 ocorrências) em textos especializados. *Oásis alimentar* também compartilha os mesmos domínios fonte e alvo.

Nesse contexto, conseguimos afirmar que essas UFs são metafóricas. A seguir, na Figura 37, ilustramos como essas unidades podem ser classificadas conforme a proposta de Pamies Bertrán (2002).

FIGURA 37 - Análise de unidades com a meta: acesso a alimentos



Fonte: A autora.

Uma vez que suas classificações podem ser realizadas a partir da ideia de quantidade e qualidade dos alimentos disponíveis em cada *ambiente alimentar* (outra UF que em si mesma não é metafórica, mas assinala para um campo metafórico subjacente, e também sinaliza para o mesmo modelo icônico); e esse ambiente é qualificado a partir de suas características compartilhadas de paisagens, que se torna o modelo icônico. Segundo Pamies Bertrán (2002), podemos incluir domínios como “fenômenos climáticos” ou “objetos” se eles forem produtivos e quase universais. A noção de paisagem (deserto, pântano) é uma experiência humana

compartilhada que serve de base para o modelo. O modelo [PAISAGEM] é subdividido pela qualidade da sobrevivência que o ambiente oferece como: ESCASSEZ É ARIDEZ em *deserto alimentar*, a falta de recursos vitais é mapeada como algo árido, relacionando-se à paisagem do deserto por este sentido; ABUNDÂNCIA NEGATIVA em *pântano alimentar*, ou seja, a abundância de algo ruim (alimentos ultraprocessados) não é vista como fertilidade, mas como um terreno difícil, estagnado ou perigoso (pântano); e ABUNDÂNCIA POSITIVA em *oásis alimentar*, a abundância de recursos é vista como uma fonte de água (vida) no deserto, ou seja, um oásis.

4.1.2 O verbo “alimentar” no CorJT

Tanto no *CorJT* quanto no *Portuguese Web 2023* encontramos várias ocorrências da combinação entre o verbo *alimentar* + complemento resultando em inúmeras colocações de caráter metafórico. Nesse sentido, nos pareceu natural, diferente da subseção anterior, começar essa subseção com a descrição dessa combinação no *corpus* de referência, para então passar à descrição e análise das UFs encontradas no *corpus* de estudo.

Ao buscarmos a combinação entre o verbo *alimentar* e seus complementos no *ptTenTen23*, identificamos um conjunto expressivo de ocorrências marcadas por uso metafórico, como podemos ver na Figura 38, a seguir. A busca simples por *alimentar o* no concordanciador resultou em mais de 346 mil ocorrências (17,28 por milhão), o que revela não apenas a produtividade morfossintática da combinação, mas também sua recorrência em textos variados. A estrutura da busca incluiu variações flexionadas do verbo (*alimentar*, *alimentando*, *alimentavam*, *alimentam* etc.) e artigos definidos em diferentes formas e contrações (*o*, *a*, *do*, *da*, *no*, *nas* etc.), o que resultou em uma amostra representativa do uso corrente.

FIGURA 38 - Resultados da busca por *alimentar o* no *ptTenTen23*

ão de formação convidou o presidente de uma empresa do sector	alimentar da	Tailândia "DOFOOD", Sr. David Lau, o co-fundador da empresa Di
alimentar, proporcionar periodicamente formação sobre segurança	alimentar aos	trabalhadores, auxiliar o sector a elevar o nível de segurança alime
equipa. [...]38_milhões de pessoas à beira da insegurança	alimentar na	CEDEAOCerca de trinta_e_oito_milhões de pessoas, entr
o conjunto, discutir estratégias para controlar patógenos de origem	alimentar nos	mercados", salientou.O coordenador da iniciativa, Dr. Hern
o mercado nacional, factor que concorre para o equilíbrio da dieta	alimentar dos	Angolanos.O vice-presidente da Associação Nacional de F
a fomalha.À frente desta está um homem encarregado de	alimentar a	fogueira e controlar a intensidade do fogo.Também são inc
mente e parte já está passando por um processo de digitalização,	alimentando os	instrumentos de pesquisa e as formas rápidas e seguras de consu
de, apoiar as outras autoridades competentes que atuam no setor	alimentar na	identificação de medidas de gestão de risco, para prevenir e minir
Colaborar com os restantes serviços municipais fornecendo apoio	alimentar no	âmbito dos projetos que incluam essa vertente;f) Dinamiza
formação na área da hotelaria, restauração e higiene e segurança	alimentar nos	estabelecimentos do município;h) Elaborar a carta aliment
tar nos estabelecimentos do município;h) Elaborar a carta	alimentar do	município;i) Fornecer alimentação aos trabalhadores muni

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

A análise dos dados por meio da ferramenta *Collocations* revelou que os colocados mais frequentes à direita de *alimentar o* têm forte tendência a representar conceitos abstratos,

instituições, sentimentos ou estados emocionais. O padrão observado sugere a prevalência de usos metafóricos em que *alimentar* não se refere à ingestão literal de comida, mas à intensificação, manutenção ou estímulo de processos simbólicos. Entre os principais colocados observados, destacamos os itens: esperança, ego, alma, ilusão, ódio e sonho. Esses evidenciam o modo como o verbo é mobilizado para construir imagens conceituais em que forças abstratas são tratadas como entidades passíveis de serem nutridas ou reforçadas.

FIGURA 39 - Resultado colocados para *alimentar o*

	Word	Cooccurrences ?	Candidates ?	LogDice ↓
1	☐ esperança	3,779	953,140	6.57 ...
2	☐ ego	1,147	158,780	6.22 ...
3	☐ gado	1,236	204,698	6.20 ...
4	☐ alma	3,053	1,106,635	6.11 ...
5	☐ peixes	1,724	493,260	6.07 ...
6	☐ filhotes	996	174,255	5.97 ...
7	☐ famintos	621	25,760	5.77 ...
8	☐ ilusão	937	225,217	5.75 ...
9	☐ ódio	1,197	386,383	5.74 ...
10	☐ animais	3,802	2,150,227	5.64 ...
11	☐ sonho	2,363	1,281,328	5.57 ...
12	☐ rebanho	585	117,617	5.37 ...
13	☐ seiva	464	22,117	5.37 ...
14	☐ imaginação	834	333,332	5.33 ...
15	☐ imaginário	647	181,264	5.33 ...

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

Os dados encontrados no *Portuguese Web 2023* reforçam a hipótese de que o campo lexical da alimentação oferece um repositório fértil para a formação de metáforas ontológicas, nas quais ações originalmente *corporais* e concretas, como *alimentar-se*, são transferidas para domínios mais abstratos. Essa produtividade metafórica observada no *corpus* de referência serve como pano de fundo importante para a análise das unidades selecionadas no *CorJT*, uma vez que sugere uma convencionalidade desses usos e, ao mesmo tempo, revela como determinadas formas verbais podem ser estrategicamente utilizadas para construir significados ideológicos em textos de diferentes gêneros.

No Quadro 10, a seguir, estão agrupados os resultados do *CorJT* para a busca *alimentar o*, que percebemos potencial fraseológico, e, principalmente, metafórico. A maior parte desses resultados são ocorrências únicas no *CorJT*, no entanto, todas são encontradas também no *Portuguese Web 2023*.

QUADRO 10 – Domínio conceitual: crescimento

Fragmentos de texto	UF	Classificação
A discriminação contra as pessoas LGBTI alimenta a espiral de violência [...] (180604MN)	alimentar a espiral de violência	Colocação
[...] começaram a alimentar a rede ilícita de distribuição criada na década anterior (201117LS)	alimentar a rede ilícita	Colocação
Planos de aposentadoria nos Estados Unidos alimentam a destruição da Floresta Amazônica (211126AF)	alimentar a destruição	Colocação
Mais do que encher barriga, essa é a comida que alimenta a ancestralidade indígena . (200825MM)	alimentar a ancestralidade	Colocação
[...] com o objetivo principal de alimentar a indústria que o utiliza para fabricar outras mercadorias [...] (210222GZ)	alimentar a indústria	Colocação
O órgão alimenta a visão de que mais concentração é algo positivo para a sociedade [...] (210324JPVM)	alimentar a visão	Colocação
[...] líder do partido na Câmara e alimenta o sonho de se eleger governador ou senador [...] (211203MM)	alimentar o sonho	Colocação
[...] serve para alimentar a voracidade do setor por benefícios fiscais [...] (220627LF)	alimentar a voracidade do setor	Colocação
A ideia de que o Brasil alimenta o mundo é muito cara ao agronegócio. (210818MH) O primeiro deles diz que "o Brasil alimenta o mundo" – e não tem confirmação científica [...] (210909MH) A ideia de que "o Brasil alimenta o mundo" serve para atrair dinheiro [...] (211129PC) [...] é falsa a ideia de que o Brasil alimenta o mundo, mas essa construção retórica [...] (211123JPCA) O falso discurso de que "o Brasil alimenta o mundo" ajuda a legitimar violações [...] (211126RD1) [...] a ideia mobilizada pelo agronegócio de que "o Brasil alimenta o mundo" tem como elemento central a exportação de soja e milho. (220406CA)	o Brasil alimenta o mundo	Slogan

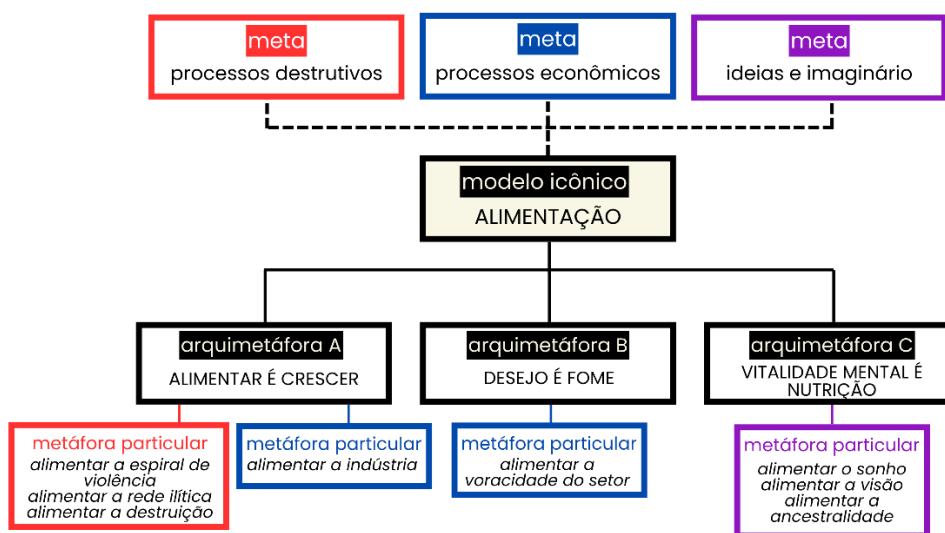
Fonte: Dados da pesquisa.

Quando olhamos para as UFs do quadro acima, observamos que a produtividade metafórica do verbo *alimentar* se confirma e se intensifica em contextos discursivos voltados à crítica social, ambiental ou econômica. Todas as unidades, com exceção do slogan “o Brasil alimenta o mundo”, foram classificadas como colocações, pois essa classificação nos pareceu a mais coerente com a tipologia de Corpas Pastor (1996), já que tratam de combinações

coocorrentes que mantêm certa estabilidade e revelam compatibilidade semântica específica, ainda que não sejam cristalizadas como locuções fixas.

As unidades do Quadro 10, ilustra um dos pontos centrais da teoria de Pamies Bertrán (2002): a reutilização do mesmo modelo icônico [ALIMENTAÇÃO] para estruturar diferentes domínios da experiência (metas). Para essas colocações, a alimentação é domínio fonte, que serve para explicar conceitos muito diversos (violência, indústria, sonhos).

FIGURA 40⁴⁶ - Modelo icônico ALIMENTAÇÃO



Fonte: A autora.

A partir do modelo de Pamies Bertrán (2002), pudemos classificar as unidades do Quadro 10, com exceção do slogan. A base de todas as unidades metafóricas do quadro é a experiência biológica de ingerir nutrientes para sobreviver e crescer. O Pamies Bertrán (2002, p. 17) defende explicitamente a inclusão de conceitos fisiológicos como comer, beber e dormir na lista de domínios fonte, pois são “conceitos emergentes por seu caráter experiencial”⁴⁷. A Figura 40 foi organizada ao redor do modelo icônico predominante, do processo fisiológico da alimentação, projetado sobre fenômenos abstratos que, ao serem “alimentados”, ganham força, continuidade ou legitimidade.

Como mostra a Figura 40, acima, analisamos como esse modelo [ALIMENTAÇÃO] é projetado em diferentes metas (os domínios alvos da metáfora). No caso das unidades analisadas pudemos dividi-las em três arquimetáforas. No primeiro grupo, estão agrupadas unidades sob a arquimetáfora ALIMENTAR É CRESCER. Nesse caso, o domínio meta são processos (sociais ou físicos) que precisam de combustível para continuar existindo ou aumentando, ou

⁴⁶ Note que as cores da figura fazem a conexão entre as metas e as metáforas particulares.

⁴⁷ No original: “son conceptos emergentes por su carácter experiencial”.

seja, a comida é vista como recurso energético. Para a meta de processos destrutivos temos as metáforas particulares nas UF's: *alimentar a espiral de violência*; *alimentar a rede ilícita*; *alimentar a destruição*. Para a meta processos econômicos, há a metáfora particular *alimentar a indústria*. A lógica é a expansão da existência. Assim como um corpo precisa de comida para crescer, a violência, a rede ilícita, a destruição e a indústria precisam se alimentar para, também, crescer. No caso de “alimentar a indústria”, a metáfora adquire um tom mais ideológico, uma vez que atribui ao agente social que fornece matéria-prima um papel de sustentação a um sistema econômico mais amplo. A indústria, nesse sentido, é metaforicamente representada como um organismo que depende da nutrição constante para operar — ou seja, a imagem do processo fisiológico reforça a crítica à lógica produtivista.

No segundo grupo, agrupamos as unidades relacionadas à arquimetáfora VITALIDADE MENTAL É NUTRIÇÃO. Aqui, o domínio meta são conceitos abstratos, cognitivos ou culturais e a alimentação não é apenas combustível bruto, mas algo que dá “vida” ou “força” a uma ideia. A meta são ideias e imaginário, e as metáforas particulares: *alimentar o sonho*; *alimentar a visão*; e *alimentar a ancestralidade*, entendida como uma memória cultural, que é um corpo vivo que precisa de ritos/lembrança para não definhir.

No último grupo temos a arquimetáfora DESEJO É FOME, cuja realização é ligeiramente diferente. Na unidade analisada temos *alimentar a voracidade do setor*, nesse caso, a expressão “voracidade” invoca explicitamente um apetite animal ou descontrolado e ocorre uma dupla projeção. Primeiro, o “setor” é personificado, dentro do modelo icônico [ANIMAL]. Depois, junta-se o modelo icônico [ALIMENTAÇÃO]. A ênfase não está na sobrevivência, mas na satisfação de um instinto agressivo (voracidade).

4.1.2.1 O Brasil alimenta o mundo: apropriação crítica de um slogan hegemônico

Entre todas as unidades fraseológicas identificadas na busca por *aliment**, o enunciado “o Brasil alimenta o mundo” destaca-se por sua natureza particular: trata-se de um slogan publicitário-ideológico do agronegócio brasileiro que é sistematicamente apropriado, desconstruído e ressignificado pelo *Joio*. Diferentemente das UFEs técnico-científicas analisadas anteriormente, ou das colocações metafóricas convencionais, esse enunciado representa um caso de metáfora hegemônica contestada. Ele é uma fórmula discursiva que circula amplamente no espaço público como verdade naturalizada e que o veículo jornalístico submete à crítica sistemática.

Classificamos “o Brasil alimenta o mundo” como slogan (Corpas Pastor, 1996), uma subclasse das parêmiias caracterizada por sua função persuasiva, autoria reconhecível (ainda

que coletiva) e circulação estratégica em contextos de disputa simbólica. Segundo Corpas Pastor (1996, p. 162), slogans são “enunciados breves, de forte impacto, usados para fins persuasivos”, frequentemente mobilizados em campanhas publicitárias, políticas ou ideológicas. No caso em análise, o slogan sintetiza a narrativa central do agronegócio brasileiro sobre seu papel no cenário global: o país como provedor altruísta de alimentos para uma humanidade faminta.

No *CorJT*, o slogan aparece 8 vezes (5,16 por milhão) em textos publicados entre março de 2019 e abril de 2022, sempre entre aspas ou acompanhado de qualificadores críticos. Apenas uma ocorrência (190320GZ) apresenta o slogan em discurso direto de fonte externa sem contestação imediata no fragmento citado. As outras sete ocorrências seguem o padrão de citação-para-desconstrução: o slogan é evocado explicitamente como objeto de crítica, não como premissa aceita.

A distribuição temporal das ocorrências revela um dado significativo, após a ocorrência isolada de 2019, ele é retomado somente em agosto de 2021, quando reaparece e se concentra em um grupo de 6 ocorrências entre agosto/2021 e abril/2022. Esse período coincide com: i. intensificação do desmatamento na Amazônia e no Cerrado durante o governo Bolsonaro; ii. debates sobre o “Pacote do Veneno”; iii. alta nos preços de alimentos e retorno do Brasil ao Mapa da Fome; iv. negociações do acordo Mercosul-União Europeia, nas quais o agronegócio mobilizou intensamente a narrativa de “provedor global” para pressionar pela aprovação.

Esse agrupamento temporal sugere que o *Joio* identificou o slogan como núcleo discursivo da ofensiva simbólica do agronegócio em momento de crise de legitimidade, e respondeu com uma série editorial dedicada a desmontá-lo sistematicamente. Três das ocorrências aparecem explicitamente conectadas: os textos 211126RD1 e 211229PC são apresentações de episódios da série “Muito além da porteira” no *podcast* Prato Cheio, enquanto 211123JPCA faz referência cruzada a reportagens anteriores (“como mostramos no Joio”). Isso confirma estratégia editorial, não uso ocasional.

Do ponto de vista da metáfora, “*o Brasil alimenta o mundo*” tem como meta a exportação agrícola e mobiliza o modelo icônico [ALIMENTAÇÃO] como vimos para as unidades anteriores, mas nesses casos ele vem acompanhado, se tornando um modelo icônico [ALIMENTAÇÃO] + [PESSOA]. A arquimetáfora acionada aqui é FORNECER RECURSOS É NUTRIR, atribuindo ao Brasil um papel de maternagem sobre o mundo. Ou seja, o Brasil é conceptualizado como agente capaz de realizar a ação de alimentar. A lógica projeta a dependência biológica sobre a dependência econômica. A dinâmica que acontece aqui é o “Brasil” ocupa o papel de cuidador e o “mundo” ocupa o papel de dependente. Essa

personificação obscurece a heterogeneidade de atores sociais envolvidos na produção agrícola (agricultura familiar, povos indígenas, camponeses, trabalhadores rurais, *corporações* transnacionais) e concentra agência simbólica no Estado-nação ou, por metonímia, no setor do agronegócio que se autointitula representante legítimo dessa identidade nacional. “O Brasil” substitui metonimicamente “o agronegócio brasileiro”, que por sua vez substitui “grandes *corporações* do setor de commodities agrícolas”. A ação de “alimentar o mundo” evoca um enquadramento de nutrição altruísta, em que um corpo forte e generoso provê sustento a outros mais vulneráveis. Essa projeção metafórica constrói o Brasil como doador benevolente, obscurecendo as relações comerciais assimétricas, a concentração de lucros e os impactos socioambientais da produção voltada à exportação.

A potência ideológica do slogan reside precisamente em sua aparente literalidade. Trata-se, afinal, de alimentos sendo de fato produzidos e enviados para outros países. No entanto, a metáfora opera deslocando a atenção do que é exportado, para quem, a que custo e com que finalidade, substituindo essas questões por uma imagem de benevolência nacional inquestionável. A análise qualitativa das ocorrências no *CorJT* mostra como o jornalismo da equipe busca desqualificar a ideia apresentada. Em cinco das oito ocorrências, ele é precedido ou seguido por marcadores metalinguísticos que explicitam seu caráter de construção retórica falsa:

- viii.[...] *é falsa a ideia* de que o Brasil alimenta o mundo, mas essa construção retórica [...] (211123JPCA)
 - ix.[...] *O falso discurso* de que 'o Brasil alimenta o mundo' ajuda a legitimar violações [...] (211126RD1)
- (Fragmentos textuais retirados do *CorJT*)

Além de desqualificar a veracidade do slogan, o *Joio* explicita sua instrumentalidade estratégica mediante verbos de finalidade:

- x.[...] *serve para justificar subsídios públicos* e atrair investimentos privados [...] (211123JPCA)
 - xi.[...] *serve para atrair dinheiro* e evitar qualquer explicação sobre o agravamento do cenário de fome [...] (211229PC)
- (Fragmentos textuais retirados do *CorJT*)

A formulação em 211229PC é mais categórica, estabelecendo relação causal entre o slogan e o silenciamento sobre a fome doméstica. Assim, para o jornal, a narrativa de que “*o Brasil alimenta o mundo*” funciona como cortina de fumaça que impede o questionamento sobre porque, afinal, brasileiros passam fome em um suposto “celeiro do mundo”. A contradição, entre exportar comida enquanto a população doméstica enfrenta insegurança alimentar, é precisamente o que o slogan obscurece, e o que o *Joio* logra visibilizar.

No *corpus* de referência, o enunciado exato aparece 18 vezes (menos de 0,01 por milhão), frequência absoluta baixa que sugere três possibilidades não-excludentes: i. o slogan circula mais em formas parafraseadas (“o Brasil é o celeiro do mundo”, “o agro brasileiro alimenta o mundo”) do que na formulação aqui discutida; ii. seu uso concentra-se em gêneros sub-representados ou não incluídos no *ptTenTen23*, como programas de TV e material audiovisual; (c) ele se confunde socialmente com outros slogans do agronegócio brasileiro popularizados pela TV nos anos 2000, como “o agro é pop”.

Em nenhuma das 18 ocorrências do *ptTenTen23* o slogan aparece contestado, modalizado ou entre aspas distanciadoras. Apesar da baixa ocorrência, podemos dizer que esse dado nos aponta para a existência de uma circulação hegemônica, ou seja, fora de espaços de jornalismo crítico como o *Joio*, onde o enunciado circula como verdade naturalizada, não como objeto de disputa. Essa assimetria quantifica o que significa ser contra-hegemônico no campo discursivo. Assim, retomando nossa hipótese, podemos dizer que o *Joio* produz enquadramentos alternativos em explícito confronto com enquadramentos dominantes que circulam sem contestação sistemática.

4.1.3 O substantivo “alimento” no CorJT

A análise das colocações com o substantivo *alimento* revela padrões distintivos entre o *CorJT* e o *ptTenTen23*, tanto quantitativamente quanto qualitativamente. Enquanto no *corpus* de referência *alimento* aparece 2.372.736 vezes (118,37 por milhão), no *CorJT* registramos 3.625 ocorrências (2.336,37 por milhão), ou seja, ocorrência de quase 20 vezes maior no *corpus* de estudo. Essa discrepância quantitativa inicial reconfirma a centralidade temática do item no discurso jornalístico especializado do *Joio*.

Mais revelador, porém, é o exame dos colocados que modificam *alimento(s)* nos dois *corpora*. Os dados das ferramentas *Collocations* do Sketch Engine para ambos os *corpora* (Figuras 41 e 42) mostram não apenas diferenças de frequência, mas sobretudo diferenças qualitativas que apontam para enquadramentos conceituais distintos sobre a alimentação.

FIGURA 41 - Resultado colocados para *alimento* no *CorJT*

	Word	Cooccurrences ?	Candidates ?	T-score	MI	LogDice ↓
1	☐ ultraprocessados	269	1,299	16.20	6.34	10.71 ***
2	☐ in	143	265	11.90	7.72	10.11 ***
3	☐ dos	310	7,379	16.53	4.04	9.81 ***
4	☐ de	2,011	69,904	40.85	3.49	9.80 ***
5	☐ saudáveis	86	436	9.15	6.27	9.32 ***
6	☐ os	246	9,977	14.06	3.27	9.17 ***
7	☐ frescos	66	81	8.10	8.31	9.06 ***
8	☐ (	116	6,637	9.19	2.77	8.48 ***
9	☐ desses	41	449	6.22	5.16	8.25 ***
10	☐ orgânicos	35	193	5.83	6.15	8.11 ***
11	☐ e	316	34,559	12.80	1.84	8.07 ***
12	☐ processados	33	213	5.65	5.92	8.01 ***
13	☐ nos	49	2,468	6.10	2.96	7.96 ***
14	☐ industrializados	29	95	5.34	6.90	7.87 ***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

FIGURA 42 - Resultado colocados para *alimento* no *ptTenTen23*

	Word	Cooccurrences ?	Candidates ?	T-score	MI	LogDice ↓
1	☐ ricos	39,164	408,394	197.65	9.66	8.84 ***
2	☐ saudáveis	30,135	426,509	173.30	9.22	8.46 ***
3	☐ processados	15,068	91,311	122.66	10.44	7.64 ***
4	☐ orgânicos	14,704	181,059	121.08	9.42	7.55 ***
5	☐ industrializados	12,736	73,400	112.78	10.51	7.41 ***
6	☐ gordurosos	9,190	21,453	95.84	11.82	6.97 ***
7	☐ certos	11,213	626,893	105.19	7.23	6.93 ***
8	☐ frescos	8,977	93,917	94.63	9.65	6.89 ***
9	☐ comer	12,609	1,162,098	111.06	6.51	6.86 ***
10	☐ consumir	9,203	305,474	95.55	7.99	6.81 ***
11	☐ integrais	6,935	83,195	83.16	9.45	6.53 ***
12	☐ ingerir	6,972	122,287	83.32	8.91	6.51 ***
13	☐ naturais	9,599	1,101,397	96.64	6.20	6.50 ***
14	☐ sólidos	6,536	208,789	80.54	8.04	6.37 ***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

No Quadro 11, a seguir, apresentamos as principais colocações identificadas no *CorJT* com exemplos de seus contextos de uso, seguidas de análise comparativa sistemática e classificação fraseológica.

QUADRO 11 – Resultados de colocações com *alimento*

Fragmentos de texto	UF
Uma vez que conseguimos olhar para esse ambiente do ponto de vista da disponibilidade de alimentos ultraprocessados e da disponibilidade de alimentos in natura, a gente consegue dialogar com outras áreas e fazer uma intersetorialidade para tentar promover espaços mais saudáveis. (220224NI)	alimento(s) ultraprocessado(s)

Esse estudo sugere que o NutriScore pode ser mais efetivo que as advertências para identificar alimentos saudáveis , e menos eficiente para identificar alimentos menos saudáveis. Então, de fato, ainda é cedo para tirar uma conclusão. (180515JP)	alimento(s) saudável(is)
Pesquisador realiza um forte cruzamento de dados para expor como dieta neoliberal barateou produtos de baixa qualidade e dificultou acesso a alimentos frescos , em especial nos países pobres (190805JP)	alimento(s) fresco(s)
Márcio diz que mais importante do que a relação de produção e consumo de alimentos orgânicos , é o vínculo de confiança que se estabelece entre as duas pontas da cadeia. (200813NI)	alimento(s) orgânico(s)
[...] a definição de um modelo de rotulagem nutricional frontal de alimentos processados e ultraprocessados. (171109JP)	alimento(s) processado(s)
E esse código proíbe o nutricionista de fazer propaganda de alimentos industrializados , ultraprocessados ou qualquer tipo de alimento. (210629TM)	alimento(s) industrializado(s)

Fonte: Dados da pesquisa.

Todas as unidades do Quadro 11 são classificadas como colocações do tipo substantivo (base) + adjetivo (colocado), seguindo a tipologia de Corpas Pastor (1996, p. 66-76). Essa classificação se justifica pelos seguintes critérios: todas são formadas por, no mínimo, dois elementos lexicais (substantivo + adjetivo); tem fixação interna moderada, já que admitem variações de número (alimento/alimentos) e, em alguns casos, leves modificações estruturais sem perda de sentido. A ordem, no entanto, é fixa: não ocorrem inversões como **ultraprocessado alimento* ou **saudável alimento*. Diferentemente de locuções ou expressões idiomáticas, o significado dessas colocações é, em larga medida, composicional, ou seja, pode ser inferido a partir do sentido de seus componentes. *Alimento ultraprocessado* refere-se literalmente a um alimento que passou por ultraprocessamento. No entanto, como discutiremos adiante, há graus variados de especialização semântica entre essas unidades.

A análise quantitativa revela disparidades expressivas na distribuição dos colocados adjetivais de *alimento* entre os dois *corpora*. Os cálculos de frequência relativa e a razão entre *CorJT/ptTenTen23* mostram que as colocações do *CorJT* têm uma sobre-representação que vai de extrema, alta e moderada. Por exemplo, *alimentos ultraprocessados* é 702 vezes mais frequente no *CorJT*, que no *corpus* de referência. Assim como *alimentos frescos* é 86 vezes mais frequente, e *alimentos básicos* 62 vezes mais frequente no *CorJT*. Outras unidades como *alimentos saudáveis* (37 vezes mais frequente), *alimentos orgânicos* (33 vezes), *alimentos*

industrializados (31 vezes) e *alimentos processados* (31 vezes) ocorrem mais no *CorJT*, porém em números mais moderados.

Esses números revelam um padrão, onde as colocações que designam processos industriais de produção alimentar (*ultraprocessados*, *processados*, *industrializados*) e as que designam características opostas (*frescos*, *orgânicos*, *saudáveis*) são desproporcionalmente mais frequentes no discurso especializado do *Joio* do que em um *corpus* de português de modo geral.

No *ptTenTen23*, os colocados mais fortemente associados a *alimento* (conforme logDice) incluem termos como: *ricos* (logDice 8.85), *gordurosos* (11.82), *certos* (6.94), *crus* (10.76), *contaminados* (9.47), *termogênicos* (10.56). Esses adjetivos revelam um enquadramento mais disperso e menos politizado da alimentação, com ênfase em propriedades nutricionais específicas (*ricos*, *termogênicos*), estados físicos (*crus*, *congelados*) ou riscos sanitários pontuais (*contaminados*). No *CorJT*, os colocados com maior força de associação (maior logDice) são: *ultraprocessados* (10.78), *saudáveis* (9.42), *frescos* (9.14), *orgânicos* (8.23), *processados* (8.00), *industrializados* (8.00) e *básicos* (7.85). Essa lista revela um enquadramento fortemente estruturado em torno de uma oposição binária entre modos de produção alimentar e suas consequências para a saúde pública.

4.1.3.1 A oposição *ultraprocessado* vs *saudável*

A análise das colocações com *alimento* nos permitiu perceber a presença estruturante da metáfora. Nesse caso, a meta é o valor nutricional e o grau de impacto à saúde dos alimentos, para o qual notamos o modelo icônico [DISTÂNCIA], que se desdobra na arquimetáfora AFASTAMENTO É DEGRADAÇÃO ou GRAU DE PROCESSAMENTO É GRAU DE PERIGO. Isso quer dizer que as metáforas particulares se organizam em um continuum, que vai do natural/minimamente processado (polo positivo) ao ultraprocessado/industrial (polo negativo). Elas constroem, portanto, um eixo de valores que permeia todo o discurso sobre alimentação no *Joio*.

Alguns mapeamentos possíveis para tais unidades metafóricas são: a. estado natural ou minimamente processado significa saúde, segurança, bem-estar; b. já processo industrial intensivo está relacionado a doença, risco, degradação; c. quão maior o grau de transformação dos alimentos, maior é grau de periculosidade para saúde; d. ao mesmo tempo, proximidade à origem é qualidade nutricional; e. a manipulação industrial é uma ameaça à saúde pública.

Essa rede de relações metafóricas não é meramente descritiva dos alimentos, mas opera função ideológica central na construção do enquadramento crítico do *Joio* sobre o sistema

alimentar contemporâneo. Podemos perceber como ela se manifesta nas diferentes colocações:

i. no polo negativo (processamento industrial como degradação) temos a unidade *alimento(s) ultraprocessado(s)*. Esta é a colocação com maior sobre-representação proporcional no *CorJT* dentre todas as analisadas com *alimento*. O prefixo intensificador *ultra-* não apenas indica grau extremo de processamento, mas carrega conotação de excesso, ultrapassagem de limites aceitáveis. Nos fragmentos textuais do *CorJT*, *alimentos ultraprocessados* aparecem sistematicamente como agentes de doenças crônicas, obesidade e insegurança alimentar:

- xii.[...] o aumento da prevalência de obesidade decorre da atual configuração dos sistemas alimentares, que privilegiam a produção e o consumo de alimentos ultraprocessados.
- xiii.Esses indicadores integram São Paulo: onde sobra e onde falta comida saudável, um projeto de O Joio e O Trigo, que mapeou o ambiente alimentar na cidade e constatou que nas regiões mais pobres há maior disponibilidade de alimentos ultraprocessados.
(Fragmentos textuais retirados do *CorJT*)

A colocação funciona como termo (baseado na classificação NOVA), mas é mobilizada pelo *Joio* com forte carga política. Não se trata apenas de categoria descritiva, mas de dispositivo conceitual que denuncia um modelo produtivo. Embora menos frequentes que *ultraprocessados*, as colocações *alimentos processados* e *alimentos industrializados* operam função semelhante, marcando graus intermediários no continuum de afastamento do natural.

Por sua vez, a colocação *alimentos saudáveis* (66,39 ocorrências por milhão; 37 vezes mais frequente no *CorJT* quando compara ao *ptTenTen23*) funciona como contraponto direto a ultraprocessados. No *CorJT*, raramente aparece isolada, mas em oposições explícitas:

- xiv.[...] o NutriScore pode ser mais efetivo que as advertências para identificar alimentos saudáveis, e menos eficiente para identificar alimentos menos saudáveis.
- xv.[...] mapeou o ambiente alimentar na cidade e constatou que nas regiões mais pobres há escassez de alimentos saudáveis e maior disponibilidade de alimentos ultraprocessados.
(Fragmentos textuais retirados do *CorJT*)

Já na unidade *alimentos frescos* (43,18 ocorrências por milhão; 86 vezes mais frequente no *CorJT*), o adjetivo evoca temporalidade e proximidade: alimento recém-colhido, não armazenado em processos industriais, não mediado por longas cadeias logísticas. Metaforicamente, frescor é vida, enquanto processamento é morte ou degradação. Assim, *alimentos frescos* não é apenas categoria nutricional, mas marca de um sistema alimentar alternativo ao hegemônico.

- xvi.Pesquisador realiza um forte cruzamento de dados para expor como dieta neoliberal barateou produtos de baixa qualidade e dificultou acesso a alimentos frescos, em especial nos países pobres.
(Fragmento textual retirado do *CorJT*)

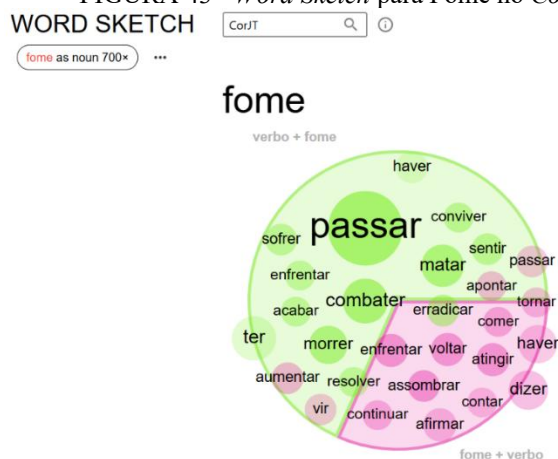
Por sua vez, a colocação *alimentos orgânicos*, tem um adjetivo que evoca ausência de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. Embora apresente razão menor que outras colocações do

polo positivo, sua presença no *CorJT* vincula-se a debates sobre agroecologia, agricultura familiar e soberania alimentar.

4.2 As múltiplas faces da fome

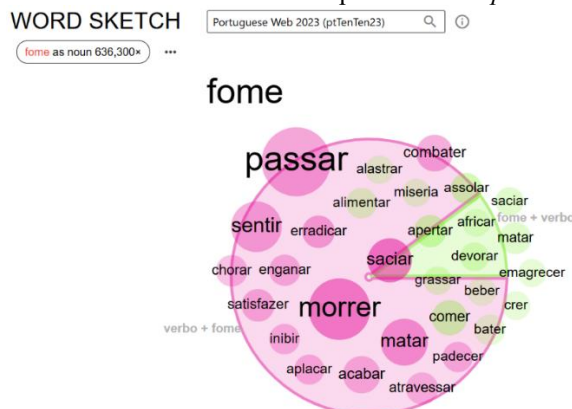
A palavra fome tem 853 ocorrências no *CorJT* (549.77 por milhão de tokens), contra 689.655 ocorrências no *corpus* de referência *ptTenTen23* (34.41 por milhão de tokens), o que significa que tem frequência 16 vezes maior no *corpus* de estudo quando comparado ao *corpus* de referência. Esses números apontam certa importância do tema no discurso do *Joio*, sendo o item *fome* ocupante da 189ª posição da lista de palavras-chave simples do *corpus*. Para compreender os padrões de uso de *fome* no *CorJT*, utilizamos a ferramenta *Word Sketch* do Sketch Engine, configurada para exibir relações entre verbos e o substantivo fome. A análise das colocações com verbos + fome (e fome + verbo) nos permite identificar não apenas o que se diz sobre ela, mas fundamentalmente como ela é conceptualizada e quais ações lhe são atribuídas ou contra ela são direcionadas.

FIGURA 43 - *Word Sketch* para Fome no *CorJT*



Fonte: A autora.

FIGURA 44 - *Word Sketch* para Fome no *ptTenTen23*



Fonte: A autora.

Nas Figuras 43 e 44 acima, verificamos como a fome é conceptualizada em ambos os *corpora* como algo que *se passa*, algo que *se sente*, algo que *se morre de* e de que *se mata*. Para além disso, no *CorJT* fome é algo que *se combate*, *se enfrenta* e que *assombra*.

O Quadro 12, a seguir, agrupa as principais UFs encontradas no *CorJT* que estruturam a fome por meio do domínio fonte da guerra e do confronto. Identificamos expressões como *combater a fome* (10.96 por milhão), *luta contra a fome* (2.58 por milhão), *guerra contra a fome* (0.64 por milhão) e *arma contra a fome* (0.64 por milhão). Embora essas construções não sejam exclusivas do *CorJT*, já que encontramos ocorrências similares no *ptTenTen23*, a frequência relativa é substancialmente maior no *corpus* de estudo.

QUADRO 12 - Domínio conceitual: inimigo

Fragmentos de texto	UF	Classificação
[...] realizar ações que possam combater a fome e desenvolver modelos agrícolas [...] (181017MN) [...] o Estado brasileiro deve tomar para combater a fome e a desnutrição. (190529GZ) [...] além de combater a fome com doação, usa o poder de compra do governo para fomentar [...] (200127LM) É o governo que tem recurso, estrutura, capacidade e, principalmente, a obrigação de combater a fome. (210524MC) [...] criado em 2003 no governo Lula, que fazia parte de uma estratégia para combater a fome [...] (220321AM) [...] naquele momento era aumentar a produtividade para combater a fome. (220916NPLP)	combater a fome	Colocação
O que o fim do conselho de segurança alimentar e nutricional nos diz sobre perseguição ideológica e o risco de o Brasil perder os avanços na luta contra a fome (190117LM) Os impressionantes resultados e avanços obtidos pelo Brasil na luta contra a fome (190228JP) a população de mais baixa renda se mobiliza como pode para garantir o acesso aos produtos sem veneno na periferia, espaço não só marcado pela luta histórica contra a fome [...] (190815AM) [...] estima-se um declínio histórico na luta contra a fome, que já vem aumentando em nível global [...] (200708JD) Mas todos esses esforços do acampamento para contribuir na luta contra a fome e o coronavírus estão sendo atacados. (200708MM)	luta contra a fome	Colocação

[...] sobre como o Brasil venceu o cabo de guerra contra a fome sem se render a uma visão reducionista da alimentação. (210518PC)	vencer o cabo de guerra contra a fome	Enunciado fraseológico
[...] que enxergam o programa como uma arma contra a fome (210622MM)	arma contra a fome	Colocação
[...] a fartura dos Estados Unidos e a guerra contra a fome no Nordeste (220809PC)	guerra contra a fome	Colocação
[...] tenta trazer um alimento saudável para educar também e não somente matar a fome [...] (200715JD) Isso quer dizer que esse direito precisa não só matar a fome [...] (200729NI) Em outros casos, os anúncios na barra de rolagem de uma rede social podem induzir as escolhas para matar a fome . (210208GZ)	matar a fome	Locução verbal
Os alimentos têm dois fins principais: ou são doados para famílias atingidas pela fome , ou são destinados aos armazéns da Conab para formar os chamados estoques estratégicos. (200917JPVM) Nunes é assentada do MST em Alagoas, o estado mais atingido pela fome , com 36,7% de sua população em situação de insegurança alimentar grave, segundo dados da Rede Penssan. (221108MZ)	atingida pela fome	Colocação
Um é estar livre da fome , o outro, é o direito a uma alimentação adequada e saudável. (200729NI)	livre da fome	Colocação

Fonte: Dados da pesquisa.

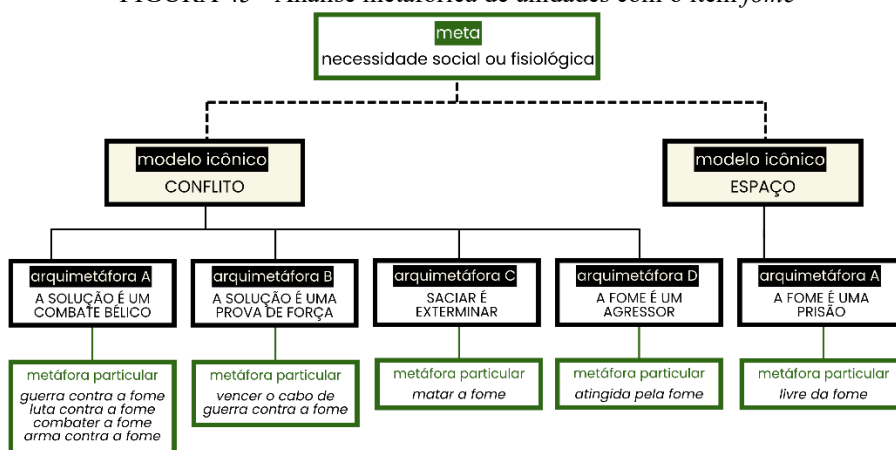
A expressão *combate à fome* exemplifica bem esse padrão: aparece com frequência de 61.23 por milhão no *CorJT*, enquanto no *ptTenTen23* registra apenas 0.87 por milhão, aproximadamente 70 vezes mais frequente no *CorJT*. Esse dado quantitativo, aliado à análise qualitativa dos fragmentos textuais, evidencia que o *Joio* mobiliza o enquadramento bélico para representar as ações voltadas à superação da fome de forma estruturada e relativamente frequente.

Para análise das metáforas, identificamos aqui a meta necessidade social ou fisiológica e os modelos icônicos [CONFLITO] e [ESPAÇO] como base dessas projeções. A partir desse modelo, emergem diversas arquimetáforas, que se desdobra em múltiplas metáforas particulares materializadas nas unidades fraseológicas do *corpus*. Na Figura 45, a seguir, mostramos as relações entre a meta, os modelos icônicos identificados, as arquimetáforas que conseguimos catalogar e as metáforas particulares. Nessa estrutura, o domínio meta necessidade social ou fisiológica da fome é conceptualizado a partir dos modelos icônicos identificados. O modelo do [CONFLITO] emerge de vocábulos como guerra, combate; ele permite que a meta seja compreendida nos termos de um confronto armado. São mapeamentos conceptuais

possíveis dentro deste modelo: a. fome: inimigo/adversário a ser derrotado; fome como agressor; b. ações de combate: políticas públicas, programas sociais; c. agentes: estado, governo, sociedade civil; d. arsenal/armas: recursos públicos, programas governamentais; e. campo de batalha: território nacional, especialmente regiões vulneráveis; f. vitória: erradicação da fome, segurança alimentar.

No entanto, esse confronto armado não é uniforme, mas se desdobra em diferentes arquimetáforas. Para a maioria das UF's agrupadas no Quadro 12, a relação delas está ligada à arquimetáfora A SOLUÇÃO É UM COMBATE BÉLICO. Nessas unidades, a fome é personificada como um exército inimigo ou um oponente ativo que deve ser derrotado através de esforço estratégico ou força bruta.

FIGURA 45 - Análise metafórica de unidades com o item *fome*



Fonte: A autora.

Recorrer à essa arquimetáfora demonstra a não neutralidade do jornal. Uma vez que ao enquadrar a fome como inimigo, o *Joio* naturaliza determinadas respostas institucionais e obscurece outras dimensões do fenômeno. Como argumentam Lakoff e Johnson (1980), metáforas não apenas descrevem a realidade, mas estruturam ativamente nossa compreensão e nossas ações. No caso específico do discurso sobre fome, a modelo icônico de [CONFLITO] pode ter pelo menos dois efeitos discursivos significativos. Primeiro, ela confere urgência e legitimidade às ações governamentais de combate à fome, justificando a mobilização de recursos públicos e a implementação de políticas específicas. Os fragmentos textuais revelam esse enquadramento:

- xvii.[...] realizar ações que possam **combater a fome** e desenvolver modelos agrícolas [...] (181017MN)
 xviii.É o governo que tem recurso, estrutura, capacidade e, principalmente, a obrigação de **combater a fome**. (210524MC)

Segundo, ao posicionar o Estado como agente principal do combate, a metáfora da guerra reforça a responsabilidade pública pela garantia do direito à alimentação, contrapondo-se a enquadramentos que individualizam ou privatizam a questão da fome. Esse enquadramento alinha-se ao posicionamento editorial do *Joio*, que, conforme demonstrado por Romagna (2023), representa a fome fundamentalmente como problema político e estrutural, não como questão individual ou de caridade.

A expressão *vencer o cabo de guerra contra a fome*, embora com baixa frequência (0.64 por milhão), merece destaque por constituir um enunciado fraseológico mais elaborado, que amplia a metáfora básica ao introduzir a ideia de disputa e resistência prolongada. Nesse caso, ainda dentro do modelo icônico de [CONFLITO], mas a arquimetáfora é A SOLUÇÃO É UMA PROVA DE FORÇA. O fragmento textual que contém essa expressão articula explicitamente a superação da fome com a rejeição de “uma visão reducionista da alimentação” (210518PC), sinalizando que o combate à fome, no discurso do jornal, extrapola a mera provisão calórica e abraça dimensões de qualidade, cultura e autonomia alimentar.

Paralelamente à metáfora da guerra, identificamos no *corpus* um segundo padrão conceptual em que a fome assume papel de agente que atinge, afeta ou assola populações. As ocorrências de *atingida pela fome* (3.22 por milhão no *CorJT* contra 0.01 no *ptTenTen23*) exemplificam essa inversão de agência. Nessa estrutura, o modelo icônico [CONFLITO], se operacionaliza por meio da arquimetáfora A FOME É UM AGRESSOR. Os fragmentos textuais evidenciam esse enquadramento:

xix.[...] a oferta de alimentos no mundo precisa crescer 20% nos próximos dez anos para que a população mundial não seja **atingida pela fome**. (190313GZ)

xx.Nunes é assentada do MST em Alagoas, o estado mais **atingido pela fome**, com 36,7% de sua população em situação de insegurança alimentar grave [...] (221108MZ)

Nessa conceptualização, a fome não é apenas problema social a ser resolvido, mas força ativa que atinge, assola, aflige. Esse enquadramento tem implicações importantes para a atribuição de responsabilidades: se a fome é agente, as populações são pacientes, vítimas de uma força que age sobre elas. Charteris-Black (2004), ao analisar metáforas em discursos políticos, demonstra como a personificação de fenômenos abstratos pode tanto mobilizar ação quanto naturalizar situações evitáveis, dependendo do contexto discursivo. No *CorJT*, essa metáfora opera aumentando a tensão criada com a metáfora da guerra. Enquanto A SOLUÇÃO É UM COMBATE BÉLICO enfatiza a agência humana (governos, sociedade) no combate, A FOME É UM AGRESSOR ressalta a urgência e a gravidade da situação, justificando intervenções imediatas. Berber Sardinha (2012) argumenta que a coexistência de múltiplas metáforas sobre um mesmo

domínio alvo não representa inconsistência, mas riqueza conceptual que permite capturar diferentes aspectos de fenômenos complexos.

A colocação *livre de/a fome* introduz um terceiro enquadramento metafórico relevante. Nela, a fome é conceptualizada não como inimigo externo ou agressor, mas como estado de privação ou aprisionamento do qual é necessário libertar-se. O modelo icônico subjacente é [ESPAÇO], que se operacionaliza pela arquimetáfora A FOME É UMA PRISÃO. Os fragmentos textuais mostram que essa expressão aparece predominantemente em contextos institucionais e normativos, frequentemente associada à garantia do direito humano à alimentação:

xxi. É, portanto, consensual a ideia segundo a qual contempla duas dimensões complementares: o direito de cada indivíduo estar **livre de fome** e, ao mesmo tempo, o direito de ter acesso ao alimento saudável. (180802RD)

xxii. Um é estar **livre da fome**, o outro, é o direito a uma alimentação adequada e saudável. (200729NI)

Essa metáfora conecta-se diretamente à tradição dos direitos humanos, especialmente à Declaração Universal de 1948, que estabelece o direito a um padrão de vida adequado, incluindo alimentação. No discurso do *Joio*, conforme evidenciado pelos fragmentos, *livre da fome* não aparece isoladamente, mas sempre articulado com a dimensão qualitativa da alimentação (*alimento saudável*, *alimentação adequada*), reforçando o enquadramento ampliado do direito à alimentação que perpassa todo o *corpus*.

Kövecses (2002) argumenta que metáforas de liberdade/prisão carregam forte carga moral em muitas culturas, ativando valores fundamentais relacionados à dignidade humana. No contexto do *CorJT*, onde se observa posicionamento crítico explícito em relação a estruturas de poder (cf. seção 3.1.3), essa metáfora funciona como ponte entre o problema concreto da fome e seu enquadramento como violação de direitos fundamentais, ampliando a responsabilização ética e política.

A locução verbal *matar a fome* (7.73 por milhão no *CorJT*, 0.51 no *ptTenTen23*) apresenta particularidade interessante. Em princípio, trata-se de expressão idiomática convencionalizada no português brasileiro, e se refere ao ato de saciar a sensação física de fome. No entanto, a análise dos fragmentos textuais do *CorJT* revela deslocamento semântico significativo. Os contextos de uso mostram que *matar a fome* aparece frequentemente em oposições ou contrastes que problematizam a mera saciedade fisiológica:

xxiii. [...] tenta trazer um alimento saudável para educar também e não somente **matar a fome** [...] (200715JD)

xxiv. Isso quer dizer que esse direito precisa não só **matar a fome** [...] (200729NI)

Nesses fragmentos, *matar a fome* representa o mínimo inaceitável, a resposta insuficiente ao problema da alimentação. O *Joio* mobiliza essa expressão precisamente para colocar em evidência concepções mais amplas de direito alimentar, que incluem qualidade nutricional, acesso a alimentos saudáveis, educação alimentar e dimensões culturais da comida. Esse uso revela uma estratégia discursiva do veículo, que recupera uma expressão idiomática de ampla circulação social, mas a ressignifica criticamente no interior de seu enquadramento. Pamies Bertrán (2002) observa que unidades fraseológicas podem manter sua forma fixa enquanto adquirem significados adicionais em domínios discursivos específicos, fenômeno que observamos aqui. Dessa forma, a locução está relacionada ao modelo icônico [CONFLITO], mas é realizada por uma arquimetáfora própria onde SACIAR É EXTERMINAR. O uso crítico de *matar a fome* no *CorJT* exemplifica esse processo. Afinal, é uma expressão convencionalmente neutra que recontextualizada marca insuficiência, operando como opositor ao que o veículo defende como segurança alimentar.

No Quadro 13, a seguir, estão UFs que enquadrados no domínio conceitual da economia. Primeiro, as construções *cassino da fome* (1.29 por milhão) e *indústria da fome* (1.29 por milhão, contra 0.01 no *ptTenTen23*) introduzem enquadramento que denuncia a mercantilização e a instrumentalização econômica da fome. O fragmento “*Conheça o cassino da fome em Wall Street, onde os donos do dinheiro apostam seu prato*” (211125DS) articula explicitamente a fome com especulação financeira, projetando o domínio dos jogos de azar sobre a questão alimentar.

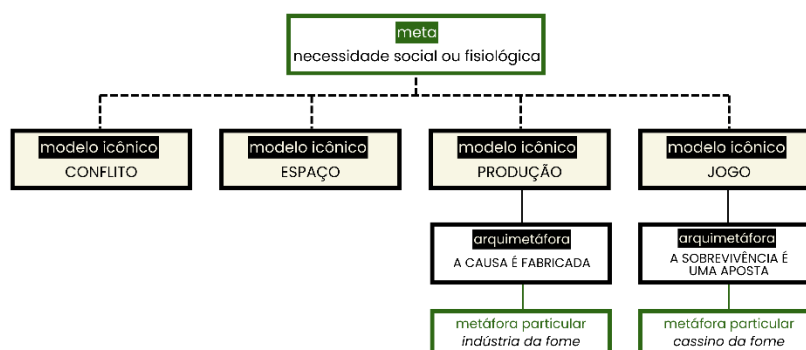
QUADRO 13 - Domínio conceitual: economia

Fragmentos de texto	UF	Classificação
Conheça o cassino da fome em Wall Street, onde os donos do dinheiro apostam seu prato. (211125DS)	cassino da fome	Colocação
[...] investigam a construção da indústria da fome . (220809PC) [...] estereótipos em torno do Nordeste e de uma antiga atividade econômica: a " indústria da fome ". (220816PC)	indústria da fome	Colocação

Fonte: Dados da pesquisa.

Essas metáforas particulares surgem de modelos icônicos como [PRODUÇÃO] e [JOGO]. Na Figura 46, a seguir, conseguimos ver como essas metáforas se estruturam.

FIGURA 46 - Modelos icônicos [PRODUÇÃO] e [JOGO]



Fonte: A autora.

A colocação *indústria da fome*, ocorre dentro da arquimetáfora A CAUSA É FABRICADA consegue denunciar atores que lucram com a perpetuação da fome, inovando os enquadramentos anteriores: se nas metáforas da guerra a fome é inimigo a ser derrotado, aqui ela é recurso a ser explorado economicamente. A arquimetáfora dita que a fome não simplesmente “acontece”, mas sim que ela é “produzida” ou “fabricada” por alguém, dessa maneira, existe uma intencionalidade e um sistema mecânico por trás do fenômeno. Por outro lado, *cassino da fome* reforça essa concepção a partir de outra perspectiva. A colocação refere-se à especulação financeira sobre alimentos e a imagem projetada diz respeito a lógica do jogo de azar sobre a sobrevivência. Assim, o acesso ao alimento não segue uma lógica de necessidade (biológica), mas uma lógica de sorte/azar e ganho financeiro (lúdica/econômica).

A análise das UFs e metáforas associadas a *fome* no *CorJT* revela sistema conceptual complexo e multidimensional.

A partir de um único domínio meta: a necessidade social ou fisiológica, desdobramos uma rede articulada de modelos icônicos e arquimetáforas que simultaneamente enquadram a fome como: i. inimigo a ser combatido no modelo [CONFLITO], enfatizando responsabilidade estatal e ação política; ii. agressor que atinge populações, modelo [CONFLITO], ressaltando urgência e gravidade; iii. privação de liberdade com o modelo [ESPAÇO], conectando ao discurso de direitos humanos; iv. como produto/mercadoria dentro dos modelos de [PRODUÇÃO] e [JOGO], denunciando exploração e especulação.

Essa multiplicidade não representa inconsistência, mas riqueza estratégica. Como argumenta Castells (2009), enquadramentos mentais eficazes não dependem de univocidade, mas de capacidade de ativar múltiplas dimensões experienciais e valorativas. No caso do *Joio*, a articulação dessas metáforas permite ao veículo mobilizar emocionalmente o leitor, resgatar normas/direitos/leis e denunciar estruturalmente.

Romagna (2023) identificou duas formações discursivas principais no *Joio* sobre fome, para a autora se destacaram as construções “fome como problema político” e “fome como experiência cotidiana”. Nossa análise complementa esses achados ao revelar os mecanismos linguístico-cognitivos específicos pelos quais essas representações são construídas. As metáforas da guerra, da privação e da mercantilização estruturam discursivamente a fome como problema político; as metáforas do agressor e da insuficiência fisiológica aproximam-na da experiência vivida.

Finalmente, cabe observar que todas as estruturas metafóricas identificadas convergem para um enquadramento crítico-estrutural da fome, alinhado ao posicionamento editorial do *Joio* (como discutimos na seção 3.1.3). Não encontramos no *corpus* enquadramentos que naturalizem a fome, que a representem como inevitável ou que responsabilizem indivíduos por sua própria situação de insegurança alimentar. Ao contrário, o sistema fraseológico-metafórico do *CorJT* constrói sistematicamente a fome como fenômeno político, economicamente determinado e eticamente inaceitável, uma representação que, não apenas descreve, mas ativamente constitui formas específicas de compreender e agir sobre o problema.

4.3 Comida e adoecimento

A busca pelo item *comida* no *CorJT* revelou 773 ocorrências, o que corresponde a 498,21 ocorrências por milhão de palavras. No *corpus* de referência (*ptTenTen23*), o item aparece 1.187.928 vezes, com frequência relativa de 59,26 por milhão. Esses dados indicam uma densidade relativa aproximadamente oito vezes maior no *CorJT*, o que confirma que, embora *comida* seja um substantivo comum na língua, seu uso no *corpus* de estudo é tematicamente concentrado e discursivamente especializado. Essa especialização não se dá através de UFEs, como ocorre com *alimento*, mas pela forma como *comida* é sistematicamente mobilizada para qualificar, avaliar e problematizar sistemas alimentares.

A análise dos colocados de *comida* no *CorJT*, na Figura 47, revela um padrão altamente regular, que pode ser contrastado com os resultados do *corpus* de referência. Os principais colocados à direita do item, ordenados por valor de logDice, são: *saudável* (10,45), *ultraprocessada* (8,38), *porcaria* (8,17), *congelada* (7,70) e *industrializada* (7,39). Esses dados mostram que o comportamento combinatório de *comida* é fortemente dominado por adjetivos qualificadores.

FIGURA 47 - Resultados colocados com *comida* no *CorJT*

	Word	Cooccurrences ?	Candidates ?	LogDice ↓
1	☐ saudável	55	518	10.45 ***
2	☐ ultraprocessada	8	15	8.38 ***
3	☐ porcaria	7	25	8.17 ***
4	☐ in	9	265	8.15 ***
5	☐ congelada	5	13	7.70 ***
6	☐ ?	15	2,037	7.45 ***
7	☐ industrializada	4	8	7.39 ***
8	☐ servida	3	10	6.97 ***
9	☐ estragada	3	12	6.97 ***
10	☐ distribuída	3	15	6.96 ***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

No *corpus* de referência, Figura 48, embora os colocados mais frequentes também sejam adjetivos qualificadores, esses são muito distintos como: *típicas* (9.04), *caseira* (7.95), *típica* (7.78), *japonesa* (7.75) e *deliciosa* (7.21); revelando um enquadramento predominantemente cultural, identitário ou sensorial.

FIGURA 48 - Resultados colocados com *comida* no *ptTenTen23*

	Word	Cooccurrences ?	Candidates ?	LogDice ↓
1	☐ típicas	21,476	145,946	9.04 ***
2	☐ caseira	9,555	82,479	7.95 ***
3	☐ típica	9,263	196,082	7.78 ***
4	☐ japonesa	9,291	230,883	7.75 ***
5	☐ deliciosa	6,156	175,074	7.21 ***
6	☐ italiana	4,281	279,495	6.58 ***
7	☐ saudável	5,931	910,893	6.53 ***
8	☐ mexicana	3,289	76,273	6.41 ***
9	☐ gostosa	3,648	235,022	6.39 ***
10	☐ chinesa	3,647	248,843	6.38 ***

Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

Essa comparação evidencia que o *Joio* mobiliza *comida* de modo substancialmente distinto do uso corrente na língua. Enquanto no *ptTenTen23* o item se associa a marcadores de tradição, origem ou prazer, no *CorJT* ele é integrado a um sistema classificatório politizado, que organiza os alimentos segundo critérios de processamento, impacto à saúde e inserção industrial. A diferença não é apenas lexical, mas ideológica: *comida*, no discurso do *Joio*, deixa de ser um objeto neutro de consumo. Dessa forma, para o jornal *comida* é um indicador dos efeitos estruturais do sistema alimentar.

As UFs mais recorrentes com comida são, majoritariamente, colocações do tipo substantivo (base) + adjetivo (colocado), conforme apresentado no Quadro 14. Essas

colocações estruturam-se em dois polos opositivos bem definidos. De um lado, encontram-se expressões como *comida saudável* e *comida in natura*, associadas à ideia de adequação nutricional, sustentabilidade e proteção à saúde. De outro, aparecem *comida ultraprocessada*, *comida industrializada* e *comida porcária*, que remetem à degradação nutricional, à padronização industrial e à produção de danos à saúde individual e coletiva.

É importante destacar que esse sistema de oposições não deve ser interpretado como moralização de escolhas alimentares individuais. No *CorJT*, os adjetivos que acompanham *comida* operam como avaliações estruturais dos modelos de produção e distribuição de alimentos. A polarização observada constrói um enquadramento político, no qual o processamento industrial é apresentado como ruim. Nesse sentido, as colocações com *comida* agregam-se ao mapeamento metafórico que fizemos sobre o substantivo alimento (cf. subseção 4.1.3.1), ou seja, aqui a meta é o valor nutricional e o grau de impacto à saúde dos alimentos, para o qual notamos o modelo icônico [DISTÂNCIA], que se desdobra na arquimetáfora AFASTAMENTO É DEGRADAÇÃO ou GRAU DE PROCESSAMENTO É GRAU DE PERIGO. Essa repetição metafórica trabalha reforçando a crítica ao papel da indústria alimentícia na popularização de dietas nocivas à saúde pública.

Os fragmentos de texto apresentados no Quadro 14, a seguir, ilustram com clareza esse funcionamento. *Comida saudável* aparece vinculado a certificações, movimentos agroecológicos e discursos de soberania alimentar. Já *comida ultraprocessada* e *comida porcária*, trazem contextos de uso que enfatizam a lógica corporativa, a baixa qualidade nutricional e os impactos econômicos e sanitários desse modelo alimentar. Assim, *comida* funciona como um ponto discursivo em disputa conectando alimentação, indústria, desigualdade social e saúde coletiva.

QUADRO 14 - Resultados de colocações com *comida*

Fragmentos de texto	UF
Atualmente, o Assentamento Dois Riachões tem quatro selos de produção: o Selo de Orgânicos da Rede de Agroecologia Povos da Mata; o Selo de Orgânicos Internacional da Ecocert; a certificação do movimento Slow Food, que incentiva o consumo de comida saudável (191021JFG)	comida saudável
Eles encontraram um ponto de inversão no qual a comida saudável se torna mais cara do que a comida que também é conhecida como "porcária". (200130GZ)	
Além da exposição a uma infinidade de quiosques com alimentos não saudáveis, os usuários convivem com muita publicidade de comida ultraprocessada . (190909NSVM)	comida ultraprocessada

No país, há nos últimos anos um aumento da ingestão de comida ultraprocessada –que é aquela com elevado índice calórico, além de excesso de sal, gorduras e açúcar e aditivos alimentares; alguns exemplos são macarrões instantâneos, refeições prontas congeladas, refrigerantes, salsichas e outras guloseimas. (210208GZ)	
Isso é ótimo à economia das <i>corporações</i> , que produzem itens de baixa qualidade nutricional em larga escala e os vendem em ritmo acelerado. E péssimo ao bolso dos cidadãos, do qual sai dinheiro para comprar comida porcária e, depois, remédios. (180306MN) A avaliação é de que uma dieta com altos índices de comida porcária é, também, ruim para o ambiente. (190710JP)	comida porcária
Comida congelada a um clique do prato está nos supermercados há décadas, "um exemplo de produtos que poupam serviço e facilitam o trabalho doméstico", diz Rosa Wanda Diez Garcia, autora do artigo "Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana". (210511MMNI)	comida congelada
Com menos terra e água, as famílias perdem a capacidade de produzir. Muitas passam a depender de renda ou auxílios governamentais para comprar alimentos, cada vez mais caros, e trocam comida in natura por produtos ultraprocessados. (221027AA)	comida in natura
No coração da Amazônia, a alimentação de comunidades ribeirinhas passa por uma mudança importante. Comida industrializada chega, alimentos tradicionais vão embora. Entre as causas da transição pode estar um dos principais programas de combate à desigualdade do Brasil. (21105PC)	comida industrializada

Fonte: Dados da pesquisa.

Para além das unidades fraseológicas recorrentes, a exploração das linhas de concordância revelou uma unidade metafórica de interesse: *adoecer de comida*. Diferentemente das colocações anteriormente descritas, essa unidade não apresenta alto grau de convencionalidade fraseológica e não a classificamos como UF. Ela ocorre de forma concentrada em uma única reportagem (220609JP), aparecendo tanto no título quanto ao longo do texto. Essa recorrência interna nos chamou a atenção e nos ajudou a classificá-la como metafórica.

QUADRO 15 - A unidade metafórica *adoecer de comida*

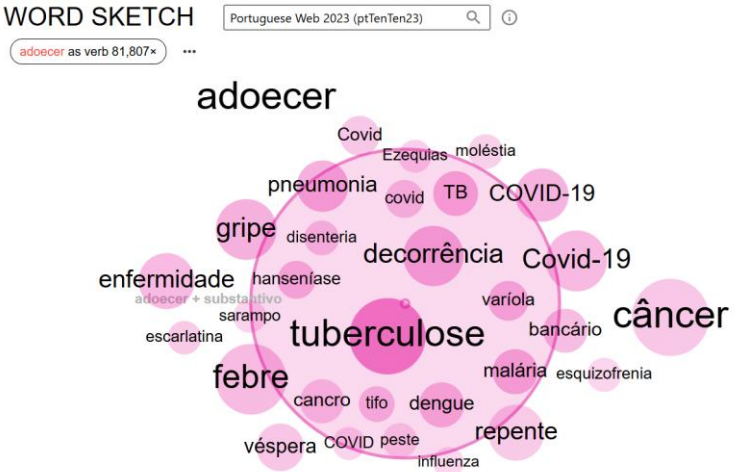
Fragmentos de texto	Unidade metafórica
Aceitaremos que os pobres adoçam de comida no Brasil? País está num caminho (quase) sem volta em relação ao consumo de ultraprocessados.	adoecer de comida

Porque os ultraprocessados são, sem dúvida, um fator de risco para doenças crônicas (diabetes, enfermidades cardiovasculares, câncer), responsáveis pela maior parte das mortes no Brasil. Porque depois de um certo limite de consumo a cultura alimentar tradicional pode ser considerada morta. Ressuscitá-la é quase impossível. Porque manter o rumo das coisas significa admitir que os pobres adoecem de comida. Desde 2006, a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional garante o "direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis". Aceitar que os pobres adoecem de comida não é apenas imoral.	
--	--

Fonte: Dados da pesquisa.

A metáfora em *adoecer de comida* tem como domínio alvo/meta a insegurança alimentar, mas é realizada dentro do modelo icônico [CONFLITO] + [ALIMENTAÇÃO], se realização na arquimetáfora O ALIMENTO É ARMA. Dessa maneira, ela radicaliza os mapeamentos feitos para o verbo *alimentar* e o substantivo *fome*, porque conceptualiza a comida como agente patogênico. A comida deixa de ser apenas inadequada ou prejudicial e passa a ser representada como causa direta de adoecimento, deslocando a responsabilidade do indivíduo para o sistema alimentar que produz, distribui e impõe esse tipo de alimentação. A metáfora projeta sobre *comida* características associadas a agentes de doença, verificamos isso ao buscar o verbo *adoecer* no *corpus* de português geral. Nos resultados, Figura 49, a seguir, percebemos que o verbo em questão é usualmente acompanhado por nomes de doenças ou sintomas, como *tuberculose, câncer, febre, covid, pneumonia*.

FIGURA 49 - *Word Sketch* para *adoecer* no *corpus* de referência



Fonte: Lexical Computing Ltd. (2025).

Nos fragmentos de texto do Quadro 15, a unidade *adoecer de comida* é explicitamente associada à pobreza, às desigualdades sociais e à expansão do consumo de ultraprocessados. O efeito discursivo dessa construção é de impacto, já que ao afirmar que “os pobres adoecem de comida”, o texto rompe com qualquer leitura moralizante e explicita que o adoecimento é resultado de políticas públicas, decisões econômicas e interesses *corporativos*. A comida, nesse enquadramento, torna-se evidência material de um sistema que produz doença em larga escala.

Dessa forma, *adoecer de comida* funciona como síntese discursiva do enquadramento político do *Joio* sobre alimentação. Assim, a análise das ocorrências pode ser sintetizada da seguinte forma: quando a comida é produto de um sistema alimentar com foco em industrialização e lucro, ela deixa de cumprir sua função social de nutrir e passa a operar como mecanismo de produção de dano.

4.4 Prato, mesa e talheres

Uma das buscas que realizamos no *CorJT* foi por palavras que cercam o universo do comer e da cozinha, especialmente após a leitura do trabalho de Monteiro-Plantin (2018), como apresentamos no início da seção de análise. E, não foi muita surpresa, quando encontramos unidades de interesse para a pesquisa com os itens *prato*, *mesa*, *colher* e *faca*. Em alguns casos, temos usos de parêntesis convencionais da língua como: *algo ser um prato cheio*, *meter a colher*, *estar com a faca e o queijo na mão* ou *ser uma faca de dois gumes*. Mas há também modificações que desautomatizam e mostram a criatividade dos jornalistas, como é o caso de *ficar com a faca e o Big Mac na mão* ou ainda *faquinha de rocambole*. No Quadro 16, reunimos as unidades de interesse com o item *prato*.

QUADRO 16 - UFs com *prato* no *CorJT*

Fragmentos de texto	UF	Classificação
A Abia, como não cansamos de mostra aqui no Joio, é um prato cheio de fake news. (190417GZ1) Cenário de guerra e fome na Síria: prato cheio para autoritarismo e morte (200409MN) Um prato cheio para parasitas virais que infectam corpos e mentes. Em meio à pandemia, governo dá crédito milionário a Coca-Cola e Ambev (200525MN) Um prato cheio de polêmicas. Se você quer um passo a passo da história do ILSI, nosso podcast, Prato Cheio, oferece um episódio inteirinho. (210121JP)	Prato cheio	Locução nominal
A tilápia é motivo de polêmicas no Brasil: o pescado exótico, de origens na África e no Oriente Médio, ganha as águas, o mercado e o prato dos brasileiros. (191210JFG)	Prato dos brasileiros	Colocação (Substantivo + Preposição + Substantivo)

No fim, é ele quem define o que chega – ou não – ao prato dos brasileiros . (201021VM)		
Não, prato feito não engorda mais do que fast food (190121JP) Com prato feito do dia, buffet de saladas quentes e frias preparadas com os orgânicos da loja e sucos de frutas nativas, o restaurante comunitário [...] (190815AM)	Prato feito	Colocação (Substantivo + adjetivo)
E outra, de 2011, financiada pela Sadia, que justamente tenta promover o prato pronto congelado como algo benéfico à saúde. (171123JP) Na totalmente terceirizada, a prefeitura paga o prato pronto . (211202CS)	Prato pronto	Colocação (Substantivo + adjetivo)

Fonte: Dados da pesquisa.

No *CorJT*, *prato cheio* aparece com 85 ocorrências. No entanto, é necessário apontar que em apenas oito dessas ele é usado como UF, já que as outras 77 ocorrências são marcadores metalinguísticos fazendo referência ao podcast do *Joio*, o Prato Cheio. Nos fragmentos textuais do Quadro 16, podemos ver que a locução é aparece em sequências como “*é um prato cheio para eles*”, “*é um prato cheio de fake news*”, “*prato cheio para autoritarismo e morte*”, o que evidencia um padrão discursivo do veículo. No *Joio*, a UF *ser prato cheio* funciona como avaliador de cenário favorável para agentes e processos negativos (desinformação, autoritarismo, morte, parasitismo), frequentemente associado a conflitos político-institucionais e a indústria.

Já no *ptTenTen23*, *prato cheio* aparece com 23.243 ocorrências com usos mais generalistas, como em:

- xxv. Um verdadeiro **prato cheio** pros rivais essa reações de muitos ae, podem ter certeza que a reações dara mais "visibilidade" aos rivais do q o próprio apelido em si
- xxvi. É **um prato cheio** para quem gosta de aventura e fantasia, apresentando tanto a América como a África como continentes mágicos e misteriosos, habitados por seres fantásticos e guardando tesouros lendários.
(Fragmentos textuais retirados do *ptTenTen23*)

Ou seja, a unidade é comum nos dois *corpora*, mas no *CorJT* ela é reorientada para um enquadramento crítico.

Em sequência, a colocação *prato dos brasileiros* (5 ocorrências) é uma unidade mais transparente. Ela se estrutura como sintagma nominal que perfila hábitos de consumo e circulação de mercadorias (“ganha... o prato dos brasileiros”; “indispensável no prato dos brasileiros”; “define o que chega — ou não — ao prato dos brasileiros”). No *CorJT*, ele é uma construção metonímica, “o prato” representa a dieta cotidiana, isto é, o consumo real da população. Por sua vez, no *ptTenTen23*, há 295 ocorrências de *prato dos brasileiros*, com exemplos mais ligados a questões da culinária. A única unidade com o item *mesa* encontrada no *CorJT* que classificamos como relevante no contexto da pesquisa é: *mesa dos brasileiros*

(11 ocorrências). Seu contexto de uso é exatamente o mesmo de *prato dos brasileiros*, sendo também uma metonímia, na qual “mesa” representa a dieta cotidiana da população. É interessante notar que uma unidade acontece quase que substituindo a outra. Enquanto *prato dos brasileiros* ocorre em textos de 2019 a 2021, *mesa dos brasileiros* aparece principalmente em textos de 2022. Não há volume de dados suficiente para especularmos uma causa para a troca. O único dado relevante, nesse sentido, são as diferentes autorias dos textos. Jornalistas que assinaram textos onde *pratos dos brasileiros* ocorre não são os mesmos que assinam os textos onde ocorre *mesa dos brasileiros*.

Enquanto isso, *prato feito* é a unidade que tem contextos de uso mais próximos nos *corpora* de estudo e referência. Em ambos os casos, apontam para uma “refeição de preço bem acessível, já servida no prato, composta geralmente de arroz, feijão, carne e, às vezes, algum tipo de legume, podendo incluir ou não sobremesa; pê-efe, prato comercial, sortido” (Michaelis On-line, 2024) ou para a qualidade de uma receita específica como em: *Quem nunca pensou em comer um prato feito de carne seca e desistiu pelo trabalho de preparar, limpar e dessalgar a carne seca?* (fragmento textual retirado do *ptTenTen23*).

Por fim, *prato pronto* aparece no *CorJT* ligado à industrialização e ao processamento: “*prato pronto congelado*”, “*prefeitura paga o prato pronto*”, “*pratos prontos receberiam advertências*”). Enquanto, o *ptTenTen23* mostra usos generalistas, no *CorJT*, a UF se encaixa no enquadramento crítico do sistema alimentar; *prato pronto* se aproxima de *comida industrializada*, isto é, ele também vai em menor grau se inscrever na arquimetáfora de GRAU DE PROCESSAMENTO É GRAU DE PERIGO.

A Figura 50, a seguir, apresenta as UFs que ocorrem no *CorJT* com utensílios.

QUADRO 17 - UFs com utensílios

Fragmentos de texto	UF	Classificação
Foi tocando no tema cozinha que os raivosos, babando inconformados por não se sentirem representados – ah, coitadinhos! – no filme, deram ao Joio a chance de meter a colher no assunto (190329MN)	Meter a colher	Locução verbal
O grupo de lideranças situacionistas, que acumula dois mandatos seguidos com Suzana Lannes na presidência e já teve Glaucia Pastore à frente em outros biênios deste século, está com a faca e o queijo nas mãos para manobrar politicamente e se estender no poder, na ausência de oposição. (181218MN)	Estar com a faca e o queijo na mão	Locução verbal
No fim das contas, o McDonald's fica com a faca e o Big Mac na mão . (210608VM)	Ficar com a faca e o Big Mac na mão	Modificação / desautomatização
Estratégica para o Oeste baiano, Santa Maria da Vitória também entrou na faca (191125JPVM)	Entrar na faca	Locução verbal
Ela tinha uma abordagem mais generalista e se concentrava especialmente nos planos de gestão integrada dos resíduos – ferramentas que representam uma faca de dois gumes , são importantes para aplicação da lei, mas também acabam diluindo	Faca de dois gumes	Locução nominal

as responsabilidades (e sanções, para os grandes poluidores) em diversos atores: os muitos prefeitos e governadores do país. (210511MMNI2)		
Na primeira fase, a Guerra dos Ultraprocessados foi marcada por mísseis de média a nenhuma precisão. Agora, com o recrudescimento, entrou numa batalha campal. Revólver, arminha de mão, faquinha de rocambole : vale qualquer coisa para atingir o inimigo. No ponto central da noite de embates, uma pesquisa com dieta controlada mostrou uma relação de causa e efeito entre ultraprocessados e obesidade. (190710JP)	Faquinha de rocambole	Colocação

Fonte: A autora

Quando observamos as unidades fraseológicas reunidas no Quadro 17, nota-se a recorrência de um mesmo modelo icônico, baseado na combinação de [OBJETO] + [ALIMENTAÇÃO], no qual utensílios como a faca e a colher são mobilizados para estruturar a conceptualização de relações de poder, controle e interferência, ou seja, o domínio meta, nesses casos é o poder. Esse modelo confirma a produtividade metafórica de experiências corpóreas elementares, especialmente aquelas relacionadas ao manuseio de instrumentos e à atividade fisiológica de comer, apontadas por Pamies Bertrán (2002) como fontes privilegiadas de projeção metafórica. No interior desse modelo, as UFs *estar com a faca e o queijo na mão* e *ficar com a faca e o Big Mac na mão* podem ser agrupadas sob a mesma arquimetáfora TER PODER É TER OS RECURSOS PARA O CONSUMO, uma vez que ambas projetam a posse simultânea do instrumento e do alimento como metáfora de uma posição de vantagem decisória. A variação lexical observada na segunda unidade, classificada como modificação ou desautomatização conforme Corpas Pastor (1996), não compromete a estabilidade do modelo icônico, mas evidencia sua capacidade de adaptação a referentes culturais contemporâneos. Já a UF *meter a colher*, igualmente pertencente ao modelo icônico [OBJETO] + [ALIMENTAÇÃO], mas tem como meta a participação não solicitada, e realiza a arquimetáfora INTERFERIR É PARTICIPAR DO PREPARO/CONSUMO, na qual a situação social é conceptualizada como um espaço de preparo alimentar e a intromissão é representada pelo gesto de inserir um utensílio em um processo que não pertence ao agente.

Já as UFs *entrar na faca*, *faca de dois gumes* e *faquinha de rocambole* estão estruturadas em torno do domínio do conflito, observamos a recorrência do modelo icônico [OBJETO] + [CONFLITO], no qual a faca deixa de funcionar como utensílio alimentar e passa a ser conceptualizada como instrumento de agressão ou de dano. Nesse conjunto, as UFs *entrar na faca* e *faca de dois gumes* realizam a arquimetáfora O PERIGO É O CORTE, projetando sobre situações sociais, econômicas ou institucionais a experiência física de ser atingido por um instrumento cortante. No caso de *entrar na faca*, o domínio meta é conceptualizado a partir da posição passiva do corpo frente à ação do objeto, o que reforça a assimetria entre agente e

paciente e a ideia de inevitabilidade do prejuízo. Já em *faca de dois gumes*, a ambivalência da situação é explicada pelas propriedades funcionais do próprio instrumento, cuja capacidade de cortar em direções opostas metaforiza contextos em que uma mesma ação produz simultaneamente efeitos favoráveis e desfavoráveis. Por sua vez, a colocação *faquinha de rocambole* pode ser associada à arquimetáfora INEFICÁCIA É A MÁ QUALIDADE DO INSTRUMENTO, uma vez que projeta a ausência de fio e o caráter inofensivo do objeto sobre a avaliação de indivíduos ou ações, frequentemente com valor depreciativo, reforçando a oposição entre instrumentos eficazes e inócuos no interior do mesmo modelo icônico.

A análise das unidades fraseológicas reunidas no Quadro 17, no permite confirmar a elevada produtividade metafórica de modelos icônicos baseados em objetos cotidianos, particularmente aqueles associados às práticas de alimentação e conflito. A recorrência dos modelos [OBJETO] + [ALIMENTAÇÃO] e [OBJETO] + [CONFLITO] evidencia como a generalização de experiências universais tal qual defende Pamies Bertrán (2002) é produtiva para explicar como os enquadramentos mentais se organizam. A classificação das UFs segundo a tipologia de Corpas Pastor (1996) e sua organização hierárquica em modelos icônicos, arquimetáforas e metáforas particulares, nos termos propostos por Pamies Bertrán (2002), reforçam a hipótese de que a fraseologia não constitui um conjunto arbitrário de expressões isoladas, mas um sistema motivado e coerente, no qual a reutilização de esquemas imagéticos permite tanto a fixação quanto a desautomatização de unidades. Dessa forma, os dados analisados corroboram a relevância dos modelos icônicos como ferramenta descritiva para a investigação da metáfora na fraseologia, ao mesmo tempo em que evidenciam a capacidade adaptativa dessas estruturas em contextos discursivos contemporâneos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa começou com o reconhecimento de que o jornalismo, longe de ser mero transmissor transparente de informações, participa ativamente da construção simbólica da realidade social, operando como espaço privilegiado de produção e circulação de enquadramentos interpretativos que moldam nossa compreensão coletiva de fenômenos complexos. Ao eleger como objeto de estudo o discurso jornalístico especializado do veículo independente *O Joio e o Trigo*, buscamos investigar empiricamente como escolhas linguísticas aparentemente técnicas ou estilísticas materializam, na verdade, disputas simbólicas mais amplas sobre o sistema alimentar contemporâneo, revelando as dimensões políticas e ideológicas inscritas nas práticas discursivas do jornalismo crítico.

A análise do *Corpus O Joio e o Trigo (CorJT)*, composto por 826 textos publicados entre outubro de 2017 e dezembro de 2022 e totalizando mais de 1,3 milhão de tokens, confirmou plenamente nossa hipótese de que o veículo mobiliza, estrategicamente, o léxico do campo alimentar, para construir enquadramentos críticos que operam simultaneamente em duas dimensões complementares. Na primeira dimensão, identificamos extenso conjunto de Unidades Fraseológicas Especializadas (UFEs) que conectam o discurso jornalístico a campos técnico-científicos como nutrição, saúde pública, políticas públicas e geografia urbana, enquadrando a alimentação como problema estrutural de justiça social e territorial, por meio de unidades como *sistema alimentar*, *segurança alimentar*, *insegurança alimentar*, *deserto alimentar* e *pântano alimentar*. Na segunda dimensão metafórico-ideológica, demonstramos como domínios concretos da alimentação são sistematicamente projetados sobre processos abstratos de poder através de modelos icônicos como [ALIMENTAÇÃO], [CONFLITO], [PAISAGEM] e [ESPAÇO], personificando atores econômicos e explicitando assimetrias por meio de arquetipos como A FOME É UM INIMIGO, GRAU DE PROCESSAMENTO É GRAU DE PERIGO e ALIMENTO É ARMA.

Particularmente significativa foi a constatação de que as UFEs identificadas transcendem o uso meramente descritivo, funcionando como dispositivos conceituais que estruturam cognitivamente formas específicas de compreender o sistema alimentar. A sobre-representação proporcional dessas unidades no *CorJT* quando comparadas ao *corpus* de referência *Portuguese Web 2023*, que variaram de 16 vezes (*deserto alimentar*) a 702 vezes (*alimentos ultraprocessados*), evidencia não apenas especialização temática, mas mobilização estratégica de um vocabulário técnico e político, que desloca a alimentação do plano das escolhas individuais para o terreno das estruturas econômicas, políticas e territoriais. Demonstramos, também, que mesmo UFEs aparentemente não-metafóricas, como *sistema*

alimentar e *varejo alimentar*, ativam enquadramentos conceptuais implícitos, que naturalizam determinadas formas de compreender a produção e distribuição de alimentos, revelando como a camada terminológica e a camada metafórica se imbricam, na construção de representações ideologicamente orientadas.

A análise sistemática dos padrões fraseológicos e metafóricos associados aos itens lexicais *aliment**, *fome*, *comida* e utensílios domésticos revelou redes conceptuais complexas que estruturam o discurso do *Joio* em torno de oposições sistemáticas, como em *ultraprocessado versus* saudável, *processado versus* fresco ou *segurança versus* insegurança, as quais constroem polarizações que não permitem neutralidade interpretativa. As múltiplas metáforas identificadas para a fome, conceptualizada, no *CorJT*, simultaneamente como inimigo a ser combatido, agressor que atinge populações, privação de liberdade e mercadoria explorada economicamente, convergem para representar o fenômeno não como fatalidade natural ou falha individual, mas como resultado de escolhas políticas e econômicas estruturalmente determinadas. Essa multiplicidade metafórica não constitui inconsistência discursiva, mas estratégia que permite ao veículo mobilizar simultaneamente urgência emocional (fome como guerra), marcos normativos (livre da fome como direito humano) e denúncia estrutural (fome como produto da especulação financeira), oferecendo recursos linguístico-cognitivos para que leitores compreendam a alimentação como campo político que demanda transformação sistêmica.

As reflexões desenvolvidas sobre a prática jornalística, articulando os achados empíricos da análise com as proposições teóricas mobilizadas na fundamentação, permitiram compreender o jornalismo especializado e independente não como nicho temático, mas como espaço de produção de enquadramentos contra-hegemônicos necessários no tecido discursivo social que disputam ativamente as estruturas cognitivas pelas quais a sociedade compreende questões de interesse público. Como já demonstramos, ao mobilizar recorrentemente UFEs e metáforas específicas, o *Joio* não apenas reporta sobre alimentação, mas contribui para o que Castells (2009) denomina recrutamento neural, processo pelo qual a repetição sistemática de enquadramentos fortalece circuitos cognitivos que estruturam percepção e ação. Nesse sentido, a circulação ampliada do vocabulário crítico identificado no *CorJT* representa disputa pela própria forma como pensamos coletivamente a alimentação, oferecendo alternativas linguístico-conceptuais às narrativas hegemônicas que naturalizam o sistema alimentar contemporâneo como resultado inevitável de forças de mercado.

Embora os objetivos da pesquisa tenham sido alcançados satisfatoriamente e a hipótese confirmada, reconhecemos limitações que apontam caminhos produtivos para

desenvolvimentos futuros. Uma primeira limitação refere-se ao recorte temporal do *corpus*, que coincide quase integralmente com contextos políticos específicos (governos Temer e Bolsonaro), o que sugere a necessidade de pesquisas futuras que expandam a análise para materiais publicados após 2022, permitindo investigações diacrônicas que identifiquem possíveis transformações nos padrões fraseológicos e metafóricos, em resposta a mudanças no cenário político brasileiro, e verificando se as sobre-representações observadas refletem padrões discursivos estáveis do veículo ou são respostas conjunturais a contextos específicos.

Uma segunda limitação relaciona-se à ausência de análise contrastiva sistemática com outros veículos jornalísticos, ou seja, por mais que tenhamos utilizado o *Portuguese Web 2023* como *corpus* de referência geral, esse *corpus* abrange múltiplos gêneros textuais e não permite comparações controladas com o jornalismo praticado por outros veículos especializados em alimentação ou por veículos tradicionais que cobrem o tema. Essa é uma lacuna que pesquisas futuras poderiam preencher, compilando *corpora* de revistas gastronômicas, cadernos de alimentação de jornais de grande circulação ou outros projetos de jornalismo independente, testando empiricamente a hipótese de que veículos comerciais dependentes de publicidade mobilizam enquadramentos substancialmente distintos.

Uma terceira limitação, de ordem teórico-metodológica, diz respeito ao fato de que privilegiamos unidades fraseológicas e metafóricas explícitas textualmente e identificáveis por meio de ferramentas computacionais, abordando apenas tangencialmente outras dimensões igualmente relevantes do discurso jornalístico, como estruturas argumentativas, modalização e atribuição de agência, dimensões que pesquisas futuras poderiam explorar articulando análise fraseológica e metafórica, com categorias da Análise de Discurso Crítica ou da Linguística Sistêmico-Funcional.

Apesar dessas limitações, consideramos que a pesquisa oferece contribuições significativas que transcendem o conhecimento específico sobre o jornalismo praticado pelo *Joio* e alcançam o desenvolvimento teórico-metodológico de estudos que investigam as dimensões políticas das escolhas linguísticas em contextos midiáticos. O caráter inovador desta tese reside precisamente na articulação produtiva entre Linguística de Corpus, Fraseologia, Estudos da Metáfora e teorias críticas do jornalismo, para refletir sobre a prática jornalística a partir de fundamentos empíricos rigorosos. A Linguística de Corpus revelou-se instrumental não apenas como conjunto de técnicas para manipulação de dados textuais, mas como perspectiva epistemológica que permite transformar intuições sobre o funcionamento da língua, em proposições empiricamente testáveis e quantitativamente fundamentadas. Ferramentas como listas de palavras-chave, concordâncias, colocações e *Word Sketches* possibilitaram

identificar padrões de uso que não seriam imediatamente evidentes através de análise manual, revelando regularidades sistemáticas, que confirmam o princípio idiomático de Sinclair (1991), segundo o qual grande parte da linguagem é formulaica e convencionalizada, não produto de escolhas livres e ilimitadas.

Mais fundamentalmente, a adoção de metodologia *corpus-driven* permitiu que os padrões fraseológicos e metafóricos emergissem dos próprios dados, evitando imposição prévia de categorias teóricas e revelando estruturas discursivas que poderiam permanecer invisíveis, em abordagens puramente qualitativas ou baseadas em *corpora* menores. A comparação sistemática entre o *CorJT* e o *Portuguese Web 2023*, possibilitada pelas ferramentas computacionais, forneceu base empírica robusta para afirmar que determinadas escolhas linguísticas não são convenções gerais da língua, mas marcas específicas de um projeto editorial que assume explicitamente compromissos com causas sociais e ambientais. Ao demonstrar empiricamente como essas escolhas se organizam em sistemas coerentes, seja por meio de redes de UFEs interconectadas ou modelos icônicos recorrentes e arquimetáforas estruturantes, nossa pesquisa confirma que o discurso jornalístico não é produto de decisões linguísticas aleatórias, mas materialização de enquadramentos ideológicos deliberadamente construídos, sustentados e retomados.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida demonstra a relevância de investigações linguísticas empiricamente fundamentadas para a compreensão crítica do jornalismo como prática social e como espaço de exercício de poder simbólico. Ao revelar os mecanismos linguístico-cognitivos específicos pelos quais o *Joio* constrói representações da alimentação como problema de justiça social e territorial, oferecemos não apenas descrição de um caso particular, mas modelo metodológico replicável para estudos que buscam compreender como veículos jornalísticos de diferentes orientações ideológicas mobilizam recursos da língua, para naturalizar determinadas visões de mundo. As unidades fraseológicas e metafóricas identificadas operam muito além do nível de ornamentos retóricos ou acidentes da expressão, pois se mostram escolhas estratégicas que participam ativamente de disputas hegemônicas pelo direito de nomear, classificar e avaliar fenômenos sociais, revelando que a luta política contemporânea passa necessariamente pela luta simbólica sobre as próprias categorias linguísticas, com as quais pensamos coletivamente a realidade social.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. W. Deliberative, agonistic, and algorithmic audiences: Journalism's vision of its public in an age of audience transparency. **International Journal of Communication**, v. 5, p. 529-547, 2011. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/884>. Acesso em: 25 set. 2025.
- ATTON, C.; HAMILTON, J. F. **Alternative journalism**. London: Sage, 2008. <https://doi.org/10.4135/9781446216163>
- BERBER SARDINHA, T. A ocorrência de metáforas é previsível? **Revista de Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 211–240, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28622>. Acesso em: 3 mar. 2024. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.2.211-240>
- BERBER SARDINHA, T. **Lingüística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.
- BERBER SARDINHA, T. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BEVILACQUA, C. R. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. **Revista Língua & Literatura**, v. 6 e 7, n.10 e 11, p. 73-86, 2004-2005.
- BEVILACQUA, C. R. Unidades Fraseológicas Especializadas: estado da questão em relação a sua definição, denominação e critérios de seleção. **TradTerm**, v. 11, p. 237-253, 2005. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2005.49689>
- BRASIL. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Diário Oficial da União, Brasília, 18 set. 2006.
- BRASIL. **Mapeamento dos desertos alimentares no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social, 2018. Disponível em: https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/noticias/arquivos/files/Estudo_tecnico_mapeamento_desertos_alimentares.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed., 1. reimpr. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. 156 p.
- BRASIL. **Relatório de avaliação das medidas regulatórias sobre ambiente alimentar escolar em unidades federativas e cidades participantes da Estratégia Alimentar Cidades** [livro eletrônico]. Organização: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Elaboração: Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Ambiente Alimentar e Saúde. Brasília: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2025. PDF. ISBN 978-65-01-68633-2. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/promocao-da-alimentacao-adequada-e-saudavel/promocao-da-alimentacao-saudavel-nas-escolas/publicacoes/diagramacao-ambiente_alimentar.pdf. Acesso em: 14 dez. 2025.
- BRUNS, A. **Are Filter Bubbles Real?** Cambridge: Polity Press, 2019.

BUENO, W. C. Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas. In: BUENO, W. C.; MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. de (Org.). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. p. 279-301. Disponível em: <http://editora.metodista.br/publicacoes/jornalismo-especializado-no-brasil> Acesso em: 08 jul. 2025.

CADERNOS OBHA. Brasília: Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares, v. 1, n. 4, 2023. e-ISSN: 2763-8324. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Q2HfVUfDYL4l0gYOh1TW4ZVBAuHguYRh/view>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CAMARGO, C. A.; NONATO, C.; PACHI FILHO, F. F.; LELO, T. V. Jornalismo financiado por plataformas: análise dos apoios concedidos aos arranjos alternativos às *corporações* de mídia. **E-Compós**, [S. l.], v. 26, 2023. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2821>. Acesso em: 9 fev. 2024. <https://doi.org/10.30962/ec.2821>

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The Emergence of Metaphor in Discourse. **Applied Linguistics**, v. 27, n. 4, 2006, p. 671–690. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/aml032>. Acesso em: 10 abr. 2025.

CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, 2017. <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.4.i1.0002>

CASTELLS, M. **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTELLS, M. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CEDIEL G. *et al.* (2023) Editorial: Ultra-processed foods and human and planetary health. **Frontiers in Nutrition**, [s. l.], v. 10, p. 1-3, set. 2023. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/nutrition/articles/10.3389/fnut.2023.1297262/full>. Acesso em: 03 mar. 2026. <https://doi.org/10.3389/fnut.2023.1297262>

CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2004. <https://doi.org/10.1057/9780230000612>

CORPAS PASTOR, G. **Diez años de investigación en fraseología: Análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos**. Madrid: Iberoamericana, 2003. <https://doi.org/10.31819/9783865278517>

CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología**. Madrid: Gredos, 1996.

CORREIA, J. C. O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público. **Revista de Comunicação e Linguagens**, v. 27, p. 193-212, 2000.

DEIGNAN, A. **Metaphor and Corpus Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. <https://doi.org/10.1075/celcr.6>

ETTEMA, J. S.; GLASSER, T. L. **Custodians of conscience: investigative journalism and public virtue**. New York: Columbia University Press, 1998.

EVISON, J. What are the basics of analysing a *corpus*? In: O’Keeffe, Anne; McCarthy, Michael (org.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. 1a ed. Nova York: Routledge, 2010. p. 122-135. <https://doi.org/10.4324/9780203856949-10>

FAIRCLOUGH, N. **Media Discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003. <https://doi.org/10.4324/9780203697078>

FAO. **Sustainable food systems: concept and framework**. Rome: FAO, 2018.

FERNANDES, A. B. Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. **Anais [...]** Salvador: UNEB, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3nYQVdz>. Acesso em: 20 set. 2022.

FORTES, L. **Jornalismo investigativo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FROMM, G. *et al.* Wordsmith Tools e Sketch Engine: um estudo analítico-comparativo para pesquisas científicas com uso de *corpora*. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.L.], v. 28, n. 3, p. 1191-1248, 27 maio 2020. Faculdade de Letras da UFMG. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.28.3.1191-1248>

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUEDES DE SOUZA, B M. Estudo exploratório: fraseologia e metáfora em O joio e o trigo. In: Ariel Novodvorki. (Org.). **Estudos exploratórios em Linguística de Corpus 3: Fraseologia e Metáfora**. 1ed.Araraquara: Letraria, 2024, v. 3, p. 32-47. Disponível em: <https://www.letraria.net/estudos-exploratorios-em-linguistica-de-corpus-3/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014. <https://doi.org/10.4324/9780203783771>

HUNSTON, S. **Corpus Approaches to Evaluation - Phraseology and Evaluative Language**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

HUNSTON, S. How can a *corpus* be used to explore patterns? In: O’Keeffe, Anne; McCarthy, Michael (org.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. 2a ed. Nova York: Routledge, 2022, p.152-166. <https://doi.org/10.4324/9780203856949-12>

HUNTER, M. L. **Story-based inquiry**: a manual for investigative journalists. Paris: UNESCO, 2011.

IJUIM, J. K. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31-43, jul./dez., 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3hXPCYo>. Acesso em: 10 set. 2022.

INSEGURANÇA ALIMENTAR. In: LETRAS, Academia Brasileira de. **Novas Palavras**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/inseguranca-alimentar>. Acesso em: 15 out. 2025.

KARAM, F. J. C. Ética. In: MARCONDES FILHO, C. (org.). **Dicionário da Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014. p. 241. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/528180504/Dicionario-Da-Comunicacao-Ciro-Marcondes-Filho>. Acesso em: 15 out. 2025.

KOESTER, A. Building small specialised *corpora*. In: O’Keeffe, Anne; McCarthy, Michael (org.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. 2a ed. Nova York: Routledge, 2022, p. 48-61. <https://doi.org/10.4324/9780367076399-5>

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002. <https://doi.org/10.1093/oso/9780195145113.001.0001>

LACERDA, D. **O jornalismo digital no Brasil e a busca da identidade perdida**. 2016.121 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/21304> Acesso em 20 jul. 2023.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEE, D. Y. W. What *corpora* are available? In: O’Keeffe, Anne; McCarthy, Michael (org.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. 1a ed. Nova York: Routledge, 2010, p.107-121. <https://doi.org/10.4324/9780203856949-9>

LENZI, A. Jornalismo nativo digital brasileiro: um estudo de caso do Nexo. **Revista Famecos**, v. 27, n. 1, p. e36102-e36102, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/36102>. Acesso em: 10 abr. 2024. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.36102>

LEXICAL COMPUTING LTD. **Glossary**. Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/guide/glossary/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MAUTNER, G. What can *corpus* tell us about discourse? In: O’Keeffe, Anne; McCarthy, Michael (org.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. 2a ed. Nova York: Routledge, 2022, p.250-262. <https://doi.org/10.4324/9780367076399-18>

MIGUEL, K.; FLÔRES, V. S.; MAZZARINO, J. M. Jornalismo especializado, conferências ambientais e processos de agendamento: a Rio+20 na *Folha de S.Paulo* e no *O Estado de S.Paulo*. In: BUENO, Wilson da Costa; MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (org.). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. p. 331-350. Disponível em: <http://editora.metodista.br/publicacoes/jornalismo-especializado-no-brasil> Acesso em: 08 jul. 2025.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

MONTEIRO, C. A. *et al.* Ultra-processed foods: what they are and how to identify them. **Public health nutrition**, v. 22, n. 5, p. 936-941, 2019. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/public-health-nutrition/article/ultraprocessed-foods-what-they-are-and-how-to-identify-them/E6D744D714B1FF09D5BCA3E74D53A185>. Acesso em: 05 mar. 2026. <https://doi.org/10.1017/S1368980018003762>

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Gastronomismos lingüísticos: un enfoque fraseológico y cultural. **Language design: journal of theoretical and experimental linguistics**, vol. 20, 2018, p. 121-149. Disponível em: http://elies.rediris.es/Language_Design/LD20/indice_vol20.html Acesso em: 05 jan. 2024.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. Vol. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 309p.

MORAES, D. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In: Moraes, D. (org.). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 102-142.

MORITI NETO. Trump quer mamar, mesmo que os bebês desmamem. **O Joio e o Trigo**, 13 jun. 2018. Texto não disponível.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTTA, L G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

NEVES, M. H. M. **Como as palavras se organizam**. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Como-as-palavras-se-organizam-em-classes.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2022.

NOVODVORSKI, A. A equivalência tradutória de argentinismos: um estudo contrastivo léxico-fraseológico em *corpus* jornalístico de matérias políticas. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 5, p. 1628–1648, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37416>. Acesso em: 9 fev. 2024. <https://doi.org/10.14393/DL32-v11n5a2017-13>

NOVODVORSKI, A. Fraseologia especializada e relações metafóricas em *corpus* jornalístico de espanhol rio-platense. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 51, n. 3, p. 1192–1206, 2022a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3283>. Acesso em: 27 jan. 2024. <https://doi.org/10.21165/el.v51i3.3283>

NOVODVORSKI, A. O sufixo -AZO em unidades léxico-fraseológicas: uma análise contrastiva espanhol/português em *corpus* jornalístico. **Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas** (RNAEL), v. 16, n. 32, 2022b.

DOI:10.26378/rnlael1632476. Disponível em:

https://www.academia.edu/113662508/O_sufixo_AZO_em_unidades_l%C3%A9xico_fraseol%C3%B3gicas_uma_an%C3%A1lise_contrastiva_espanhol_portugu%C3%AAs_em_corpus_jornal%C3%ADstico. Acesso em 25 jan. 2024.

PAMIES BERTRÁN, A. De la idiomaticidad y sus paradojas. En G. Conde (Ed.), **Nouveaux apports à l'étude des expressions figées**, Fernelmont: EME, 2007, p. 173-204.

PAMIES BERTRÁN, A. Modelos icónicos y archimetáforas: algunos problemas metalingüísticos en el ámbito de la fraseología. **Language design: journal of theoretical and experimental linguistics**, n. 4, 2002, p. 9-20. Disponível em:

http://elies.rediris.es/Language_Design/LD4/pamies.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

PAVLIK, J. V. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001. <https://doi.org/10.7312/pav11482>

PAYNE, J. A. As três esferas do comportamento ideológico no jornalismo. **Orbis Media Review**, 14 set. 2020. Disponível em: <https://orbismedia.org/as-tres-esferas-do-comportamento-ideologico-no-jornalismo/>. Acesso em: 30 out. 2025.

PERES, J. Presidente do PSDB usou o cargo para tratar de atividade como investidor da Coca. **O Joio e o Trigo**, 27 out. 2017. Disponível em:

<https://ojoioetrigo.com.br/2017/10/presidente-do-psdb-usou-o-cargo-para-tratar-de-atividade-como-investidor-da-coca/>. Acesso em: 05 maio 2025.

PIRES, S. D. T.; NASCIMENTO, T. S. Influência da Mídia na Opinião Pública. In: NASCIMENTO, Tássia S. (org.). **Jornalismo e comunicação social: práticas tradicionais e novas fronteiras tecnológicas**. Ponta Grossa: Aya, 2025, p. 35-43. Disponível em:

<https://ayaeditora.com.br/Livro/35568/> Acesso em: 08 ago. 2025.

<https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.407.4>

PRIMO, A. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RAMONET, I. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados?. In: Moraes, D. (org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013a, p. 50-68.

RAMONET, I. A explosão do jornalismo na era digital. In: Moraes, D. (org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013b, p. 83-101.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. **Digital News Report 2025**. Oxford: Reuters Institute, 2025. Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025>. Acesso em: 10 de nov. 2025.

ROMAGNA, M. E. **O discurso do jornal O Joio e O Trigo sobre fome e insegurança alimentar**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258855>. Acesso em: 04 abr. 2024.

ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RYCHLÝ, P. A Lexicographer-Friendly Association Score. Proc. 2nd Workshop on Recent Advances in Slavonic Natural Languages Processing, **RASLAN**, p. 6-9, 2008. Disponível em: https://www.sketchengine.eu/wp-content/uploads/2015/03/Lexicographer-Friendly_2008.pdf. Acesso em: 03 mai. 2025.

SANTA ANA, O. Brown Tide Rising: **Metaphors of Latinos in Contemporary American Public Discourse**. Austin: University of Texas Press, 2002. <https://doi.org/10.7560/777668>

SCABIN, N. L. C. Potencialidades e desafios do jornalismo em face da desertificação da alimentação: enquadramentos do campo alimentar no podcast Prato Cheio. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 145–162, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/73393>. Acesso em 04 abr. 2025. <https://doi.org/10.12957/logos.2023.73393>

SECO, M. **Gastronomismos nas Expressões Idiomáticas do português do Brasil e seus correspondentes em francês da França**. 2017. 191 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/151706>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SERRANO, P. Democracia e liberdade de imprensa. In: Moraes, D. (org.). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 69-81.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 31-42, 2009.

SILVEIRA, S. C. Modelos de negócio em jornalismo digital. In: SAAD, E.; SILVEIRA, S. C. **Tendências em comunicação digital**. São Paulo: ECA/USP, 2016, p. 78-93.

SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SINCLAIR, J. *Corpus* and Text: basic principles. In: WYNNE, M. (ed.). **Developing Linguistic Corpora**: a guide to good practice. Oxford: AHDS, 2005. p. 1-16.

O JOIO E O TRIGO. **Quem Somos**. 2023. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

OLIVEIRA, I. M. **Expressões idiomáticas com a temática alimentação**: uma proposta de glossário Português – Inglês. 2022. 137 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/43862>. Acesso em: 21 jan. 2025.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2005.

TANDOC JR., E. C. Journalism is twerking? How web analytics is changing the process of gatekeeping. **New Media & Society**, v. 16, n. 4, p. 559-575, 2014.
<https://doi.org/10.1177/1461444814530541>

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. v. 1. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. v. 2. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005b.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

APÊNDICES

Apêndice A

Tabela 1 – Identificação unidades com potencial fraseológico para o lema *aliment**

Ocorrências com variações			Frequência	Observações
abastecimento	alimentar	-	8	
aditivo(s)	alimentar(es)	-	14	
alergia(s)	alimentar(es)	-	2	
(o) agro /agronegócio brasileiro	alimenta	o mundo	6	
ambiente(s)	alimentar(es)	-	79 ⁴⁸	Campo da geografia
		comunitário	3	
		digital	10	
Brasil	alimenta	o mundo	8	Slogan
cadeia	alimentar	-	3	
cena	alimentar	-	1	Campo do teatro/artes
classificação	alimentar	-	2	
consumo	alimentar	-	5	
corporações	alimentares	-	8	
costumes	alimentares	-	2	
crise	alimentar	-	4	
cultura(s)	alimentar(es)	-	89	
		está na mira da gourmetização	1	Campo da guerra
		está tão ameaçada	1	Campo da guerra
democracia	alimentar	-	2	Campo da política
deserto(s)	alimentar(es)	-	25	Campo da geografia
desigualdade(s)	alimentar(es)	-	17	
diretrizes	alimentares	-	9	
distúrbios	alimentares	-	2	
diversidade	alimentar	-	6	
educação	alimentar	-	24	
escolha(s)	alimentar(es)	-	50	
genocídio	alimentar	-	2	Campo da guerra
palco geopolítico	alimentar	-	1	
guerras	alimentadas	-	1	
guia	alimentar	-	274	
hábito(s)	alimentar(es)	-	71	
		saudáveis	4	
modismos	alimentares	-	3	
indústria	alimentar/alimentícia	-	79	
		aumenta a fila da saúde	1	A indústria como pessoa
insegurança	alimentar	-	237	Campo da guerra
		grave	31	
		leve	5	
atacar a insegurança	alimentar	em duas frentes	1	Campo da guerra
introdução	alimentar	-	10	
justiça	alimentar	-	2	Campo das leis
monotonia	alimentar	-	2	
padrão(ões)	alimentar(es)	-	46	
		adequado	1	
		tradicionais	3	

⁴⁸ Resultado total de frequência da UF incluindo as variações listadas.

piora do padrão	alimentar	-	3	
pântano(s)	alimentar(es)	-	30	Campo da geografia
pirâmide	alimentar	-	15	
	dos alimentos	-	3	
política	alimentar	-	15	
prática(s)	alimentar(es)	-	11	
		adequada	2	
		promotoras de saúde	3	
		saudáveis	1	
problema	alimentar	-	7	
produção	alimentar	-	6	
políticas públicas	alimentares	-	3	
questão(ões)	alimentar(es)	-	8	
status quo	alimentar	-	1	Campo social
regime(s)	alimentar(es)	-	23	
revolução	alimentar	-	1	
segurança	alimentar	-	554	Campo da guerra
sistema(s)	alimentar(es)	-	155	
		alternativo	2	
		amplo e acessível	1	
		assimétrico e injusto	1	
		brasileiro	6	
		democrático e justo	1	
		global(is)/globalizado	6	
		hegemônico(s)	6	
		mais saudável(is) e sustentável(is)	2	
		mundial	2	
		neoliberal	2	
		saudável(is)	6	
		saudáveis e sustentáveis	4	
		sustentável(is)	5	
		sustentável(is) e saudável(is)	1	
		tradicionais	1	
		urbano	1	
soberania	alimentar	-	31	
suplemento(s)	alimentar(es)	-	24	
transição	alimentar	-	3	
transtorno(s)	alimentar(es)	-	7	
varejo	alimentar	-	4	Campo econômico
vulnerabilidade	alimentar	-	4	
-	alimenta	a espiral de violência	1	Campo da guerra
-	alimentar	a população	6	
-		a indústria	1	A indústria como ente humano
-		a voracidade do setor	1	Campo da guerra
-		a rede ilícita	1	Campo da guerra
-	alimentam	a destruição	2	Campo da guerra
-		as brincadeiras	1	Campo da infância

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice B

Tabela 2 – Síntese de dados quantitativos do lema *aliment**

UF/UFE	Freq. <i>CorJT</i> (por milhão)	Freq. <i>ptTenTen23</i> (por milhão)	Razão ⁴⁹
segurança alimentar	357,06	5,58	64
insegurança alimentar	152,75	1,08	141,21
sistema alimentar	99,9	0,38	262,28
varejo alimentar	2,58	0,07	37,80
status quo alimentar	0,64	<0,01	>1500
ambiente alimentar	45,12	0,04	1094,85
deserto alimentar	16,11	0,01	>1500
pântano alimentar	15,47	<0,01	>1500
alimentar a espiral de violência	0,64	<0,01	-
alimentar a rede ilícita	0,64	<0,01	-
alimentar a destruição	1,29	<0,01	-
alimentar a ancestralidade	0,64	<0,01	-
alimentar a indústria	1,29	0,04	34,18
alimentar a visão	0,64	0,01	71,38
alimentar o sonho	0,64	0,15	4,40
alimentar a voracidade do setor	0,64	<0,01	-
o Brasil alimenta o mundo	5,16	<0,01	>1500
alimento(s) ultraprocessado(s)	188,84	0,27	702,03
alimento(s) saudável(is)	66,39	1,76	37,72
alimento(s) fresco(s)	43,18	0,5	86,66
alimento(s) orgânico(s)	29	0,86	33,68
alimento(s) processado(s)	25,14	0,80	31,41
alimento(s) industrializado(s)	21,27	<0,01	31,37
alimento(s) básico(s)	19,98	0,32	62,87

Fonte: Dados da pesquisa.

⁴⁹ Quantas vezes maior é a ocorrência dessas unidades no *corpus* de estudo.